CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

INSTITUTO MARIELLE FRANCO: ESCREVIVÊNCIAS, MEMÓRIA E O LEGADO DE MARIELLE FRANCO

Anielle Francisco da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em relações étnico-raciais deste programa.

Orientadora:
Prof.ª Drª Maria de Fátima Lima

Rio de Janeiro
Novembro 2021

INSTITUTO MARIELLE FRANCO: ESCREVIVÊNCIAS, MEMÓRIA E O LEGADO DE MARIELLE FRANCO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título em mestre em relações étnico-raciais.

Anielle Francisco da Silva

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professora Dra. Maria de Fátima Lima Santos (UFRJ/PPRER-CEFET/RJ)

_____

Professora Dra. Luiza Oliveira (UFRJ)

_____

Professora Dra. Bianca Santana (Casa Sueli Carneiro)

_____

Professora Dra. Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ)

SUPLENTES

_____

Professora Dra. Pâmella Passos (IFRJ)

_____

Professora Dra. Talita de Oliveira (CEFET/RJ)

Rio de Janeiro
Novembro 2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S586 Silva, Anielle Francisco da
Instituto Marielle Franco: escrevivências, memória e o legado de Marielle Franco / Anielle Francisco da Silva. — 2021.
121f. : il. (algumas color.) , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.
Bibliografia : f. 116-121
Orientadora: Maria de Fátima Lima

1. Franco, Marielle, 1979-2018. 2. Relações étnicorraciais. Mulheres – Condições sociais. 3. Rio de Janeiro (RJ) – Política social. 4. Mulheres na política. 5. Mulheres negras. I. Lima, Maria de Fátima (Orient.). II. Título.

CDD 920.72

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA



Marielle irradia luz
Fonte: Mayara Donaria (2018)

Dedico esse trabalho à Marielle Franco (em memória), minha irmã, companheira, anja negra, melhor amiga, inspiração minha e de tantas mulheres negras e força de todas as mulheres de minha família que me carregaram até aqui. Vocês foram e são luzes em minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, meu Deus, Maria, todos os meus anjos e santos, por tudo, hoje e sempre.

Obrigada, minhas mais velhas por abrirem caminhos e me inspirarem. Obrigada, meus ancestrais, por me guiarem e me iluminarem.

Minha gratidão à mainha, que me ensina a ser como eu sou desde seu ventre de forma única e aguerrida, fazendo com que eu me encha de orgulho todos os dias por ser fruto dessa árvore tão potente que é ela. Obrigada, rainha, por nunca ter desistido de mim e ter me ensinado o que é ter fé, a seguir em frente e a nunca abaixar a cabeça em momentos difíceis.

Agradeço também ao meu pai, que sempre segurou minha mão nos momentos mais conturbados, de forma pacata e firme, me trazendo calmaria. O senhor é um exemplo de resiliência e serenidade que até hoje me toca e me inspira.

À minha irmã Marielle Franco, que me inspira, me ilumina, e segue soprando em meus ouvidos sabedorias ancestrais que vão além de qualquer conexão em vida. É ancestralidade, é amor, é sopro de esperança, é minha anja negra, é, acima de tudo, meu acalanto.

À Luyara, que me apoia do seu jeitinho singelo, quieto, único e me faz ser uma pessoa melhor ao lado dela. Com você, enxergo que as diferenças são ainda mais fortes, porém entrelaçadas.

A Mariah e Eloah, que me fazem ser minha melhor versão: uma mãe preta cheia de sonhos, por mim e por elas.

Ao meu companheiro de todas as horas, Fred, que me completa e faz a vida sorrir de forma serena com mais cumplicidade, paz e parceria. Te amo por tudo que você é e por tudo que sou quando estou com você.

À minha orientadora Fátima Lima, que me acolheu em seu orí, me enchendo de amor, conhecimento e esperança de que eu posso tudo. Sem o seu olhar, nada disso seria possível. Você é luz, força e potência!

A Pâmella Passos, Cristina Giorgi, Bruno Deusdará e Talita Oliveira, por terem acreditado em mim desde o começo e terem me ajudado a traçar e alcançar mais esse passo importante em minha vida.

A Bianca Santana, Sueli Carneiro e Luiza Oliveira, por aceitarem esse desafio de caminhar junto a mim e me inspirar com seus trabalhos, posicionamentos e uma visão de mundo sem igual.

Ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), a todos os meus colegas e professores desse programa incrível que me abriu portas e me trouxe amizades leais e realizações.

A toda equipe do Instituto Marielle Franco por terem me apoiado e me auxiliado durante todo esse processo em que me torno mestra.

RESUMO

Instituto Marielle Franco: escrevivências, memória e o legado de Marielle Franco

Esta dissertação se ocupa da história do Instituto Marielle Franco, buscando reconhecer, apresentar, e fundamentar sua criação e seu desenvolvimento, que foi uma resposta ao crime covarde e brutal que vitimou Marielle Franco, vereadora negra, assassinada em 14 de março de 2018, no município do Rio de Janeiro. A resposta a toda essa barbárie foi manter esse legado vivo e seguir regando as sementes de Marielle. Dessa forma, o Instituto Marielle Franco se constrói como um espaço coletivo de resistências, frente às violências raciais, de gênero, contra as sexualidades, territoriais, entre outras que têm atravessado os corpos/subjetividades de mulheres negras e indígenas, nossos corpos, em contextos amefricanos. Nesse sentido, analisarei e traçarei uma conexão entre as escrevivência e a criação do Instituto Marielle Franco, bem como três dos seus principais projetos desenvolvidos no ano de 2020. O primeiro será o "Para onde vamos", uma pesquisa feita com 250 mulheres negras ativistas para pensarmos a saída da crise da covid-19 a partir das mulheres negras. O segundo será a "Plataforma Antirracista nas Eleições" (PANE), que traz a agenda Marielle Franco, no qual sintetizamos os projetos e ideias de Marielle, colocando num papel o fazer e o pensar político de Marielle em seu mandato de um ano e três meses. Por fim, será analisada uma pesquisa inédita sobre violência política contra mulheres negras, em que entrevistamos 142 candidatas negras, comprometidas com a agenda Marielle Franco, para entendermos os níveis de violência sofrido por elas durante a campanha de 2020. Através dessas três ações, é possível perceber o legado vivo, deixado por Marielle Franco como forma singular e coletiva de vida, principalmente vidas femininas e negras. Estarão presentes aqui as escrevivência, memórias e inquietações mais profundas do transformar dor em luta diária, num texto escrito por uma mulher negra, a própria diretora executiva do Instituto Marielle Franco.

Palavras chaves: Marielle Franco; Escrevivências; Memória; Silenciamento.

ABSTRACT

Marielle Franco Institute: writings, memory and the legacy of Marielle Franco

This work aims to recognize, present, and justify the creation of the Marielle Franco Institute as a response to the cowardly and brutal crime of Marielle Franco, a black city councilwoman, murdered on March 14, 2018. Our response to all this barbarism was to maintain this living legacy and continue watering Marielle's seeds. In this way, the Marielle Franco Institute was constituted as a collective space of resistance in the face of racial, gender, sexuality, territories, among others that has crossed the bodies / subjectivities of black, indigenous women, in Amefricans contexts. In this sense, I will analyze and trace a connection between our offices and the creation of the Marielle Franco Institute, as well as three of our main projects in the year 2020. The first will be the Where to We Go, which was a survey of 250 black women activists for think of the way out of the crisis from black women. The second was PANE - Anti-racist platform in the elections, which brings the Marielle Franco agenda where we summarize Marielle's projects and ideas, putting Marielle's doing and political thinking on paper in her term. Finally, an unprecedented survey where we interviewed 142 black candidates committed to the Marielle Franco agenda to understand the levels of violence they suffered during the 2020 campaign. Me, a black woman, mother, and Marielle's sister, today, as executive director of the Instituto Marielle Franco, I bring our records, memories and deepest concerns about transforming our grief, our pain, into a daily struggle, as proof of resistance and not being silenced after all this injustice. Our ideas are bulletproof and through hard work, we will continue fighting for justice, watering the seeds, defending the memory, and multiplying this great legacy, which will not be silenced, even forgotten, through this work and many others.

Key words: Marielle Franco; Escrevivências; Memory; Silencing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 –	Família, força e sorrisos	14
Fotografia 2 –	Minha força	16
Fotografia 3 –	Caminhos possíveis	17
Fotografia 4 –	Quebrando barreiras	19
Fotografia 5 –	A força da dedicação	19
Fotografia 6 –	O amor é maternal	22
Fotografia 7 –	Amor e fé	27
Figura 1 –	Legado	32
Figura 2 –	Anastácia livre	36
Fotografia 8 –	Nossos passos vêm de longe	49
Fotografia 9 –	Semente	49
Figura 3 –	HQ Marielle Franco Raízes	56
Fotografia 10 –	Senhor Antônio, pai de Marielle e Anielle, entregando HQs Marielle Franco Raízes na Maré	57
Fotografia 11 –	Distribuição da HQ Marielle Franco Raízes no Parque das Missões, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em outubro de 2021	57
Fotografia 12 –	Alunas do Observatório de Favelas na Maré recebem HQs Marielle Franco Raízes	58
Fotografia 13 –	Participação do Instituto Marielle Franco na ONU	58
Fotografia 14 –	Mapa Corona nas Periferias (no site do Instituto Marielle Franco) mostrando todos os pontos de doação	58
Fotografia 15 –	Irmãs de alma	61
Fotografia 16 –	Memória e amor	62
Fotografia 17 –	Nossas escrevivências importam. Eu, Bianca Santana, Carolina Rocha (Dandara Suburbana) e Christiane Gomes em um evento na Casa das Pretas, em agosto de 2019	64
Fotografia 18 –	Marielle gigante	65
Fotografia 19 –	Legado e luta. Lançamento do Instituto Marielle Franco em 27 de julho de 2019 com uma roda de conversa do Papo Franco, no galpão Bela Maré	67
Fotografia 20 –	Marielle potência. Manifestação de 7 dias de morte de Marielle e Anderson	70
Fotografia 21 –	Seguiremos. Manifestação a caminho do velório de Marielle e Anderson	72
Fotografia 22 –	Marielle nossa ancestral. Manifestação após 7 dias de	

	assassinato de Marielle e Anderson	76
Fotografia 23 –	Marcha das Mulheres Negras de 2018	78
Fotografia 24 –	Seguindo passos	79
Fotografia 25 –	Lutando por nossos direitos	80
Fotografia 26 –	Marielle eterna. Paris 2019	81
Figura 4 –	Logo do Instituto Marielle Franco	85
Fotografia 27 –	Família e legado. Primeira edição do Papo Franco em homenagem ao aniversário de Marielle. Da esquerda para direita: Anielle, Marinete, Luyara e Antônio	86
Fotografia 28 –	Mulheres negras movem estruturas. Evento do Instituto Marielle Franco na Anistia em 2019	87
Fotografia 29 –	Forças negras. Instituto Marielle Franco – outubro de 2019	88
Fotografia 30 –	Ação do Instituto Marielle Franco em 14 de março de 2020, 2 anos sem respostas. "Lenção por Marielle". Rio de Janeiro, 2020	89
Fotografia 31 –	Ação *Live* da Elza por Marielle. Instituto Marielle Franco, 2020	89
Fotografia 32 –	Casa Marielle Franco, 2020.	90
Figura 5 –	Projeto Agora é a Hora. Instituto Marielle Franco, ONG Criola, Perifa Connection e Movimenta Caxias	90
Fotografia 33 –	Estátua Marielle Franco (meramente ilustrativa) em construção como um dos projetos futuros do Instituto Marielle Franco	91
Figura 6 –	Arte do Instituto Marielle Franco para as atividades do mês de março de 2020	91
Figura 7 –	Arte do Instituto Marielle Franco para o lançamento do dossiê no dia 14 de março de 2020	92
Figura 8 –	Arte da série Pra onde vamos	92
Figura 9 –	Capa HQ Marielle Franco Raízes	93
Figura 10 –	Capa do Livro A radical imaginação política das Mulheres negras brasileiras	93
Figura 11 –	Arte feita para a campanha sobre as possíveis interferências no caso Marielle e Anderson	94
Fotografia 34 –	Família na luta	94
Figura 12 –	Pesquisa Mulheres negras decidem: para onde vamos	96
Figura 13 –	Arte desenvolvida pelo Instituto Marielle Franco para a divulgação da PANE	102
Figura 14 –	Plataforma Antirracista nas Eleições	102

Figura 15 –	Agenda Marielle Franco: do discurso à prática Marielle	102
Figura 16 –	Arte feita para a divulgação da Agenda Marielle Franco	103
Fotografia 35 –	Entrega da agenda para Benedita da Silva por Sr. Antônio, pai de Marielle Franco	103
Fotografia 36 –	Acompanhamento das candidaturas da Agenda	104
Fotografia 37 –	Acompanhamento das candidaturas da Agenda	104
Figura 17 –	Arte: Acompanhamento das candidaturas da Agenda	105
Figura 18 –	Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"	105
Figura 19 –	Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"	107
Figura 20 –	Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"	108
Figura 21 –	Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"	109
Fotografia 38 –	Audiência com o Ministro	110
Fotografia 39 –	Arquivo pessoal do twitter	112

SUMÁRIO

Introdução **13**

1 Mulheres negras movem as estruturas: feminismos negros e o Instituto Marielle Franco **32**

1.1 Nosso movimento responde a um forte chamado ancestral 44

2 Memória viva e pulsante **60**

3 Rosa da resistência: sementes **72**

3.1 Ela: a filha de Iansã, Nossa Senhora Aparecida e Marinete 72

3.2 Eu: movida por raiva e vestida com armadura 77

4 Rosa da resistência: desabrochando **82**

4.1 O nascimento do Instituto como forma de resistência 82

4.2 Mulheres negras decidem para onde vamos 95

4.3 Agenda Marielle Franco 99

4.4 Violência política contra mulheres negras: eleições 2020 105

Considerações Finais **113**

Referências **116**

Introdução

> A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos
> Conceição Evaristo,
> A escrevivência e seus subtextos

Esta dissertação tem como eixo central o Instituto Marielle Franco e a percepção de como, a partir da sua criação e do seu desenvolvimento, o legado e a memória de Marielle Franco se mantêm enquanto sementes e se multiplicam pelo mundo. No entanto, falar desse lugar, enquanto irmã de Marielle Franco, e de sua construção sem atravessar o corpo e a subjetividade da pesquisadora é impossível. Minhas escrevivências antecedem a própria criação do Instituto Marielle Franco e se misturam com a própria vida, com sentimentos, afetos e dores, bem como com a própria criação do Instituto Marielle Franco.

Essas escrevivências são singulares, mas também coletivas. Como uma escrita de nós, ela é capaz de fazer encontrar as vidas e histórias de mulheres negras em contextos afrodiaspóricos. Assim como Carolina Maria de Jesus legitima esse termo em seus diários, eu também pretendo legitimar minhas vivências, minhas dores, através do que me corta, mas também do que as abarca. As dores, como as (re)existências, são processos experimentados também em coletividades.

Para além da dimensão política da feminista negra, militante dos direitos humanos, Marielle é minha irmã. É um desafio dissertar a partir desse lugar, é reviver dores, mas pode ser também cura no sentido que bell hooks (2010) coloca em vivendo de amor, permitindo-nos um olhar mais abrangente do que podemos e desejamos ser. Mesmo diante de dores jamais mensuradas ou pensadas, escrevo a partir do meu lugar de entendimento do mundo, lugar a que tenho muito orgulho de pertencer.

"Anielle da Maré"[1]. Era assim que eu era reconhecida e mencionada em todos os lugares que frequentava até meus 16 anos. Filha de dois migrantes negros, a "Naninha", como minha irmã me chamava carinhosamente, e ainda me chama mainha, andava sempre com um orgulho estampado no rosto por ser a única favelada e negra em quase todos os lugares que frequentava.

[1] O complexo de favelas da Maré está localizado na zona Norte do Rio de Janeiro e tem, hoje, um total de 400 mil habitantes.

Ainda que muito determinada e arisca, cresci com muitos medos, sonhos e desejos intensos de me tornar uma jogadora de vôlei profissional. Nasci e me criei no complexo da Maré, na zona Norte do Rio de Janeiro. A Maré é o meu lugar. Compartilho impressões com Arlindo Cruz quando canta sobre Madureira, “o meu lugar é cercado de luta e suor, esperança num mundo melhor. [...] Ai que lugar, tem mil coisas para a gente dizer” (MEU LUGAR, 2007, n. p.).



Fotografia 1 – Família: força e sorrisos
Fonte: Acervo pessoal da autora (1994).

Esse lugar, digo e repito, é traçado por desigualdades e lutas diárias, mas também por redes de solidariedade e por propiciar a formação de uma geração de militantes no campo dos direitos humanos, principalmente nas agendas atravessadas pelo racismo genderizado, que tanto cercam as favelas do país.

Durante anos, eu me deslocava por horas para ir à escola, depois me dirigia diretamente para o clube onde era federada para jogar vôlei, sempre acreditando que um dia daria uma vida muito melhor para minha família. Acredito que quase toda criança

tem esse sonho quando nasce na favela e vive na pele as dificuldades geradas por toda desigualdade que assola nosso país.

Todos os dias eu carregava uma marmita deliciosa, que trazia não só comida, mas muita dedicação e afeto de minha mãe e uma mochila cheia de sonhos e dedicação para passar mais de 15 horas na rua. É um cuidado que até hoje percebo e sinto, um cuidado que é geracional, ancestral e sem igual. É a história de mais uma família negra, que poderia ser facilmente contada em qualquer parte do mundo. Essa é uma das dimensões escreviventes, como nos ensina Conceição Evaristo: a experiência de um em comum.

A cada treino, a cada dia, a cada batalha, eu voltava para casa cheia de esperança que isso um dia acontecesse. Como muitas crianças negras que temos nesse mundão, meu sonho também era crescer e ajudar meus pais e minha irmã financeira, psicológica e emocionalmente. Não bastava ser jogadora, eu queria oferecer o mundo para eles. No entanto, no fundo, eu sabia que isso jamais viria de maneira fácil. Por isso, a rotina era intensa, cansativa e deveras pesada.

Minha mãe me acordava às 4:30 da manhã, preparava um café reforçado e delicioso, com muito cuscuz, leite, pão, ovos e queijo, ela também me ajudava a organizar minha quase mala, era assim que eu chamava minha mochila gigante, pois afinal eu passaria o dia inteiro na rua. Por fim, ela me levava até a avenida Brasil, para que eu pudesse pegar um ônibus lotado e cruzar a cidade às 5:30 da manhã.

Apesar de amar o esporte e de ter certeza de que era algo que poderia me acrescentar muitas coisas, pensei diversas vezes em desistir, pois era totalmente fora da minha realidade gastar tanto dinheiro sem nenhum retorno breve. Eu tinha que comprar tênis, roupa, joelheira, pagar passagem e me alimentar na rua.

Isso não era a realidade de muitas famílias brasileiras, muito menos de famílias negras, faveladas e pobres, como a minha. Dentro de mim, a esperança crescia e se multiplicava. Ao mesmo tempo, no dia a dia, não via como eu faria isso se tornar realidade diante de tudo que vivíamos. Não via, mas havia uma certeza de que daria certo. Afinal, como sempre ouço minhas mais velhas dizerem: “nossos passos vêm de muito longe”. Desistir nunca fez parte da vida de mulheres negras que lutam diariamente contra um sistema opressor e que vivem sempre no eixo da resistência. Obviamente, comigo não poderia ser diferente. Ainda assim, não desisti de seguir

tentando e buscando formas de ir atrás daquilo que muito desejava e meus pais diziam que um dia eu conseguiria.

Nossa família sempre foi muito humilde, batalhadora, estudiosa, aguerrida, e eu me sentia na obrigação de não decepcionar meus pais e minha irmã, que gastavam horas e horas para me sustentar, criando-me da maneira mais digna possível. Diante disso, eu não aceitava errar, porque via todo o esforço deles para me ajudarem a crescer enquanto filha, irmã, estudante, jogadora de vôlei, mulher e pessoa.

Assim, eu me cobrava muito pensando no objetivo de fazê-los orgulhosos de mim e de tudo que eu estava conquistando. Cada treino era um passo à frente, um incentivo, era um pouco do meu eu mais profundo dizendo que daria certo.



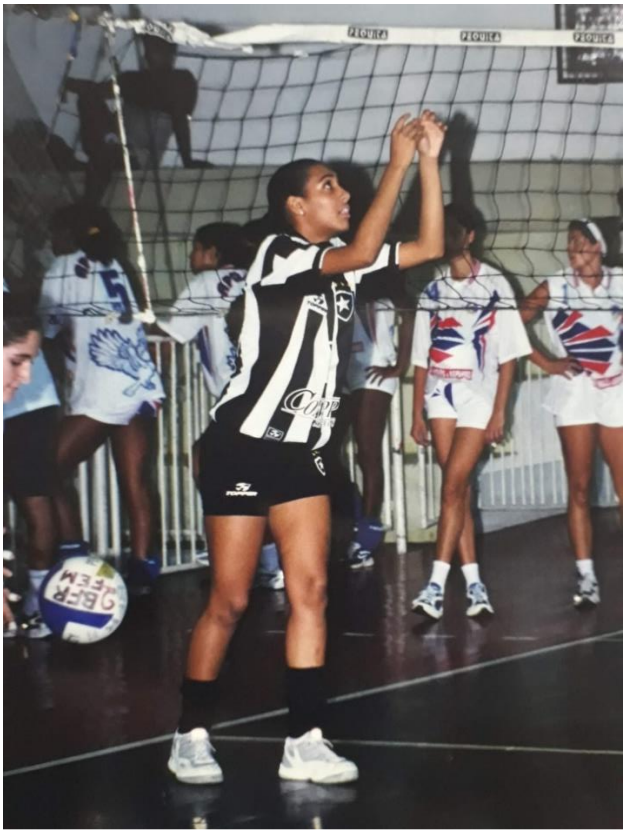
Fotografia 2 – Minha força
Fonte: Acervo pessoal da autora (1989).

No meio disso tudo, sem fugir à realidade de muitas meninas faveladas que se tornam mães ainda adolescentes, minha irmã engravidou, entrando para essas estatísticas brasileiras comuns em locais menos estruturados. Nesse momento, seríamos cinco, tínhamos um enxoval a montar e uma preocupação com mais uma boca para alimentar.

Nossos trabalhos dobraram, mas nossa fé se multiplicou: minha irmã, mesmo grávida, e meus pais trabalharam incansavelmente para suprir a falta de apoio da figura paterna que já afetava minha sobrinha desde seu nascimento. Sabíamos que as

responsabilidades aumentariam e que teríamos que nos ajudar ainda mais. Assim fizemos.

Ainda muito nova, passei a jogar vôlei no clube Vasco da Gama onde fiquei por três anos. Depois, joguei no clube Botafogo por muitos outros anos. Lá, fui uma das primeiras jogadoras da minha idade a receber cesta básica e vale transporte e foi também meu último clube no Brasil, um clube localizado na zona sul da cidade e que me fazia ver todos os dias uma outra realidade que não era a minha.



Fotografia 3 – Caminhos possíveis
Fonte: Acervo pessoal da autora (1999).

Eu ficava encantada com aquelas casas e apartamentos enormes de frente para a praia, enquanto nós morávamos de frente para uma vala aberta. Logo cedo, porém, aprendi a ser grata por tudo que a vida nos oferecia. Então, admirar aquele lugar distante de minha casa, mesmo que apenas por poucos minutos, era um momento de inspiração.

Eu me inspirava em meus pais e em minha irmã para seguir caminhando. Lembro literalmente do rosto deles quando souberam que não teríamos mais que gastar com passagem para eu ir e vir, pois todos os dias era necessário tomar quatro ônibus, ainda economizaríamos nas compras do mercado por estarmos recebendo cesta básica.

Naquele dia, eu me senti a menina mais valiosa do mundo, porque, afinal, era com o vôlei, aquele esporte que me amadureceu, me tornou mulher e me fez escapar das estatísticas dentro da favela que eu estava ajudando os meus, com o mínimo que fosse, mas ajudava.

Era uma época difícil, um período no qual qualquer ajuda e qualquer esforço nos tornava ainda mais próximos e unidos. Alguns anos depois, veio mais uma recompensa: uma bolsa de estudo integral me permitiria estudar em um colégio particular na zona Sul do Rio de Janeiro. Que conquista! Era mais um passo dado e mais um sopro de orgulho para minha família.

Mais uma vez, o esporte da minha vida me abria portas para algo novo. Então, eu me formei no ensino médio conhecida como a menina que se esforçava e cruzava toda a cidade para jogar vôlei e estudar. Mas não parei por aí. No mesmo ano em que conquistei meu diploma do antigo segundo grau, nessa escola, recebi uma das maiores e melhores oportunidades de minha vida: um convite para morar e estudar nos Estados Unidos, jogando vôlei com bolsa integral, casa, comida e salário. Era mais uma recompensa de todo o meu esforço.

A felicidade era visível a cada ligação que minha mãe, meu pai e minha irmã davam aos familiares e amigos para contar que a caçula estava indo para outro país para jogar e estudar. Encheram a boca para lembrar-me de cada momento de dedicação minha a que assistiram e que me ajudaram a conquistar. Aceitei e fui.

Nos Estados Unidos, vivi momentos inesquecíveis, que me tornaram ainda mais forte como pessoa e mulher negra. Experimentei na pele diversos preconceitos, medos e solidão em um país que não era o meu. Sozinha. Não foi fácil. Lembro-me que, em um determinado jogo de vôlei na Carolina do Norte, jogadores de futebol americano, todos brancos, me chamaram de *puta brasileira*. Eu só chorava e não entendia o motivo de tanta hostilidade. Conversei com professores e coordenadores e os denunciei à coordenação geral dos estudantes estrangeiros, que se dirige à professora cuja função era de *adviser* e, portanto, cuidava dessas questões. Falei ainda com o técnico deles. O desfecho foi positivo: eles se retrataram, sob pena de pagarem multa caso não o fizessem. Outra sanção foi a obrigatoriedade de prestação de serviços comunitários.



Fotografia 4 – Quebrando barreiras
Fonte: Acervo pessoal da autora (2008).



Fotografia 5 – A força da dedicação
Fonte: Acervo pessoal da autora (2009).

Em outra ocasião, não me deixaram participar de um programa de estágio por ter um sotaque muito brasileiro. Não só isso, mas nesse dia me chamaram de burra apenas afirmando que, no Brasil, as pessoas costumam estudar pouco. Ingênuos. Mal sabem o quanto somos incríveis e desconhecem a estrutura educacional brasileira.

Mais uma vez eram apenas pessoas brancas fazendo a seleção. Meses depois, quando uma professora minha se tornou diretora do estágio, pude ver inúmeros colegas, e inclusive eu, estagiando no jornal da cidade. Várias vezes, passei por situações

constrangedoras apenas por ser brasileira e muita gente se achar no direito de julgar e ser preconceituosa.

Todas essas situações eram graves. Uma, entretanto, foi gravíssima: um dos meus técnicos de vôlei me assediou de maneira suja, afirmando que todas as brasileiras que ele conhecia eram prostitutas. Ele não só falou isso em palavras claras, como tentou me coagir, sozinha, dentro de sua sala de trabalho, com partes íntimas expostas. Denunciei-o com ajuda de uma querida professora e ele respondeu por seus atos: foi afastado de suas funções, substituído por uma mulher.

Foram anos de aprendizado e resistência, anos tentando entender que racismo era esse que sempre dava um jeito de me achar. Que xenofobia era essa com a qual eu vivia me deparando dentro daquele país. Até entender que isso iria fazer parte da minha vida para sempre, até aprender, conversar com meus pais e com Marielle sobre cada acontecimento, e, aí sim, pude me fortalecer e crescer nas dores. Lutei e galguei meu espaço dia após dia. Todo dia eu lembrava a mim mesma que minha mãe e minha irmã trabalhavam horas e horas nas feiras da Maré vendendo roupas e sapatos para que pudéssemos pagar meu visto e minha passagem.

Afinal, temos, na família, por parte de mãe, tios que ainda hoje se sustentam como sapateiros e fazem peças incríveis. Elas venderam também sacolé de porta em porta para nossos vizinhos, deram aulas particulares e pediram ajuda a diversos amigos. Já meu pai teve que fazer muitas horas extras e pegar alguns trabalhos por fora também para contribuir. Lembro também, perfeitamente, dos meus amigos da escola fazendo vaquinha para me ajudarem. Meus professores compraram minhas roupas de frio e ajudaram com meus documentos. Todes juntes acreditando que eu era a esperança de novos tempos e me ajudando a galgar ainda mais vitórias nessa trajetória chamada vida.

Isso era a favela vencendo, era uma demonstração concreta de esforço coletivo para colaborar para o sucesso de uma de suas crias, o que poderia se reverte em bem coletivo também. Era a prova de que todo o esforço diário que fiz durante anos, estava sendo reconhecido e recompensado. Eu me sentia incrível quando dizia que meus pais teriam uma filha que se formaria nos Estados Unidos. Saí da favela para o mundo, mas a favela nunca saiu de dentro de mim e jamais sairá. Levei meu nome, o nome de minha família, a força de minhas raízes, o orgulho do complexo de favelas da Maré e do meu país para as quadras estadunidenses. Mas não era só isso. Eu estava estudando, me

formando, e jogando em universidades onde 90 por cento dos alunos eram negros e negras. Uma experiência única, da qual eu jamais me esqueci ou me esquecerei.

Tenho tudo que vivi lá anotado em um diário que fez parte de todos os meus anos. Aprendi que a escrita era fundamental para me manter próxima e ligada aos meus. Como diz Sueli Carneiro, "escrever me permitiu organizar e qualificar a reflexão [...]. Tornou-se instrumento de combate, respondendo à necessidade de produção [...]" (CARNEIRO, 2020, p. 11) de todos os sentimentos mais profundos e incômodos.

Cada carta recebida de minha mãe era um turbilhão de lágrimas e força. Cada carta escrita por minha irmã vinha sempre com um desenho lindo de minha sobrinha que me fazia pedir a Deus que tudo aquilo passasse rápido. Cada carta de meu pai vinha sempre com todos os pontos que eu tinha marcado naquela temporada e uma foto da família me esperando. Foram anos vivendo e experimentando uma outra cultura, anos de saudade, de prática da escrita, de uma doce, mas demorada espera de notícias e muito aprendizado. Eu dividia com eles e com outras pessoas próximas minhas impressões e relatava meu cotidiano, porque sempre acreditei, assim como Bianca Santana, que:

> a partilha em comunidade, tão recorrente entre quem está à margem da estrutura econômica do capital, precisa ser constatada como tecnologia social potente, como possibilidade de futuro, não apenas como sintoma de exclusão. Precisamos mergulhar em nossas histórias para encontrar os tesouros que nos permitem estar vivas. Quem sabe, ao narrar tais tesouros, estejamos mais perto das chaves para um futuro igualitário e de justiça social [...]. (SANTANA, 2019a, p. 18).

Partilhar o que nós, mulheres negras, sabemos e o que vivemos nos faz ainda mais fortes diante de tantas provações. Meu diário não traz somente minhas vivências, mas também falas, sentimentos, conselhos dos meus que, mesmo de longe, me faziam enxergar a importância de lutar, crescer e somar desde sempre. Naquele momento, meu diário era meu grande amigo.

Conceição Evaristo me faz lembrar com muito afeto e carinho de minha mãe quando diz em um de seus textos que "[...] a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências" (EVARISTO, 2020, p. 52).

É como se eu pudesse fechar os olhos e lembrar de tantos momentos junto à minha família, liderados por minha mãe, narrando fatos e saudades e, ao final, mandando a gente aprender a gostar de ler e escrever. Mainha me incentivava através de suas próprias escrevivências. Com suas palavras, conseguia exemplificar como ela,

mulher aguerrida, nordestina, sobreviveu a situações mais difíceis do que eu enfrentava naquele momento.



Fotografia 6 – O amor é maternal
Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Em uma de minhas muitas escrevivências, lembro que um dia liguei para os meus pais e minha irmã, dizendo que eu tinha conhecido meu primeiro professor negro e minha primeira técnica de vôlei negra. Lembro-me do meu sorriso e do deles. Falamos por Skype e pude me sentir ainda mais firme, ao ver aqueles rostinhos com expressão de orgulho. Além do choque cultural, isso era um espelho. Era esperança. Era poder acreditar que vencer também seria possível para nós, para mim. Aprendi com meus pais que, na experiência da vida, a gente se fortalece e compartilha. E quando nossa "[...] aprendizagem da escrita está na vida" (EVARISTO, 2020 p. 34) há uma imensa possibilidade de transbordarmos tudo que sabemos e inspirar outras pessoas. Conceição Evaristo conceitua "escrevivência" como a escrita que nasce de nosso cotidiano, de nossas lembranças, da experiência de viver e sentir a vida real, enquanto mulheres negras, historicamente jogadas à margem de um projeto falho de sociedade, racialmente dividido. É certo que o simples fato de compartilharmos nossas perspectivas subjetivas nos ajuda a inspirar outras mulheres. (FRANCO, 2020)

"A escrita nasceu para mim como [...] entendimento da vida" (EVARISTO, 2020 p. 34), como cura, como voz, como calmaria, como choro, como até mesmo uma

“[...] necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. [...] Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas.” (EVARISTO, 2020, p. 34).

Seguindo uma linha na qual me inspiro e me reconheço, Bianca Santana nos diz que:

> os escritos de mulheres negras e sua grande capacidade intelectual e combativa, em um cenário tão restritivo, de se constituírem como sujeitos e produzirem informações e conhecimento, permitem a existência de mais escritoras e intelectuais negras. A projeção pública que ganham escritoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo cria, no imaginário coletivo, um repertório de que mulheres negras são também escritoras, produtoras de informação, conhecimento e memória. Uma memória coletiva que não é só de mulheres negras. Mas que está sendo escrita, também, por mulheres negras. (SANTANA, 2019b, p. 302).

Nos meus últimos anos de vida, fui invadida por um imenso incômodo no meu mais profundo íntimo, sobretudo quanto à perda de minha irmã, à percepção sobre os usos oportunistas de seu nome e, de certo modo, algum abandono de pessoas próximas após sua partida, principalmente por deixarem muito só sua filha, Luyara. Através da escrita, consegui me conectar com meus mais diversos sentimentos e inquietações. Tais sentimentos comprovam que

> [...] escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. (EVARISTO, 2020, p. 35).

Uma das marcas mais profundas dessas vivências são as relações vivenciadas em meu contexto familiar. Sempre aprendi com meus pais e minhas tias maternas que representatividade importa, e muito. Um exemplo desse aprendizado acontecia quando meu pai me perguntava, quando mais nova, quantas jogadoras de vôlei negras eu via nos jogos.

Assistíamos aos jogos locais, olímpiadas, mundiais e diversas competições para vermos os países nos quais apareceriam mulheres, permitindo que eu me reconhecesse e me sentisse representada. Era uma forma de ele me incentivar e dizer que eu poderia traçar meu caminho, independentemente de qualquer coisa.

A satisfação do meu pai quando encontrávamos alguma mulher negra, mesmo que de muito longe, era imensa. Assim, ele ficou muito feliz ao ver meu time, meus

amigos de faculdade, meus professores e as pessoas com quem eu convivia nos Estados Unidos, cuja maioria eram negras e negros.

Costumo dizer que eu sempre soube que eu era negra, porque minha família nunca deixou que eu me esquecesse disso nenhum dia. Na verdade, eu era uma "amefricana", por fazer "[...] parte do imenso proletariado afro-latino-americano" (GONZALEZ, 2020, p. 146), mas o ser nem sempre é o saber. Minha mãe quase sempre lembrava a mim e à minha irmã que era importante entendermos que tínhamos saído dela, éramos seu fruto. Ela diz ainda hoje que sua árvore, seu útero, seu ventre fez e criou frutos fortes. Mulheres fortes, à frente de seu tempo que jamais negariam suas raízes. E sempre concluía, dizendo que temos que ser as melhores, pois somos negras e faveladas, e ser somente boa não é suficiente.

Eu escutava suas palavras, mas, na prática, não entendia o que significava aquilo. Minha pouca idade e a maturidade ainda por vir me impediam de compreender o significado de cada palavra dita por ela. Descobri. na prática. o que minha mãe queria dizer para me alertar e me incentivar em tudo que ainda poderia surgir em meu caminho. Esse caminho, jamais seria traçado ou pensado, se não fosse pelo apoio e o amor que minhas mulheres, as mulheres de minha vida, me ofereceram e fizeram transbordar em mim desde pequena.

Minha relação com as mulheres de minha família, principalmente minha mãe e minha irmã, sempre foi pautada no acolhimento, no respeito e no amor, aquele amor que impulsiona e faz ir além. Como diz bell hooks, "o amor cura" (hooks, 2010, n. p.), alavanca, um amor que nos dá a certeza de que temos alguém do nosso lado. "Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor." (hooks, 2010, n. p.). E que poder tinha e segue tendo o amor dos meus e das minhas!

Durante alguns anos no meu time, sendo a única negra e moradora de favela, na maioria das vezes, eu me sentia também solitária, porque olhava para o lado e não havia ninguém como eu. Ser a única menina que cruzava o túnel da zona norte para a zona sul do Rio de Janeiro e que usava creme no cabelo me fez crescer mais forte e firme, como minha base, constituída principalmente pela minha mãe e tias, que me ensinavam a viver na época. Eu me sentia invisível no meio de tanta gente diferente, mas foi com meus pais e minha irmã me acompanhando em um jogo de vôlei que eu aprendi,

efetivamente, o que minha mãe dizia. No momento que passo a relatar, eu me reafirmei negra através da dor, do choro e da raiva que ali me tomou. Entendi o que era trabalhar para ser a melhor, de acordo com o que meus pais sempre me ensinavam.

A dor, muitas vezes, serve para nos paralisar diante de alguma covardia, injustiça, medo e até em momentos de dúvidas. Mas, quando ela não é usada dessa forma, pode ser nosso gás, nosso oxigênio, nosso impulso, nosso degrau. Entendi isso com apenas 16 anos, com muito choro e indignação. Mas aprendi.

Em um determinado jogo, em um episódio cruel de racismo, após ter sido uma das melhores jogadoras da partida, marcando o maior número de pontos, fui chamada de "macaca, favelada, nariguda", e de "cabelo ruim" pela torcida adversária. O episódio me faz lembrar Sueli Carneiro em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, quando descreve uma situação em que uma jogadora de vôlei da seleção brasileira refere-se às mulheres da seleção de Cuba como "aquelas negas", mostrando "a necessidade de adjetivar racialmente a seleção [...]" (CARNEIRO, 2011, p. 124) como fizeram comigo. Muitas outras jogadoras fizeram um jogo incrível. Mas a única adjetivada fui eu, a "nega" do time adversário.

Naquele dia, o choro do meu pai e o grito da minha mãe, somados ao tapa que minha irmã deu na moça que insistia em me chamar assim, me fizeram chorar, acordar, ser tomada por um sentimento de ódio e injustiça, mas, ao mesmo tempo, ter orgulho de minha origem, e prometer a mim mesma que daquela dor cresceria uma mulher, negra e decidida, que lutaria contra todo e qualquer tipo de opressão que atravessasse meu caminho. Hoje, como Bianca Santana (2015, p. 15), afirmo: "[...] com alegria que sou negra [...]", negra de uma forma da qual me orgulho e me levanto todos os dias, buscando condições melhores para todas nós.

Mas, conforme disse acima, nenhum sacrifício foi feito em vão. Os 12 anos de vida nos Estados Unidos, alguns diplomas, amizades infinitas e o encontro com diversas lideranças negras que até hoje me inspiram me ajudaram a traçar meu caminho e me fizeram entender o quanto minha ancestralidade se fez e se faz presente.

> Eu sabia que a mulher negra pode se empoderar quando sua consciência a respeito do modo como ela entende a vida cotidiana se transforma. Tal consciência pode estimulá-la a seguir um caminho de liberdade pessoal, mesmo que essa liberdade exista primordialmente em seu próprio pensamento (COLLINS, 2019, p. 21).

Era assim que eu pensava em cada traçar dos meus caminhos e destino. Minha caminhada não começou ontem. São séculos de luta, resistência, superação e transformação, liderados por mulheres negras. Isso é parte de um transformar que quase sempre vem seguido de um luto ou experiência de dor e feridas que não se apagam da noite para o dia. É um transformar de muitas mulheres que, assim como eu, precisaram aprender na dor, na garra, no amadurecimento, no desabrochar do fazer dar certo, na vontade de superar tudo e no olhar pelo lado positivo.

Muitas vezes, nós, mulheres negras, não temos opção: ou seguimos firmes, ou não seguimos. É assim que sempre cultivo meus sonhos, sonhos esses, que, por vezes, tiveram que ficar para trás. Outros, eu ainda guardo dentro de mim para realizar em breve. Na luta por dias melhores, os sonhos fazem com que eu, essa mulher centrada em meus desejos e anseios, permaneça de pé.

Entre todos os ensinamentos de meus pais, minha irmã e minhas tias, a força da família que me leva adiante e me faz enxergar além o maior legado que recebi. Nesse contexto, o vôlei rendeu o que tinha que render e segue me proporcionando dias de paz, leveza, memórias e gratidão, o esporte pagou meus estudos e me deu uma língua estrangeira na qual me tornei fluente, algo pouco comum entre jovens negros nas universidades do Brasil[2], mas aquela aprendizados representavam um patrimônio incomparável.

Acrescente-se a isso, o fato de eu querer ir além do esporte: meu sonho depois disso era ser professora. Galguei então minha trajetória docente, ainda não por completo, pois sei que um dia ainda entrarei em uma universidade como professora doutora Anielle Francisco da Silva. Mas, sim, sou professora de inglês, leciono língua inglesa em turmas de nível fundamental e médio e muito me orgulho dessa profissão, que me faz seguir acreditando na educação como instrumento de mudança do mundo. Carregar sonhos, mesmo na dor, é a certeza que tenho para seguir lutando pela vida e não paralisar em meus delírios mais íntimos, sem desistir.

Quando eu achava que, depois de tantos anos de permanência nos Estados Unidos, teria uma vida amena e fluida, e que era só olhar para frente, seguir ajudando minha família, criar minha filha mais velha, manter a fé, e caçar sonhos, a vida me surpreendeu dando uma das maiores lições que eu poderia um dia imaginar, daquelas

[2] Segundo pesquisa divulgada no link https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/mercado/43-dos-universitarios-negros-nao-falam-ingles-diz-pesquisa-interna. Acesso em: 29 out. 2021.

lições pelas quais somos obrigadas a nos conectar com nosso mais profundo eu e entender que, como diz Abdias do Nascimento em seu poema “Sangue e liberdade”, escrito carinhosamente em 14 de março de 1982: “Sombrio corre o sangue derramado / No mar-aquém de tanta luta devotado / Mas o sangue continua rubro a ferver / Inspirado nos Orixá que nos faz crescer.”[3] (NASCIMENTO, 2018, n. p.).

O poema nos remete à ideia de que, uma vez que nosso sangue é derramado, quem fica honra aquele sangue que ainda ferve em veias de dor. No meu caso, explicarei melhor a partir daqui que ou eu iria seguir com dor ou não iria. Ou honraria ou me acovardaria. Ou me calaria ou me faria ser ouvida. Minha decisão não poderia ser outra que não a aprendida de minhas ancestrais.



Fotografia 7 – Amor e fé
Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Antes de seguir por uma viagem de dor e resistência, destaco duas perguntas/questões que norteiam esta dissertação. A primeira é: apesar dos avanços que obtivemos, principalmente as conquistas advindas do movimento negro e do movimento de mulheres negras, a falta de mulheres negras em espaços de decisão, contando suas

[3] Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/459-abdias-nascimento-o-sangue-e-a-esperanca. Acesso em: 29 out. 2021

próprias histórias, desempenhando papéis importantes para si e para outras e a falta de oportunidades e caminhos para traçarem um novo futuro, além do pouco conhecimento da produção de intelectuais negras e de um olhar feminista negro, ainda é uma questão que precisamos enfrentar. Esse problema se evidenciou para mim após a morte de minha irmã, Marielle Franco, e passou a fazer parte de meu cotidiano.

A segunda questão se refere justamente a como manter seu legado vivo a partir da fundação do Instituto Marielle Franco, em que é necessário entender como o Instituto pode atuar para regar as sementes de Marielle, manter sua memória viva e carregar sua herança adiante, de forma coletiva.

Dessa forma, por ter uma conexão tão emblemática com o tema, esta dissertação não apenas é escrita em primeira pessoa, mas explicita também o envolvimento mais profundo entre autora e escrita, por acreditar que "a militância e a pesquisa se misturam de maneira indissociável; [...]" e que "[...] tentar produzir uma situação laboratorial para fictícia separação desta mistura" (LACAZ; PASSOS; LOUZADA, 2013, p. 217), seria algo improvável e, a meu ver, impossível. Seria tão impossível quanto imaginar que um dia pudesse matar a memória de uma mulher imbatível. Não irão matar. Nunca, jamais. Pois, aqui, ali, e em todos os lugares onde eu puder falar, reforçar e reafirmar que Marielle estará sempre firmada em cada trabalho meu, assim farei.

A exemplo do que afirma Chimamanda Ngozi Adichie, em *Sejamos todas feministas*: "É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo". (ADICHIE, 2015, p. 28). Por isso, meu objetivo neste trabalho é mostrar, através de minhas próprias dores, a revolução que tem sido feita a partir de nós, com nosso povo, e para nós. "Nada sobre nós, sem nós", já disse Emicida no documentário *AmarElo*: é tudo para ontem, lançado em 2020.

A frase destacada acima me lembra muito do olhar firme de minha irmã, quando eu chegava à casa chorando por não ter sido escolhida para jogar, falar, brincar, ou até mesmo apresentar trabalho na escola, ela me dizia sempre que um dia as pessoas aprenderiam a nos respeitar. Demorei longos anos para entender o que significava isso. Confesso que até hoje me pego pensando nessas falas e apertões, mas, diante do bom e velho ensinamento das mulheres da família, sigo acreditando que nossa hora vai chegar. Sim, chegará. Alcançaremos nosso respeito, nessa ou em outra geração.

Além disso, pretendo fortalecer política, emocional, psicológica e academicamente, toda e qualquer mulher negra que se identifique com minhas ideias, para que elas também, assim como eu, Marinete, Conceição, Jurema, Lúcia, Pâmela, Fátima, Sueli, Bianca, Marielle, e tantas outras, possam internalizar seus medos e externar suas vozes, suas escritas, suas escrevivências, suas memórias, de forma arrebatadora, podendo então inspirar as que ainda virão, fortalecer quem veio antes de nós — a quem, com muito respeito, aqui peço benção e exalto — e seguir caminhos coletivos mas com suas singularidades.

bell hooks afirma: "é necessário que nós mesmas façamos o trabalho se quisermos saber mais sobre nossa experiência [...] a partir de perspectivas não moldadas pela dominação." (hooks, 2019a, p. 305), afinal é impossível pensarmos nossas perspectivas sem o nosso olhar. Assim, "o fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, [sobre nós mesmas]ao invés de continuarmos na [...] repetição" (GONZALEZ, 1984, p. 225). Ou fazem o trabalho a partir do nosso olhar, ou não fazem. Ou nos aceitam como intelectuais com legitimação para contar nossas histórias, com nossas mais profundas cicatrizes, ou entraremos de qualquer jeito.

Toda esta investigação será baseada em uma perspectiva feminista negra, traçada em uma pesquisa qualitativa, com paradigmas metodológicos ligados a e desenvolvidos por autoras negras. Com isso, começo dizendo que, segundo Mecheril, citada por Kilomba:

> Para realizar esse propósito e considerando as preocupações políticas e epistemológicas [...], defendo a necessidade de guiar meu estudo como uma pesquisa centrada em sujeitos. [...] A pesquisa centrada em sujeitos, [...] examina as experiências, auto percepções e negociações de identidade descritas pelo sujeito e pela perspectiva do sujeito. [...]
> Isso só se torna concebível quando existe a possibilidade de expressar a própria realidade e as experiências a partir de sua própria percepção e definição, quando se pode (re)definir e recuperar a própria história e realidade. Se as mulheres negras [...] têm o direito capital [...] de ser reconhecidas como sujeitos, então também devemos ter o direito reconhecido dentro de processos de pesquisa e de discursos acadêmicos. Esse método de focar no sujeito não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário. (MECHERIL apud KILOMBA, 2019. p. 81-82).

De acordo com Lofland:

> [a] realização de pesquisas centradas em sujeitos, as assim chamadas, *study up*, [...] investigam membros de seu próprio grupo social, ou pessoas de status similares, como forma de retificar a reprodução constante do *status quo*

> dentro da produção de conhecimento [...]. Fazer pesquisa entre iguais tem sido fortemente encorajado por feministas, por representar as condições ideais para relações, não hierárquicas entre pesquisadoras/es [...], ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática". (LOFLAND, 1984 apud KILOMBA, 2019, p. 82-83)

Assim, terei todo meu paradigma metodológico embasado e fortalecido por conceitos que fortalecem a ideia de que é possível estudar algo que perpassa nossas vidas.

As etapas da abordagem metodológica da pesquisa foram as seguintes: inicialmente, foram feitos levantamento e análise bibliográfica dos principais conceitos teóricos e metodológicos que sustentam esta dissertação. Assim,

> Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (PIZZANI *et al.*, 2012, p. 54).

A segunda etapa se configurou pelo que estou tomando enquanto análise documental, em que Silva *et al.* (2009) afirmam: "[...] sendo o método da pesquisa documental aquele que busca compreendê-la de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pelo homem" (SILVA *et al*., 2009, p. 4555). Dessa forma, compõem o conjunto documental desta dissertação os documentos da criação do Instituto, constituído por visão, missão, motivo da fundação, valores, pilares, organograma e objetivos, bem como ações e pesquisas que foram desenvolvidas, em que será possível perceber as sementes e o legado das lutas travadas por Marielle Franco.

Além disso, no que se refere à parte analítica da presente dissertação, foram analisadas a criação do projeto da *Agenda Marielle Franco,* que teve respostas do Brasil inteiro à campanha/projeto/pesquisa do *Mulheres Negras Decidem - Para onde vamos*, que contou com um questionário respondido por mais de 100 ativistas negras do Brasil, e nossa pesquisa *Violência Política Contra Mulheres Negras nas Eleições 2020*. Como elementos para análise, consideramos: a fundação, os projetos, e os resultados desses dispositivos analíticos, relacionando com a ideia central desta dissertação: a manutenção da memória e do legado de Marielle Franco, tarefa não apenas individual, mas coletiva e negra.

Dentre as questões que nortearam as análises, destaco a necessidade de entender o que significou a criação do Instituto e como conseguimos chegar ao Brasil inteiro e alguns outros lugares do mundo, procurando perceber, na criação e na dinâmica do Instituto Marielle Franco, como a memória e o legado de Marielle se fazem presente, entendendo que esta memória é singular e coletiva, cruza e atravessa as histórias das mulheres, principalmente das mulheres negras nesse país e no mundo, histórias marcadas por eixos de opressão, principalmente pelo racismo e pelo sexismo.

1 – Mulheres negras movem as estruturas: feminismos negros e o Instituto Marielle Franco

> "[...] Cada uma de nós deve aprender a falar por si mesma. [...] Minha esperança, acima de tudo, é que mais pessoas, outrora e ainda hoje silenciadas, encontrem sua própria voz".
>
> Patrícia Hill Collins,
> Pensamento feminista negro [...]

Neste capítulo, discutirei a importância do feminismo negro e da potencialidade transformadora que são as mulheres negras, suas organizações e lutas, que tanto nos inspiram, e a relação entre as ideias e práticas feministas negras com a criação do Instituto Marielle Franco. Afinal, nada disso seria possível sem que antes existissem as mais velhas, nossas referências, trilhando caminhos possíveis para a criação dessa e de tantas outras organizações. Aqui, trataremos do feminismo negro e de sua máxima importância como agente potencializador que há décadas vem transformando vidas e inspirando gerações.



Figura 1 – Legado
Fonte: Arte de Rafael Rezende. Acervo do Instituto Marielle Franco (2020)

"Para abrir esse capítulo, gostaria de reiterar que sou fruto do legado do feminismo negro" (MOREIRA, p. 15, 2018). Sim, o Instituto Marielle Franco é fruto desse feminismo negro. Eu sou fruto do feminismo negro, que traz uma luta imensurável, que começa ainda nas dores, gritos, e ranger de nossas ancestrais. Trata-se

de um feminismo que nasce de exclusões que sempre atravessaram e ainda atravessam as vidas das mulheres negras em cenários globais e em diferentes contextos brasileiros. É um feminismo que retrata a importância de sermos o cerne de nossas próprias causas, e principalmente de nossas histórias, sobre o que Lélia Gonzalez, em diálogo com Astelarra, fala de forma certeira, mostrando que podemos pensar o feminismo negro como a

> "[...] resistência das mulheres em aceitar papéis, situações sociais, econômicas, políticas, ideológicas e características psicológicas baseadas na existência de uma hierarquia entre homens e mulheres, a partir da qual a mulher é discriminada". Seria suficiente substituir os termos "homens e mulheres" por "brancos e negros" (ou indígenas), respectivamente, para se ter uma excelente definição de racismo. (GONZALES, 2020, p. 141).

Nesse movimento, é impossível falarmos de feminismo negro, sua criação e surgimento, sem citarmos racismo e silenciamento. Como disse Angela Davis, na ocasião de sua vinda ao Rio de Janeiro, em outubro de 2019, em evento no Cine Odeon, no Centro do Rio de Janeiro, ao qual compareci: "quando uma mulher negra se movimenta, ela move todas as estruturas"[4]. Ela não move apenas as estruturas que trazem um patriarcado arcaico e um racismo misógino, mas todas as que perfazem os sistemas de opressão, sejam estes étnico-raciais, de gênero, de sexualidade, territoriais, geracionais, entre outros. Assim, ela abre caminhos para que outras mulheres negras trilhem seus próximos promissores passos. Foi — e é — assim, que o Instituto Marielle Franco nasceu e aceitou todos os inúmeros desafios que hoje nos moldam.

Desde que oficializamos a criação do Instituto perante a sociedade, nossa vida mudou em várias esferas. Ao mesmo tempo em que recebemos carinho infinito e apoios significativos, fomos vítimas de ameaças, ódio e preconceito. Lutar pelo legado e pela memória de Marielle dentro do Instituto Marielle Franco é, portanto, sentir na pele todos os dias, um pouco das atrocidades que fizeram com a reputação de Marielle, ainda em março de 2018. A cada vez que nos levantamos contra a situação atual do país, recebemos retaliações por parte de pessoas com opiniões contrárias.

A frase de Angela Davis que destaquei acima, repetida pela filósofa quando esteve em nosso país, não é para ser uma frase-clichê, é para fazer com que toda a

[4] Notícia sobre palestra de Angela Davis no Cine Odeon, no Rio de Janeiro, em outubro de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/24/angela-davis-evoca-justica-para-marielle-franco-em-sua-primeira-passagem-pelo-rio.ghtml. Acesso em: 15 out. 2021

sociedade entenda que, a partir de nosso olhar, nosso pensar e nosso fazer, por sermos a maioria da população nesse enorme mundo, podemos mover estruturas que há tempos merecem ser sacudidas, desestruturadas e aniquiladas por nos excluírem.

Assim, como Marielle afirmou em seu último encontro em vida, que por sinal se chamava "Mulheres negras movendo as estruturas", nós podemos ser tudo que quisermos. Acreditar nisso é colocar um instituto na rua a partir de uma dor imensurável, mas, ainda assim, olhar no horizonte e acreditar que tudo pode ser transformado com nosso conhecimento, poder e com nosso feminismo.

Estamos falando de um feminismo que é essencial para nossa sobrevivência, todo esse feminismo tem sido sobre viver. Sobre sobreviver. Diz respeito a nos mantermos firmes, vivas, notadas, na luta e na rua para que nenhuma de nós mais caia sobre seu próprio sangue. Sobreviver é foco, é um ato político de resistência para cada uma de nós, pois sabemos que nossos corpos são facilmente considerados matáveis, descartáveis e aniquiláveis.

Vivemos todos os dias administrando dores, perdas, lutas e preconceitos, sem certeza de que chegaremos ao final dele vivas ou, até mesmo, se perderemos alguém de nossa família, do nosso círculo de amizade ou do trabalho. Vivemos nos apoiando umas nas outras, especialmente quando perdemos um ou uma de nós, para a guerra do racismo, do genocídio ou do descaso. E isso ocorre diariamente.

"Na maioria das vezes, pensam que feminismo se trata de um bando de mulheres bravas que querem ser iguais aos homens. Essas pessoas nem pensam que feminismo tem a ver com direitos – é sobre mulheres adquirirem direitos iguais." (hooks, 2018, p. 12). Até somos bem bravas. Pelo menos, uma boa parte das mulheres pretas de meu convívio são bravas, muitas vezes no olhar, em se reinventarem, em se apoiarem, em lutarem pelos e seus e pelos nossos. São bravas em terem resiliência, em defenderem tudo em que acreditam e as movem. Bravas pela raiva por viverem anos e anos de injustiças, porque são cheias de atitudes, e assim se constrói a coletividade para revolucionarmos, pois não mais aceitaremos ser revolucionadas.

"Minha raiva de mulher negra é um lago de lava que está no meu cerne, o segredo que guardei de modo mais intenso. [...] Como adestrar essa raiva com precisão, em vez de negá-la, tem sido uma das tarefas mais importantes de minha vida". (LORDE, 2021, p. 183). A raiva de que fala Audre Lorde, para mim, tem sido motor,

combustível, tudo que me move e pulsa dentro de minha alma, além dos meus objetivos concretos. Como lidar com a raiva, no mundo de hoje? Sendo mulher negra, esse é um fardo. Sendo família de Marielle, é um fardo ainda maior, porque temos de lidar com o ódio e os oportunismos perante sua imagem. Muitas vezes, preferimos valorizar nossa vida e, assim, falamos o que sabemos e queremos. Encontrar um equilíbrio entre a raiva e a razão é, então, um exercício diário.

Costumo dizer que muitas de nós aprendem a lutar com nossas armas mais poderosas após alguma decepção ou dor vivida. Foi assim comigo e tem sido assim com tantas de nós. Não tivemos muitas escolhas nesse caminho chamado vida. Aliás, se há algo que nos é negado desde sempre é o nosso direito de escolha. Mas, como acontece com toda mulher negra, se nos é negado, não permaneceremos caladas.

As tentativas de silenciamento do nosso povo começaram há séculos. Conforme muito bem lembra Grada Kilomba (2019) em *Memórias da plantação:* episódios de racismo cotidiano, "a máscara, como um símbolo das políticas coloniais e de medidas brancas sádicas, para silenciar a voz do sujeito negro durante a escravização. [...] Ela simboliza [...] dominação e seus regimes brutais de silenciamento [...]" (KILOMBA, 2019, p. 30-33). Essa reflexão me faz pensar, ao escrever este capítulo, sobre quem pode e deve, e quem tem o poder de falar. Grada Kilomba (2019) vai além, trazendo em seu livro a foto retrato da mulher negra escravizada conhecida como "Escrava Anastácia".[5] Porém, já passamos da fase de esperar alguém nos dizer quando podemos ou não falar. A escritora negra Conceição Evaristo afirmou em uma entrevista para a revista Carta Capital: [6]

> Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara. Porque todo nosso processo para eu chegar aqui, foi preciso colocar o bloco na rua e esse bloco a gente não põe sozinha. (CONCEIÇÃO, 2017b, n. p.).

Diariamente, estilhaçar máscaras é necessário para nossa sobrevivência. Não à toa, temos adentrado espaços nunca antes ocupados por nós. A imagem abaixo, de

[5] Cultuada no Brasil como santa e heroína, considerada uma das mais importantes figuras femininas da história negra, Anastácia é um misto de luta, bravura, resistência, doçura e fé. Era conhecida por reagir e lutar contra a opressão do sistema escravista. Disponível em: https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/3526/anastacia-resistencia-negra-santificada. Acesso em: 26 out. 2021.

[6] Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/. Acesso em: 28 set. 2021.

Yhuri Cruz abaixo, reforça a ideia de que não há ninguém melhor do que nós mesmas para lutar e falar de nossas próprias feridas e conquistas.

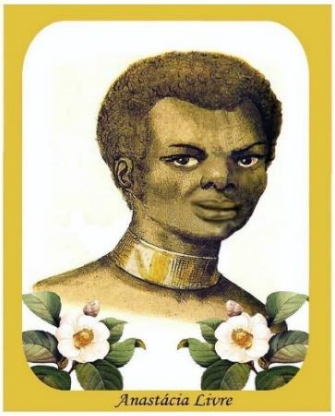


Figura 2 – Anastácia livre
Fonte: Yhuri Cruz (2019). Disponível em:
https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1753230011501803/[7]

Lutaremos como sempre lutamos. É daí, é das dores, da exclusão, que nasce nosso feminismo negro, que é visionário e revolucionário e vem para falar de nossas dores e sobre nós, não somente falar sobre o que queremos, mas sim sobre o que devemos e podemos ter. Sempre houve algo que nos foi (e é) negado, arrancado ou até mesmo aniquilado, sem que tenham perguntado se poderiam.

Por isso, nossos direitos, nossas vozes, nossas inquietações são tão potentes e primordiais, assim como nosso feminismo, que nos faz transbordar de vontade de lutar, sem deixar nenhuma de nós para trás. Essa é uma constante luta para diversas gerações, pois diz respeito a um feminismo que acha "[...] importante alimentar a utopia de uma sociedade onde caibamos todas com as nossas diferenças e semelhanças." (RIBEIRO, 1995, p. 457), principalmente as diferenças e semelhanças das mulheres negras, pretas, faveladas, e LGBTQIAP+[8].

Por isso, "em todos os lugares aonde vou, com orgulho digo ao pessoal interessado em saber quem sou e o que faço: sou escritora, teórica feminista, crítica cultural." (hooks, 2018, p. 11), crítica ao atual desgoverno do Brasil, irmã de Marielle, feminista negra, professora e defensora dos direitos das mulheres negras. Prezo por adquirir conhecimento e colocar adiante, por defender a vida de todas as mulheres sim,

[7] Foto de Yhuri Cruz, Estilhaçando as mordaças do silenciamento
[8] Sigla abordada para se referir a pessoas que se denominam lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexos, assexuais, pansexuais, não binárias e entre outros.

mas as mulheres negras, que ainda hoje vivem com total descaso de autoridades e seguem sendo vítimas de inúmeras violências.

Vale ressaltar que nosso instituto, infelizmente, nasce de uma enorme e brutal violência política. Temos inúmeros atravessamentos, mas não podemos nos esquecer desse. Assim sendo, dentro dos valores que definimos como importantes em nossa caminhada, temos pontuado firmemente que um de nossos eixos é, e sempre será, incidir contra a violência política. Desse modo, nos últimos meses e no último ano, temos nos debruçado, em nossa pesquisa e em toda atuação nacional e internacional, sobre o combate à violência política em nosso país.

Nesse contexto, em 2020, o Instituto Marielle Franco lançou uma pesquisa sobre violência política contra mulheres negras que foram corajosamente candidatas e estavam comprometidas com a Agenda Marielle Franco, mais um de nossos projetos apresentados durante as eleições municipais do ano passado. Tendo uma eleição majoritariamente desenvolvida no ambiente virtual, devido à pandemia do novo coronavírus, tivemos acesso a resultados alarmantes.

Das mulheres candidatas que participaram e responderam, 98% relataram sofrer pelo menos dois tipos de violência política, 33% denunciaram de alguma forma essas violências, 71% das candidatas não contaram com nenhum apoio sobre as denúncias, 8 a cada 10 sofreram violência virtual, 6 a cada 10 sofreram violência moral e psicológica e 5 a cada 10 sofreram violência institucional.

Com esses resultados em mãos, participamos de conferências na Organização das Nações Unidas (ONU) e nos reunimos com o ministro Luís Roberto Barroso, para entregar a ele todos esses dados. Tal pesquisa, na verdade, foi o pontapé inicial para que o Instituto ganhasse um lugar notório no combate a essas violências, dentro das organizações do terceiro. Algumas parlamentares, parceiras de luta continuam sofrendo violências: caso de Erika Hilton, Ana Lúcia Martins, Benny Brioli, Verônica Lima, entre outras, em 2020. Todos esses casos passaram por nossa equipe de incidências e ainda hoje seguimos pautando e dando visibilidade a cada caso.

Quando pensamos o Instituto Marielle Franco, nossa meta era também, além de responder a essa violência ocorrida com Marielle, responder à ausência de representatividade das mulheres negras nos espaços, inclusive nos espaços políticos. Seria quase impossível manter e firmar uma organização que não carregasse nossos

valores e não trabalhasse no que acreditamos. Por isso, ao pensar, por exemplo, na Agenda Marielle Franco, tínhamos como foco dar protagonismo a mulheres diversas de todo o país, que corajosamente se candidataram no ano de 2020. Até hoje seguimos passos importantes para que projetos como esse façam cada vez mais parte do nosso calendário. Em 2022, desenvolveremos mais um projeto de lideranças, visando às eleições que virão, nas quais necessitaremos estar cada vez mais presentes, para combatermos a desinformação e o ódio.

Não só isso, mas acreditamos que, através da proposta coletiva do Instituto Marielle Franco, quanto mais conhecimento trocarmos e transmitirmos, mais teremos chances de vencer todo esse ódio difundido por grupos políticos de extrema direita. Para nós, é importante demais espalharmos conhecimento entre grupos de mulheres, mas é também fundamental propagá-lo entre grupos de homens, pois "Conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário quanto aos grupos para mulheres." (hooks, 2018, p. 30). A luta é nossa, mas ela deve e pode ser combatida coletivamente.

Por isso nunca me abstenho de dialogar com todas, todes e todos, sempre que tenho oportunidade, o que pode ser feito com respeito. Não é fácil, mas lutar por nosso feminismo, também é isso. "Não estamos simplesmente defendendo igualdade social com homens. Demandávamos transformações da sociedade, revolução, e mudança na estrutura" (hooks, 2020, p. 196), mudança que sabermos ser necessária até hoje.

Durante muitos anos é sabido, notório, e firmado, que o movimento de mulheres negras carrega em seu marco histórico incontáveis dias de luta, temor, dor, violência e superação. Lutamos por nossos direitos, dos mais simples aos mais complicados, desde que tentam tomar toda nossa liberdade de viver e nos expressar. Além disso, lutamos contra todo um racismo que segue muito bem estruturado e que sempre surgiu como força para tentar nos dominar. Temos um racismo enraizado e cultural no Brasil, então é necessário lutar contra toda e qualquer injustiça que passe por nossos olhos, fira nossas almas, e arranque nossa dignidade. Nesse sentido,

> os feminismos negros constituem movimentos que são capazes de mobilizar diversas frentes que vão desde como romper com estereótipos racistas a construção de políticas públicas. Desempenhando também um importante papel na luta pela cidadania dessa imensa população negra, privilegiando o aspecto cultural peculiar do povo negro (LEMOS, 1997, n. p.).

Tal papel é importante não só dentro do movimento, mas também mos espaços cotidianos, diariamente, como forma de se sobreviver, para então prover para e por nós mesmas, pelos nossos e nossas, e assim somos obrigadas a manter nossa evolução em constante construção. Só seremos totalmente livres e felizes, quando tivermos certeza de que é possível construir, coletivamente, um mundo melhor, que aborde nossos maiores obstáculos e nos faça ir além. É direito nosso ter acesso a todos os tipos de agenda, políticas públicas, e ocupar todos os espaços, sejam quais forem. Por mais que tentem nos parar, que tentem nos apagar, por mais que tentem nos dominar, ainda assim, resistiremos. Conforme Patrícia Hill Collins (2019), existem alguns domínios que

> [...] estabelecem espaços específicos por meio dos quais as opressões de raça, classe, gênero, sexualidade e nação se constroem mutuamente. Para compreendermos a complexidade do ativismo das mulheres negras, devemos entender não apenas a necessidade de abordar mais de uma forma de opressão mas também a maneira pela qual as formas múltiplas e singulares de opressão se organizam. (COLLINS, 2019, p. 351-352).

Nosso ativismo começa ainda muito cedo nesse mundo, nesse país, nesse pedaço de terra. É o ativismo esse que nos carrega até aqui e permite que possamos olhar para um horizonte além do que a branquidade acha que pode nos permitir. Para isso, é construído, formado, fundado, espalhado um feminismo negro que trate de nossas vidas, preocupações, problemas, inquietações, como devem ser tratadas.

"Mulheres negras [...] se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras [...]" (COLLINS, 2019, p. 32), porque sabem que tudo que se dá a partir de uma revolução ou evolução, só se será possível a partir e através de nós. É, portanto, impossível pensar um feminismo, uma construção, ou qualquer ato de respiro, sem estarmos a frente e diante de nossas causas. Podemos falar de maneira diferente, mas falamos uma linguagem em comum, a da sobrevivência e da luta contra tudo que nos assola e nos mata. Podemos ser fisicamente diferentes, mas tenho certeza de que, dentro de nós, há inúmeras cicatrizes que nos trazem juntas e conectadas.

Somos múltiplas. Somos diversas. Mas jamais podemos estar dispersas. Quando paramos para ler e estudar sobre o feminismo negro, percebemos que sua criação acontece entre as inúmeras tensões existentes com mulheres brancas. Em seu livro *E eu não sou uma mulher:* mulheres negras e feminismo, bell hooks (2020) relata como mulheres brancas criavam cursos sem pensar nas mulheres negras, como elas relatavam problemas dentro de inúmeros coletivos, sem pensar nos problemas das mulheres

negras, como o racismo dessa época era perverso com nossas mulheres e como elas nunca se esforçavam para compreender essas diferenças separadas pela questão racial, lembrando que:

> resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades. Minha crítica persistente foi construída por minha condição de membro de um grupo oprimido, por minha experiência com a exploração e a discriminação sexistas e pela sensação de que a análise feminista dominante não foi a força que moldou minha consciência feminista. Isso se aplica a muitas mulheres. Há mulheres brancas que nunca tinham cogitado resistir à dominação masculina até o movimento feminista criar uma consciência de que elas poderiam e deveriam. Minha consciência da luta feminista foi estimulada pela circunstância social. (hooks, 2015, p. 202).

Assim sendo, seria impossível construir um feminismo no qual não nos reconhecêssemos enquanto mulheres, potentes, portadoras de nossas próprias vozes, negras. Desse modo,

> Na formação do feminismo negro encontramos várias narrativas que anunciam a sua constituição: principalmente que esse nasce para responder a falta de espaço político das mulheres negras no movimento feminista; onde sabemos que há um discurso dominante que demarca os anos 1980, como momento de organização das associações e fórum de mulheres negras existentes e formadas durante o período da escravidão; a articulação dos movimentos de mulheres negras brasileiras como movimentos de mulheres africanas da diáspora negra. (CESTARI, 2015).

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, Lélia Gonzalez fez a seguinte afirmação sobre o movimento de mulheres: “[...] o movimento feminista tem suas raízes históricas mergulhadas na classe média branca, o que significa muito maiores possibilidades de acesso e de sucesso em termos educacionais, profissionais, financeiros, de prestígio etc.” (GONZALEZ, 1981, p. 8). Até hoje, vemos como essa diferença de classe e raça muitas vezes interfere nas escolhas e estruturas. Quando vemos mulheres brancas falarem de suas experiências de vida, percebemos a distância entre elas e nós, mulheres negras. Quando Alex Ratts e Flávia Rios dissertam sobre este aspecto nas elaborações de Lélia Gonzales (tensões no âmbito a agenda feminista), eles afirmam que:

> [...] isso fazia que elas tivessem dificuldade de perceber as disparidades de classe e de status no interior do grupo populacional composto pelo sexo feminino. Sua reflexão, portanto, ia além da ênfase dada às distâncias socioeconômicas entre negras e brancas: alertava para o fato de que o próprio feminismo brasileiro, tal como fora construído, também se valia da opressão feminina da mulher negra. Em outras palavras, a liberdade das mulheres

> estava assentada na exploração de classe e de raça de outras mulheres que não dispunham dos mesmos privilégios sociais. (RATTS; RIOS, 2010, p. 104).

Ou seja, para que algumas fossem felizes em suas escolhas, outras tinham que estar oprimidas, silenciadas e apagadas. Mas não se pode esquecer que somos uma máquina de produzir potências, falas potentes, atitudes marcantes. Precisavam de muito mais para nos silenciar totalmente, porque nem nos matando conseguem nos calar. De todo modo, precisávamos nos organizar e fazer com que nossas causas, nossas dúvidas e nossas verdades tivessem força suficiente para sustentarmos tudo que precisamos e precisávamos mudar para a vida de nossas meninas e mulheres. Não é de hoje que nosso feminismo entende a importância de caminharmos lado a lado umas com as outras para que, assim, logremos êxito e vitória.

É preciso que estejamos organizadas e dispostas a trabalhar cada vez mais, dentro de uma sociedade que muitas vezes não nos vê como prioridade e que tenta nos invisibilizar. Quanto mais empoderamento feminino tivermos, quanto mais falarmos das diferenças entre realidades e dureza imposta às mulheres negras, quanto mais coletivamente trabalharmos para transformar nossa realidade, mais resultados teremos. “O empoderamento também exige mudar as injustas instituições sociais com que os afro-americanos vêm deparando de geração em geração”. (COLLINS, 2019, p. 433). Mas isso só será possível através do nosso olhar, do nosso entendimento, do nosso pensar. Por nosso intermédio.

A constante discriminação racial na vida das mulheres negras faz com que nós mesmas, muitas vezes, desenvolvamos estratégias próprias de superação, resiliência e construção. A inenarrável luta das mulheres negras vem de séculos atrás, quando ainda nossas ancestrais nos ensinaram no furor de cada gota de sangue derramada, que resistiríamos. Sim, resistimos até hoje. Resistir, reinventar e ser capaz de transformar as injustiças da vida em movimentos que agregam, impulsionam e potencializam, foi e será algo que nós mulheres negras sempre soubemos fazer. Essa é uma construção que se dá a partir do momento em que nós, mulheres negras, percebemos que não estávamos sendo contempladas em nossas complexidades e singularidades, dentro da luta cotidiana do movimento feminista.

Esse movimento nasce como fruto da exclusão, do impedimento, da falta de protagonistas negras nos espaços de decisão, das matanças, das inúmeras maneiras

encontradas pelo racismo para tentar nos aniquilar a todo instante. Tudo que nos foi negado um dia, porém, tem sido retomado pouco a pouco por nós, mulheres negras, embora ainda tenhamos um longo e árduo caminho pela frente, um caminho que muitas vezes nos faz sangrar, chorar, e até pensar em deixar de tentar, mas temos conseguido de formas diversas atingir lugares jamais permitidos. Somos muitas, plurais, somos diversas. E nunca estaremos dispersas quando o assunto for o nosso sangue.

Sabemos ainda que não começamos nossas lutas hoje e certamente não terminaremos amanhã, pois temos muito o que modificar. Porém, tudo que temos hoje em veias abertas foi criado, pensado e executado por nossas mais velhas, que vieram antes de nós, abrindo caminhos e diretrizes possíveis para que chegássemos até aqui. Se não fosse por elas, e toda luta que se estende até os dias atuais, eu não estaria aqui — e você provavelmente também não —, sendo capaz de tecer um pensamento crítico sobre passado, presente e futuro.

Desse modo, o Instituto Marielle Franco segue inspirado por elas e tudo que elas acrescentaram nessa luta desigual que desde sempre nos foi imposta. Essa é uma das formas de manter firme a memória e o legado de Marielle Franco, cuja vida singular e política incorporavam os princípios e a agenda das lutas feministas negras, que são marcadas por inúmeras mulheres no decorrer de nossa história. Desde Sojourner Truth[9] à Marielle Franco, são mulheres conhecidas e desconhecidas, que lutam e relutam por tudo e que se impõem sobre seus posicionamentos e medos.

Em seu famoso discurso, em Ohio, no ano de 1852, Sojourner Truth nos faz perceber que a experiência que gera aquela fala poderia ter sido em qualquer lugar do mundo, inclusive no Brasil. Quando afirma “pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendida para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu [...]” – ou mesmo quando diz que conseguia trabalhar e “[...] aguentar o chicote também [...]” – e termina perguntando: “[...] e eu não sou uma mulher?” (TRUTH apud hooks, 2020, p. 253) ela traz não só suas próprias dores e experiências, mas todo um contexto cultural histórico sobre nossas mulheres negras, escravizadas, que tanto sofreram com maus tratos e devassidão.

Ela era sim uma mulher. Era e é, até hoje, conhecida como uma grande mulher, defensora de nossas causas. Sojourner Truth falou sobre coisas que nenhuma outra

[9] Sojourner Truth, uma abolicionista afro-americana e ativista do direito da mulher, torna-se conhecida após seu discurso na convenção do direito da mulher em Ohio, 1951.

mulher naquele momento teve coragem de falar, falou por todas nós sobre causas que ainda reúnem milhares de mulheres negras ao redor do mundo. Ela trouxe muitas verdades que ainda hoje nos assombram. Assim,

> É inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que, ao apresentar novas questões, não apenas estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher. Ao centralizar suas análises em torno do conceito de capitalismo patriarcal (ou patriarcado capitalista), ele revelou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, o que constitui uma contribuição de importância crucial para a direção de nossas lutas como movimento. [...] O extremismo estabelecido pelo feminismo tornou irreversível a busca de um modelo alternativo de sociedade. Graças à sua produção teórica e à sua ação como movimento, o mundo não é mais o mesmo. Mas, apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial. (GONZALES, 2020, p. 140).

A questão racial é simplesmente inseparável de nossas lutas. Quando olhamos para o lado e nos reconhecemos em outras mulheres como nós, a questão de nossa cor prevalece e importa muito. Tão importante que para nós, dentro do Instituto Marielle Franco, não faria sentindo algum darmos passos adiante sem pautarmos raça.

Esse legado que tem cor, amor, dor, fortalece o protagonismo negro que destacamos constantemente dentro do Instituto Marielle Franco. Ressalto aqui que Marielle foi eleita em 2016 com o slogan da campanha sendo MulheRaça. Não era outro o cerne de sua propaganda eleitoral. Ela tinha foco. Seu foco era as mulheres negras. Assim como ela, carrego em mim, e trago para dentro das missões do Instituto, agir igual.

Moldar nossa teoria feminista como bravamente define e reforça bell hooks (2015), é essencial para que nada seja feito sem nós.

> Nós, mulheres negras sem qualquer "outro" institucionalizado que possamos discriminar, explorar ou oprimir, muitas vezes temos uma experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente, e a ideologia concomitante a ela. Essa experiência pode moldar nossa consciência de tal maneira que nossa visão de mundo seja diferente da de quem tem um grau de privilégio (mesmo que relativo, dentro do sistema existente). É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. Apesar de

> criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora - crítica que às vezes é dura e implacável - eu o faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador. (hooks 2015, p. 208).

O "nada sobre nós sem nós", cantado por Emicida em seu álbum *AmaRelo*[10], produzido em 2019, não pode e não será em vão. A cria lá do gueto cantada e produzida por Iza[11] (GUETO, 2021) em 2021, alegando que nossas tranças, nossas marcas, nossas falas são históricas, não pode existir em vão. Em seus últimos minutos de vida, Marielle defendeu que nossas vozes precisam ser ouvidas e nossas teorias moldadas a partir de nós, e isso não será em vão. Pelos menos, não dentro do Instituto Marielle Franco, que se movimenta a partir dessa teoria e segue passos para se movimentar como nossas ancestrais fizeram.

Sendo assim, é importante entender e ressaltar que "o movimento feminista continua sendo uma das frentes mais poderosas de luta por justiça social no mundo de hoje." (hooks, 2019c, p. 26).

1.1 – Nosso movimento responde a um forte chamado ancestral

> As mulheres não precisam eliminar suas diferenças para construir vínculos de solidariedade. Não precisamos viver sob a mesma opressão para combatermos a opressão em si. Não precisamos sentir hostilidade contra os homens para nos unirmos [...]. Podemos ser irmãs unidas pelo compartilhamento de interesses e crenças, unidas em nosso apreço pela diversidade [...]"
>
> bell hooks,
> Teoria feminista [...]

Não existe possibilidade, como venho mostrando neste trabalho, de falar de nossa resistência ancestral sem trazer o que nos fez e faz resistir até aqui, e muito menos sem apontar a credibilidade e o valor que o movimento de mulheres negras exerce sobre nós. Por isso, nesta subseção da dissertação, trago um breve resumo de importantes pontos e construções no que se refere ao movimento de mulheres negras no Brasil e que

[10] AmaRelo é o terceiro álbum do rapper Emicida e foi lançado em 30 de outubro de 2019.
[11] A música *Cria lá do gueto* é um aperitivo para o segundo álbum da cantora carioca que sai ainda em 2021.

nos influenciaram e nos moldam até hoje para seguirmos com passos firmes, ancestrais e resistentes no Instituto Marielle Franco.

Nós nos pautamos e nos baseamos na construção cronológica do movimento de mulheres negras, o que considero essencial, primordial e respeitoso nesse fazer. Então, eu jamais iniciaria a organização do trabalho sem trazer nossas mais velhas, posto considerar necessário sabermos de onde viemos para termos um norte que nos aponte para onde queremos ir.

Relembro, então, depoimento de Sueli Carneiro quando de minha qualificação para a escrita da dissertação, "novos visíveis" a partir do Instituto Marielle Franco são e já estão sendo possíveis. Mas, sabemos, nunca conseguiríamos sozinhos, sem termos tido exemplos criados por nossas mais velhas.

Há anos, mulheres negras empreendem esforços no sentido de dar respostas às necessidades e urgências de suas comunidades locais e a suas próprias pautas. Há anos lutamos e relutamos a favor dos nossos e das nossas e contra tudo que nos fere enquanto humanas. Há anos prezamos por uma coletividade cujo centro de tudo seja nossa sobrevivência. Há anos também cerramos e levantamos nossos punhos para dizer que estamos aqui, que existimos e resistimos.

Uma grande consolidação dos movimentos de mulheres negras mais contemporâneos, já na década de 1970, ganha força e autonomia, inclusive com a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), que se mantém firme até hoje e é grande pioneiro no fortalecimento de lideranças de nosso movimento. Aqui, ressalto a organização e a força dessas mulheres. A entidade, hoje, é coordenada por Ieda Leal, grande mulher negra, pioneira, minha mais velha, por quem muito tenho carinho, respeito e amor. Ressalto a importância do MNU para o fortalecimento das lutas antirracistas.

Nessa mesma época, segundo Matilde Ribeiro (2008, p. 991), "na região da América Latina e do Caribe, desde os idos anos 1970, foi realizado um total de 10 encontros feministas latino-americanos e do Caribe, e no Brasil 14 Encontros Nacionais Feministas – ENF."

> Um grande marco para tal iniciativa foi a realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) ocorrido em 1988 em Valença (RJ) com a participação de 450 mulheres negras de 17 estados do país de diferentes setores e experiências organizativas. Este evento foi precedido por encontros e seminários em vários estados o que proporcionou não apenas a mobilização

> das mulheres negras, mas acima de tudo o aprofundamento do debate político (RIBEIRO, 1995, p. 450).

Cada encontro, cada passo, cada avanço, se fizeram necessários e seguem se mostrando importantes para todo o nosso processo enquanto mulheres negras. “Este processo foi possível, seja pelo aprendizado a partir da resistência de nossas ancestrais, seja pelo acúmulo das experiências anteriores daquelas mulheres negras e agrupamentos que se embrenharam neste processo atual de organização”. (RIBEIRO, 1995, p. 450). Ou seja: “[...] É fundamental a nossa organização, sobretudo quando se trata de um projeto de transformação social” (GONZALEZ 2020, p. 267) que vem para construir e unir mulheres valentes que acreditam que podem mudar o seu entorno.

As mulheres negras participantes desses dois movimentos, conscientes da importância de seu papel na história, buscaram desmascarar situações de conflito e exclusão. Com isso, não só contribuíram para a conquista de maior visibilidade como sujeitos políticos perante esses movimentos e a sociedade, como trilharam um caminho próprio através da construção do movimento autônomo de mulheres negras.

Além disso, no que se refere à luta das mulheres negras no Brasil, em 1988, houve impulso à construção de sua organização com fisionomia própria e caráter nacional, visando a intensificar as reflexões e ações para o combate às opressões racial e de gênero. Como afirma Sueli Carneiro (2003) em seu texto “Mulheres em Movimento”, vale lembrar que o

> fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o status jurídico das mulheres no Brasil. A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder. Esse movimento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de democratização do Estado produzindo, inclusive, inovações importantes no campo das políticas públicas. (CARNEIRO, 2003, p. 117).

Por parte do movimento negro, em 2000, foi criada a Aliança de Líderes do Movimento de Afrodescendentes da América Latina e do Caribe e, no Brasil, foram realizados dois encontros nacionais de entidades negras, em 1991 e 2001. Por parte das mulheres negras, foi criada a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afro-caribenhas e da Diáspora, e no Brasil foram realizados três Encontros Nacionais de Mulheres Negras – ENMN, em 1988, 1992 e 2001.

De acordo com Christiane Souza (2021), em seu trabalho de mestrado, cujo título é *Entre o Atlântico e a Atlântica*: (re)existências em movimento no Brasil, entre

os anos 1970 e 1980, surgem, nos estados, vários grupos organizados por mulheres negras, como o Coletivo de Mulheres Negras e o Geledés - Instituto da Mulher Negra, em São Paulo; Grupo de Mulheres do MNU e o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, na Bahia; Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza, no Maranhão; Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA), no Pará; Sociedade Afro-sergipana de Estudos e Cidadania (SACI), em Sergipe; Maria Mulher, no Rio Grande do Sul; N'Zinga Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte, em Minas Gerais; Casa da Mulher Catarina, em Santa Catarina. No Rio de Janeiro, surgem a Reunião de Mulheres Negras Aqualtune (REMUENA); o grupo Luiza Mahin; o Coletivo Nzinga; o Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (GMN); Centro de Mulheres de Favela e Periferia (CEMUFP) e Fala Mulher Meriti. Nos diálogos e tensões com o movimento negro, em espaços como o Instituto de Pesquisa das Culturas (IPCN) e o Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP) importantes processos organizativos das mulheres negras foram gestados.

É ainda na década de 1980 que acontecem os primeiros encontros exclusivamente com mulheres negras no Brasil. Em 1985, o que ocorre em Bertioga, é "[...] a afirmação de um feminismo erroneamente chamado de radical, quando na verdade, sua marca é a do sectarismo" (GONZALEZ, 2020, p. 267), trazendo muitas de nós, naquele momento, a se aproximarem ainda mais do feminismo negro e a fortalecerem umas às outras.

Em 1987, em Monnerat, no Rio de Janeiro, é organizado o 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras, com a participação de mais de 200 mulheres negras. Um ano depois, em dezembro de 1988, no município de Valença, no Rio de Janeiro, é organizado o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, com a participação de aproximadamente 450 mulheres de 17 estados do país, tendo como eixo central a urgência de uma discussão aprofundada da articulação entre a questão étnico-racial e as relações de gênero e de classe social. Em 1987, fruto do 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras, institui-se o Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, que, ainda hoje, ao meu ver, marca, fortalece e estabelece o verdadeiro papel de legado construído a várias mãos, firmes, negras e potentes perante nossa história. Ainda:

> nas lutas por reconhecimento, o movimento de mulheres negras incorporou parte das reivindicações feministas e inseriu uma leitura específica para a mulher afrodescendente. Assim, na década de 1980, por exemplo, a luta

> feminista sobre o direito reprodutivo é revestida por um outro sentido e transforma-se na *Campanha Nacional contra a Esterilização em Massa de Mulheres Negras*. (SEBASTIÃO, 2007, p. 34, grifo da autora).

Há ainda uma imensa onda crescente dos movimentos de mulheres negras que ganha força na década de 1990, e foram marcados por alguns encontros feministas latino-americanos e caribenhos. Houve também a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing, considerada um grande marco na história do feminismo negro. Já em 1992, nasce Criola, hoje liderada por Lúcia Xavier, e nesse mesmo ano é organizado o 1º Encontro de Mulheres Negras Latino-americanas e Caribenhas, em Santo Domingo, na República Dominicana, que apresentou, entre outras questões, como uma alternativa crítica às comemorações dos 500 anos do descobrimento da América, uma marca ao início da diáspora de homens e mulheres negras africanas e que deu início ao genocídio e das inúmeras formas de violência contra a população negra nas américas.

> É crescente na organização das mulheres negras a compreensão da necessidade de participação nos processos de articulação e intervenção da sociedade civil em nível mundial. A partir desta compreensão tem-se intensificado o esforço para viabilizar a presença nas Conferências Mundiais convocadas pela ONU a partir da década de 90 visando ampliar o debate sobre a questão racial. [...] A participação no processo construído pelo movimento feminista e nos fóruns oficiais foi decisiva para a incorporação da questão racial. Várias mulheres negras cumpriram o papel de pressionar para o aprofundamento dos debates e também de contribuir e monitorar na elaboração dos relatórios." (RIBEIRO, 1995, p. 454-455).

Há 20 anos, com a participação de mais de 170 países, quase 4.000 organizações não governamentais e mais de 16 mil participantes, em Durban, na África do Sul, aconteceu a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação, Xenofobia e Intolerância Correlata, entre 31 de agosto e 8 de setembro de 2001. Do Brasil tivemos, participações importantes, como a das entidades Geledés, Criola, Centro de Estudos da Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) e Articulação das Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), por exemplo. São 20 anos dessa conferência importantíssima e de todo o legado produzido por ela. Agora, já em 2021, respiramos para dar conta de todas as demandas que ainda temos, para que assim possamos lutar por uma verdadeira democracia racial e garantir direitos fundamentais. Disso, o Instituto Marielle Franco não abre mão.

Foi em uma dessas inúmeras reuniões, encontros, conferências, que, mesmo diante de muita dor e abalada com toda violência que assolava minha família e a mim, após o assassinato de minha irmã, em 2018, em uma viagem para os Estados Unidos,

com Lúcia Xavier (Criola), que traçamos juntas alguns dos primeiros esboços da criação do Instituto Marielle Franco, ainda dentro de um avião.



Fotografia 8 – Nossos passos vêm de longe
Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).



Fotografia 9 – Semente
Fonte: Acervo pessoal da autora. Estados Unidos (2019)

Não é à toa, nem em vão, que cito Conceição Evaristo, bell hooks ou Grada Kilomba, que sempre incentivam mulheres negras a escreverem, pois defendo que uma

mulher negra com sua caneta e papel pode saltar calabouços e redesenhar o seu próprio destino. Assim,

> a ideia de que se tem de escrever, quase como uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode "ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária" (hooks, 1990, p.152). Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a "Outra", mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato de [...] tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. [...] Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor "validada/o" e "legitimada/o" e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. (KILOMBA, 2019, p. 27-28, grifos da autora).

Defendo e estimulo que todas as mulheres escrevam. Seja em um pedaço de papel de pão, seja no avião, seja onde quiser. Mas escrevam. Se naquele dia eu não tivesse ouvido a griot Lúcia Xavier, talvez ainda estivesse submersa em raiva e rancor, sem agir. Ao contrário, ouvi, escrevi, reverenciei e assumi, dentro de mim, que metade de mim seria raiva; a outra metade, trabalho. Trabalho duro, pesado, prazeroso, destinado ao legado de minha irmã e ao amadurecimento de uma menina mulher que era obrigada a seguir com o coração em chamas.

Lembro perfeitamente que, quando comecei a ler sobre a importância do movimento negro na vida das mulheres negras, eu logo me identifiquei. Em 2019, quando completaria um ano da morte de Marielle, o Instituto Marielle Franco bateu na porta da Criola e solicitou uma reunião com inúmeras mulheres negras que compunham diversos coletivos. Foi extremamente importante aquele encontro no qual todas as participantes me abraçaram, abraçaram a causa, a luta, o legado, e nos ajudaram a erguer um festival em três meses.

Essa articulação é sobre isto: sobre entender que, juntas e coletivamente, fazemos o movimento de mulheres negras exercer um papel primordial no nosso dia a dia, mas também em todas as nossas lutas. Muitas de nós encontramos sentido em nossas vidas após uma perda ou uma experiência qualquer violenta, dentro do meu, do seu, do nosso movimento de mulheres negras. Quando dizemos que nosso chamado ancestral importa, não mentimos, reafirmamos que os passos que começaram há muito tempo seguem firmes em direção ao protagonismo das mulheres negras, pautado por

mulheres, que se movimentam em seu cotidiano de forma concreta e brava, para, assim, sermos capazes de olhar para um novo horizonte.

Afinal, "[...] ao fazer uma reinvindicação de conhecimento, as afro-americanas frequentemente invocam as experiências vividas como critério de credibilidade." (COLLINS, 2019, p. 411). Não só elas, mas as afro-brasileiras também. Entendi isso da maneira mais dolorosa, em que era preciso reivindicar e transformar toda minha experiência de dor em algo maior do que imaginava, em algo que eu só sabia sentir, mas nem imaginava como seria dolorido parir. Parir uma organização que vinha do meu ventre mais profundo, dolorido, invadido, sufocado, silenciado, em prantos, foi uma experiência transformadora, que vinha de dentro para fora. Que vinha, apenas vinha, mas eu não sabia por onde seria.

> "Quando nós, mulheres negras, nos encarregamos de nossas próprias autodefinições, essas quatro dimensões da epistemologia feminista negra – a experiência vivida como critério de significado, o uso do diálogo, a ética da responsabilidade pessoal e a ética do cuidar – vieram à tona." (COLLINS, 2019, p. 425-426).

Também nessa experiência, os elementos destacados por Collins (2019) acima vieram à tona, e saem de nós como palavras involuntárias e voluntárias. Saem leves como o ar que respiramos, como devem sair mesmo, pois cada conhecimento adquirido sobre nossa história, nossa luta, nossa dor, não pode e não deve nunca ficar guardado.

Por isso, cada sentimento mais inquietador que veio e surgiu dentro de mim após o dia 14 de março de 2018 se transformou em frase, vídeo, diário, trabalho, *tweet*, postagem, discurso, ou qualquer outra forma de manifestar o meu mais profundo eu, que desde então, não aceitou e não irá jamais aceitar ser considerada menos do que sou, menos do que somos, mulheres negras em suas potências e multiplicidades. Ou eu ficaria doente com tantos sentimentos guardados dentro de mim, ou agiria a favor das minhas, dos meus, da democracia e de tudo que aqui dentro pulsa.

A partir disso, fui tocada e chamada, a também pensar e criar uma instituição que potencializasse e inspirasse mulheres negras ao redor do mundo, a partir de tudo que eu, Lúcia, Marielle e tantas outras, acreditávamos e acreditamos. Eu sabia — e sei — que, dentro de mim, era necessário seguir e retomar rumos, embora nunca houvesse imaginado que eu seguiria e ainda lideraria uma organização que colaborasse para trazer um entendimento ainda maior sobre o que é caminhar lado a lado para combater o que nos incomoda. Até porque eu ainda acredito e seguirei acreditando que um futuro

redesenhado pelas mãos de mulheres negras é possível. Na minha cabeça, no meu ímpeto, no meu pensar e acreditar, o Instituto Marielle Franco reforça essa teoria.

Dentro de mim, só seria possível criar, liderar e agir, se fosse em torno de algo que realmente trouxesse toda minha base, meus valores, minhas crenças, meu pensar, meu agir, meu acreditar, meu lutar, minha gana, minha força, minhas raízes. Tenho certeza que o Instituto Marielle Franco não será a última organização criada a partir de uma dor, de uma perda ou até mesmo de uma injustiça.

Tenho certeza de que, assim como nós, muitas outras pessoas se sentem chamadas à luta, pois somos constantemente chamadas à luta apenas por estarmos vivas. Algumas são pioneiras, outras nem tanto, mas todas se complementam no lutar por exigir dias melhores. Assim, era inevitável que essa organização tivesse lado definido, o lado certo da história.

São inúmeras organizações que hoje caminham lado a lado com o Instituto Marielle Franco, como a ONG Criola, a Casa das Pretas, o Fórum Marielles, o coletivo Mulheres Negras Decidem, a Coalizão Negra por direitos, a Casa Sueli Carneiro, e tantas outras, que visam, assim como nós, a traçar um desenho de futuro ainda mais inclusivo, desafiador e promissor, e preto.

Esse futuro, a meu ver, deve sempre se conectar com nosso passado ancestral, para, aí sim, sermos capazes de traçar uma visão mais ampla sobre tudo que envolve o povo negro, em especial nossas mulheres negras. Em concordância com algo que minha mãe sempre diz, é preciso "saber de onde viemos para podermos entender onde queremos chegar". Assim como Marinete, minha matriarca, a simbologia por trás de Sankofa[12] nos permite entender o passado, para que só assim possamos buscar um presente fortalecido diante daquilo em que acreditamos. Nosso futuro ancestral passa por onde viemos, nossas raízes, nossa base, de modo que é impossível olhar o futuro sem se fortalecer no presente, trazendo quem veio antes de nós.

Se pararmos para pensar na "[...] longa lista de problemas sociais que atingem tantas mulheres negras [...] – pobreza, violência, condições de vida precárias, acesso inadequado a serviços de saúde e questões reprodutivas [...]" (COLLINS 2019, p. 360), não podemos ficar apenas em assuntos de reportagem ou de postagens de redes sociais,

[12] Disponível em: https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/. Acesso em: 29 out. 2021.

é preciso entender cada problema, cada passado, para sabermos como chegamos até aqui.

Mas também devem ser debatidos e pensados dentro de organizações da sociedade civil, como é o caso do Instituto, para que os responsáveis por leis que comandam nosso país entendam e saibam que estaremos em todos os lugares, exigindo respostas e atitudes. Não somente em locais de políticas partidárias e parlamentares, mas sim em todos os espaços onde seja necessário estarmos para levar nossa voz imponente.

A exemplo disso, em julho desse ano, lancei, com Ana Carolina Lourenço, o livro intitulado *A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras*, com o intuito de fazer nossas vozes serem ainda mais ouvidas coletivamente. Era importante trazer o Instituto Marielle Franco para dentro de uma ação que está em nossa missão e valores: potencializar mulheres negras. Era importante destacar o papel dos movimentos e organizações que constroem e que possibilitam todos esses diálogos. Isso porque o Instituto Marielle Franco e eu acreditamos que é nessas ações que nós, mulheres negras, somos agentes de um verdadeiro processo de transformação e reconstrução da sociedade brasileira. Esse livro é uma contribuição o processo de visibilização para respostas e soluções diante de um contexto de crise social, política e econômica. Não consideramos pisar no freio, mas sim acelerar, com nossas vozes e escritas.

O próprio nome do livro já demonstra tudo que sentimos por adentrar esse lugar que durante anos nos foi negado e onde, diariamente, tentam nos impedir de entrar e nos manter. Imaginar mulheres negras radicalizando a política brasileira é incentivador e inspirador demais. Quando reunimos textos de Luiza Bairros, Lélia Gonzalez, Marielle Franco, Leci Brandão, Erica Malunguinho e tantas outras, trazemos experiências que objetivam um futuro fortalecido por mulheres negras em diversas esferas, mas que começaram lá atrás. A *radical imaginação* é uma contribuição, é um trabalho feito para mostrar que as mulheres negras podem ser agentes de um verdadeiro processo de transformação e reconstrução da sociedade brasileira.

Por entender que as opressões que atingem a vida de mulheres negras são distintas das demais, e a fim de exemplificar como as desigualdades que atravessam nossos corpos são há anos tratadas pelo movimento de mulheres negras brasileiras e

nossas intelectuais, trago a brilhante reflexão de Lélia Gonzalez (1984) em um de seus escritos, ao tratar das especificidades da condição da mulher negra no Brasil:

> [...] Numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação, fazem dos negros e das mulheres cidadãos de segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra. [...] Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira. (GONZALEZ, 2020, p. 109).

Em 1984, ano de meu nascimento, Lélia Gonzalez já trazia assuntos que ainda hoje precisamos debater e para os quais precisamos pedir atenção. A trajetória de vida das mulheres negras e nosso compromisso com um novo modo de viver produziu efeitos em nosso ativismo político e no papel que desempenhamos em todos os espaços de poder que alcançamos até aqui. Não somente isso, mas também nos molda e faz agir e tocar inúmeras organizações, com nossas próprias experiências.

Nesse sentido, quando uma mulher negra age para solucionar os problemas enfrentados por ela e pelo grupo a que pertencente, ela desestabilizará os problemas mais estruturantes da sociedade brasileira, que insiste em nos manter na base da pirâmide. Quando uma mulher negra pensa em uma organização que vai agir em prol das mulheres negras, ela pensa sobre como, de fato, essa mulher é afetada, massacrada, alijada de alguns lugares de decisão, que, na verdade, deveriam ser constituídos de ainda mais pessoas como ela.

Não excluir, não deixar de fora, não fingir que não existe, mas enxergar e lutar para que em todos os lugares haja pessoas como ela em espaços estratégicos para decisões políticas. Disso, eu não abro mão em meus valores, missões, visões e atitudes dentro do Instituto Marielle Franco. Temos responsabilidades enormes diante do nosso modo de nos organizar e criar, pois cada passo dado na instituição é um acontecimento que poderá nos trazer a margem de dias melhores no futuro, para nós mesmas e para as próximas gerações.

Hoje, seguimos com fôlego e energia, atualizando as pautas mais importantes dentro do combate às desigualdades estruturais e sabendo que, em breve, chegará o momento de triunfarmos após anos de luta. Entendo que o resultado de nossa luta será uma política que tenha a nossa cara, nossos pensares, nossos corpos, e queremos estar vivas para desfrutarmos disso.

Assim, pautamos e incidimos em instituições como a ONU, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, o Senado, as câmaras municipais e estaduais, os mais diversos coletivos do nosso estado e município, e tantas outras, levando sempre nossas reais causas de luta por um movimento de mulheres negras forte e autônomo. Denunciamos quem temos de denunciar. Levantamos nossas vozes da maneira que melhor compreendemos, agimos em direção a uma liberdade que é tão importante quanto nos mantermos firmes.

Eu acredito na construção coletiva, na prática e na teoria, e que, sozinha, jamais teria galgado esse espaço. Por isso, de mãos dadas com parceiras, parceires e parceiros, sigo defendendo e criando vias para que estejamos sempre inseridas onde quisermos estar. Olhar para os nomes de todos os parceiros citados acima é observar e ver a grandiosidade dessa história sendo narrada de diferentes formas, mas todas vibrantes, em que evidenciamos um legado que carrega momentos de profunda superação, revolução e entrega.

Na nossa caminhada, sabemos que onde há força, há luta, onde há luta, está presente a mulher negra, são indissociáveis a luta e a mulher negra. Assim, o Instituto e tantas outras diversas organizações caminham e caminharão lado a lado para um melhor entendimento do nosso vasto mundo negro, que tanto defendemos e nos faz ter vontade de levantar e lutar todos os dias de nossas vidas. Vivas, eu quero, todas as mulheres. Por isso, luto como uma mulher, mas uma mulher negra, uma mulher que funda uma organização junto com sua família, que entende o peso de carregar o nome Marielle Franco, e se orgulha disso, porque só carrego aquilo sei que darei conta de carregar.

Podemos observar que uma diversidade de coletivos criados e gerados nos últimos anos por algumas mulheres negras, líderes que seguem agindo para que seu povo alcance devidamente os devidos lugares que merece. A cada dia, a cada reunião, a cada *live*, vemos a grandiosidade de um movimento que só cresce e luta, constante e cotidianamente, para que algo de bom sempre aconteça no campo individual, mas também no coletivo, envolvendo tantas outras mulheres negras que seguem lutando.

Quando digo e afirmo, a exemplo de Nubia Regina Moreira (2018), que sou fruto do feminismo negro, eu o faço com o máximo respeito, mas também com sangue nos olhos. Além disso, vou caminhando, lado a lado com mulheres de fibra e com a revolução que pulsa em nossos peitos e nossas veias. O Instituto não nasce de uma dor

devastadora em vão, ele vem para traçar, revolucionar e manter vivo o legado, a memória e todo o trabalho de Marielle Franco.

Para que o projeto se efetive, não basta pensar a teoria, sem uma prática construtiva direta, eficiente, certeira, que nos leve a alçar voos rasantes e notórios. Trata-se de algo grandioso, porque cada passo dado dentro do Instituto significa que a favela, as mulheres — negras, trans, indígenas, quilombolas, mães, lésbicas, e tantas outras — estão vencendo e ocupando todos os espaços.

Quando lançamos o Mapa Corona nas Periferias, projeto que mapeou as iniciativas de combate à epidemia do coronavírus nas favelas do Brasil, reunimos, em um único site, mais de 450 pontos de doações ao redor do Brasil. Com isso, colaboramos, diretamente nas favelas e periferias, para a minimização dos efeitos do momento crítico de pandemia. Também incidimos nas ruas, distribuindo cestas básicas e material de higiene no Rio de Janeiro.

Quando lançamos as pesquisas sobre violência política contra mulheres negras e a pesquisa "Pra onde vamos", quando fomos denunciar na ONU e na Comissão Interamericana de direitos humanos situações de violência política e apoiamos e potencializamos inúmeras mulheres que foram candidatas em 2020, também quando lançamos a HQ *Marielle Franco Raízes*, tudo isso significa a favela vencendo e potencializando sua maneira mais firme de viver.



Figura 3 – HQ Marielle Franco Raízes
Fonte: Instituto Marielle Franco (2021).



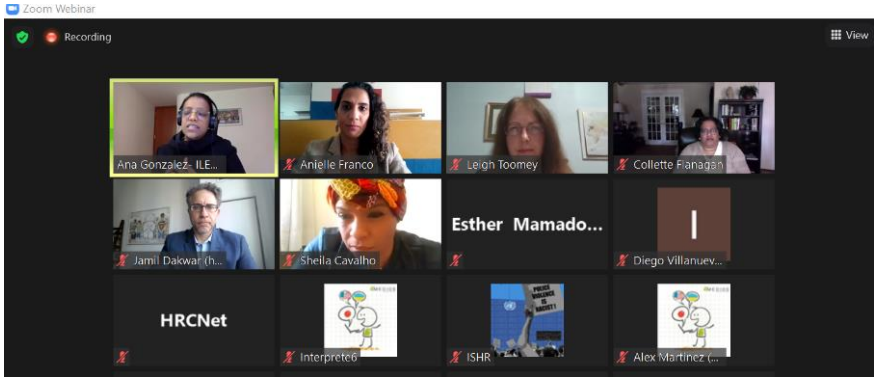
Fotografia 10 – Senhor Antônio, pai de Marielle e Anielle, entregando HQs *Marielle Franco Raízes* na Maré
Fonte: Mayara Donaria (2021).



Fotografia 11 – Distribuição da HQ *Marielle Franco Raízes* no Parque das Missões, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em outubro de 2021
Fonte: Mayara Donaria (2021).



Fotografia 12 – Alunas do Observatório de Favelas na Maré recebem HQs *Marielle Franco Raízes*
Fonte: Mayara Donaria (2021).



Fotografia 13 – Participação do Instituto Marielle Franco na ONU
Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).



Fotografia 14 – Mapa Corona nas Periferias (no site do Instituto Marielle Franco) mostrando todos os pontos de doação
Fonte: Instituto Marielle Franco (2021).

Mesmo considerando todas essas iniciativas, nossos passos podem ser vistos por alguns ainda como lentos e tímidos. Mas o que essas pessoas não imaginam é que isso revela uma enorme organização que veio para revolucionar e que renderá frutos e finais marcados por resistência, à altura de Marielle, para nós e para muitas outras gerações.

Entender que essa morte não foi em vão e que jamais será esquecida, é entender que nosso maior legado é tudo aquilo que trazemos dentro de nós, mas que não pode ficar só na teoria. É preciso haver prática, ação, revolução. Nesse cenário, o Instituto Marielle Franco veio para somar potências, pautar temas e revolucionar, até quando tivermos forças para mudar nosso futuro, fazer valer o passado ancestral e resgatar todo o nosso presente. Nenhum passo à frente será dado sem que pautemos para onde vamos, através dos olhares e das agendas das mulheres negras.

2 – Memória viva e pulsante

> *Os negros, apesar de tudo, sobrevivem*, é um enunciado que capta as dificuldades imensas de um percurso individual e coletivo [...]. *Sobreviver* no dicionário Aurélio, é "continuar a viver, ser, existir, depois de outras pessoas ou de outras coisas. O pronome indefinido *tudo*, abarca a totalidade [...] que se opõe à continuidade da existência objetiva e coletiva dos negros
>
> Edson Cardoso,
> Memória de movimento negro [...]

Ler, estudar e pensar em toda memória que o povo negro produz e produziu até aqui nos dá a certeza de que nossa memória é viva. O movimento negro, as mulheres negras e toda resistência empreendida por nós, nossa ancestralidade, nossas marcas, nossas cicatrizes, tudo isso é memória viva. Em tudo, vemos e sentimos nossa própria história e potência. Falar de movimento negro, portanto, e sobre mulheres negras e Marielle, sem trazer a memória viva, é impossível.

Pensar memória, para mim, é entender que nossas escrevivências, termo de Conceição Evaristo, permitem-nos escrever nossas próprias histórias, testemunhos e visões. Nossas escrevivências são potentes e evidentes, pois nos fortalecem, nos impulsionam e nos fazem impedem de esquecer das adversidades vividas. Da mesma forma como Edson Cardoso afirma, em sua tese de doutorado, que "é parte intrínseca do testemunho minha presença no debate público sobre racismo [...]" (CARDOSO, 2014, p. 18), para mim, falar de memória sem trazer todo racismo que nos assola, sem conectar as minhas e as nossas próprias experiências, seria impossível. Afinal, o que seria de nós sem nossa memória documentada?



Fotografia 15 – Irmãs de alma
Fonte: Acervo pessoal da autora (1989).

Na aula que foi ministrada por Conceição Evaristo para um curso chamado "Ciclo de conferências*:* epistemologias negras*",* ela trazia, para ilustrar parte do pensamento por trás do termo escrevivência, o Abebé, um espelho de Oxum e Iemanjá. Ao lado da imagem, Conceição Evaristo destacava, "Abebé, da imagem de si ao reflexo do nós" (CICLO DE CONFERÊNCIAS: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS, 2021)[13]. Fiquei horas pensando em como essa simples imagem havia me tocado. Não era apenas um espelho, mas sim uma imagem que refletia a minha, movida por um legado, uma memória e muita luta.

Conceição contou também que usa o termo escrevivência desde 1995, quando escreveu sua dissertação de mestrado e, desde então, ele tem rompido barreiras e chegado a diversas áreas de estudo, da literatura à geografia. Logo em seguida, a intelectual prosseguiu mostrando-nos um slide que dizia, *"escrever – inscre – vi - vendo-se pela memória da pele; escreviver o corpo negro; pela memória da pele, escreve-se; escrever – inscre-vi-vendo-se um corpo-sujeito que busca o seu próprio*

[13] Fonte: Aula lecionada por Conceição Evaristo para a turma do curso de "Epistemologias negras: ciclos e conferências em 2021".

pertencimento, que se observa como dono de si próprio" (CICLO DE CONFERÊNCIAS: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS, 2021).[14]

Assim, a escritora me trouxe a ideia de que nossas escrivências não são pautadas apenas por questões e imagens concretas, mas também por todo o contexto cabido na vida do sujeito, desde suas roupas, passando pela memória de sua pele e tudo que nele habita, até a sua legitimidade ao contar suas próprias histórias, que não são apenas descritas, mas sentidas e vividas por esse corpo que produz suas próprias escrevivências e consequentemente, sua memória. Memória não só do corpo físico, mas também de toda a subjetividade incorporada nesse corpo e tudo existe a partir dele. Nossos corpos, nossos passos, nossas decisões, nossas inquietações, tudo em nosso corpo é nossa memória, seja visível ou não.

Quando falo em memória documentada acima, não me refiro apenas à escrita, estão compreendidas também fotografias e qualquer outro tipo de produção que marque e faça história. Seja quando lembramos com amor de nossas mais velhas penteando nossos cabelos e contando como era a vida quando mais jovens, seja num pedaço de papel achado em meio aos documentos antigos, seja um filme, uma placa, uma memória afetiva, todos esses elementos podem compor a memória documentada, concreta ou abstratamente.



Fotografia 16 – Memória e amor
Fonte: Acervo pessoal da autora (1988).

[14] Fonte: Aula lecionada por Conceição Evaristo para a turma do curso de epistemologias negras ciclos e conferências em 2021.

Como é potente podermos olhar para trás e revisitarmos conquistas e desafios os quais nossas e nossos mais velhos venceram, passaram e, acima de tudo, superaram. Digo muito por mim, que sempre que tenho acesso a uma carta antiga ou a uma foto que conte a história e força de minha família, eu me sinto como se estivesse lá, como parte daquela memória. Não à toa, o conceito de escrevivência não fica restrito ao individual, diz respeito também ao coletivo.

Nossa memória, nossos arquivos e nossas escritas são bens preciosos que precisam estar em nossa alma para que jamais esqueçamos nosso passado, nosso presente e tenhamos forças para nosso futuro. Não só o futuro que pulsa em nós e nossa vontade de estarmos vivas e vivos, mas um futuro que tem sido desenhado por mãos de jovens e crianças negras.

Sem nossas escrevivências mais profundas, não temos como seguir. Eu sempre relembro, dentro de mim, que só saberei e jamais deixarei de lado o lugar aonde quero chegar, porque carrego comigo e sei o lugar de onde vim. Sei que minhas raízes, meus valores e meus percalços me fortaleceram até aqui e me acompanharão enquanto estiver viva.

Há dois anos, participei de uma oficina de escrita incrível e potente com Carolina Rocha, conhecida nas redes sociais como Dandara Suburbana, idealizadora do projeto Ataré Palavra Terapia. Nessa oficina, Carolina Rocha disse uma frase que até hoje pulsa em mim. Ela se levantou, entrou no meio da roda com diversas mulheres negras e afirmou: “escrevam, vocês precisam escrever. Seja em um guardanapo, seja em papel de pão, seja em um bloquinho velho, apenas escrevam. Nossas memórias caminham conosco e são fortes impulsionadoras para que outras mulheres negras, como nós, escrevam também”.

E continuou: “Quando estou triste, escrevo. Quando sinto raiva, escrevo. Quando estou feliz, escrevo. E a cada palavra escrita me conecto com alguém, que pode também se conectar comigo. Seja na escrita ou na memória” (informação verbal)[15]. Assim, mesmo já tendo o hábito de escrever e anotar tudo que via e ouvia, eu me policiei para que a prática se fortalecesse ainda mais em mim.

[15] Aula ministrada por Carolina Rocha em sua Oficina de escrita, 2019.



Fotografia 17 – Nossas escrevivências importam. Eu, Bianca Santana, Carolina Rocha (Dandara Suburbana) e Christiane Gomes em um evento na Casa das Pretas, em agosto de 2019
Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Naquele momento, senti como se passasse pela minha mente um filme que trazia a memória de minha mãe enviando cartas e mais cartas para nós quando trabalhava em outros estados; de meu pai escrevendo a fala dele no almoço de domingo, que traria toda família reunida; de minha irmã anotando em suas agendas tudo que ouvia e aprendia nas diversas reuniões de que participava.

Lembrei também meus 12 anos nos Estados Unidos, onde praticamente todos os dias, eu me debruçava sobre lágrimas e papel. A saudade era enorme e nela surgiam muitos relatos que ainda hoje me atravessam. Tenho um grande orgulho dentro de mim de conseguir manter essa rotina da escrita e da memória. Após o assassinato de minha irmã, esse hábito se fez ainda mais presente.

Cada *flash* que me vinha da Mari eu escrevia e reescrevia. Era como se eu tentasse recriar todos os momentos vividos entre mim e ela. Ver o símbolo que Marielle se tornou após sua morte me fez abraçar nossos momentos, nossos valores, nossas risadas e choros mais profundos. Eu só entendi o que minha irmã significava para toda uma população, quando abri a janela da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 15 de março de 2018, e me deparei com uma multidão sem tamanho.



Fotografia 18 – Marielle gigante
Fonte: Mídia Ninja (2018).

Naquele momento, com a árdua missão de consolar minha mãe, disse a ela que minha irmã, sua filha, seria agora um patrimônio cultural do povo negro. Não me atrevi a usar esse termo para diminuí-la, pelo contrário, sua grandeza atingiu o mundo inteiro, Marielle era gigante. Mas mais uma vez, reafirmo: o assassinato de Marielle afeta e acerta a população negra, as mulheres negras, de uma outra forma. Na forma da dororidade de que trata Vilma Piedade (2017), mas também nas escrevivências de Conceição Evaristo.

Nesse sentido, quando recupero a noção de patrimônio, ela supera as dimensões apenas arquitetônicas, assumindo dimensões subjetivas e coletivas. "O patrimônio, portanto, deve ser compreendido como o conjunto de informações que caracterizam as ordens de significado dentro de um grupo, povo ou nação. É coletivo, porque a cultura o é." (DODEBEI, 2005, p. 47). Nosso histórico, nosso patrimônio, nossas lutas e nossas causas são coletivas. Não se pode falar de Marielle sem trazer toda a coletividade que ela mesma representava, para que possamos seguir com nossas esperanças de dias melhores para o povo preto, para as mulheres pretas.

Assim,

> [...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada

> escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. Assim, a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. (DUVIGNAUD, 1990, p. 14).

Com isso, imprescindível criarmos memórias que movam estruturas como as que vemos, lemos e ouvimos, de modo que tais memórias colaborem de alguma forma com o todo, com o meio, com o que queremos ver para nós e para toda a população. Por isso, quando decidimos criar e oficializar o Instituto Marielle Franco, estabelecemos que, entre os pilares, valores, sua missão e sua visão, uma de nossas principais causas seria, desde o dia um, manter a memória de Marielle viva.

Mas o que significaria isso, na prática diária do nosso trabalho para conosco e com toda uma comunidade? Significava que iríamos legitimar, enquanto família, tudo que até hoje tínhamos vivido com ela, mas que também traríamos todo seu histórico de trabalho e ação enquanto mulher, negra, feminista, mãe, lésbica, bissexual, favelada, cientista social e todos as outras representações que nele habitam, para um âmbito mundial.

Dessa forma, como venho sinalizando, o Instituto Marielle Franco nasce das dores e gritos de uma família e se torna mais um exemplo da memória viva e pujante que é e foi Marielle Franco. Era preciso, necessário, revolucionário nos ressignificarmos juntos, numa só jornada. Tínhamos um buraco no peito que somente uma família negra, oriunda de tanta força e resistência, teria essa coragem para ressignificar, o que remete à afirmação de Ana Angélica Sebastião, em sua dissertação de mestrado:

> a ressignificação nos parece ser o fio condutor que nos permite compreender os processos contemporâneos que criam táticas para interferir nesta representação constituída por estereótipos e estigmas. Neste sentido, nossa hipótese é a que de que as organizações de mulheres negras estão ocupando uma nova função: a de novas guardiãs da produção discursiva da memória sobre o grupo na medida em que produzem, registram, difundem, arquivam e lutam pela ressignificação da história da mulher negra e da sua respectiva representação. Falamos de uma ressignificação que também está sendo construída para superar os traumas sofridos no passado. (SEBASTIÃO, 2007, p. 22).

Assim, quando ousamos nos ressignificar, fazemos por inteiro, não damos migalhas a cada passo seguido na direção de uma superação. Criamos memórias vivas

que possam nos levar além de tudo aquilo que sequer um dia podíamos imaginar, mesmo com um sistema que insiste em nos dizer que não.

Ressignificar a dor não é tarefa de uma única mulher negra nesse país racista e misógino em que vivemos. Pelo contrário, tem sido uma tarefa coletiva. Encontrar força em outras mulheres negras que seguem suas vidas, mesmo após inúmeras tragédias e perdas, nos faz querer ir além, nos inspirar e acreditar que nada será em vão. Foi assim que, ao lançarmos o Instituto Marielle Franco na Maré, em 2019, entendemos que essa não seria a única forma de seguir adiante, mas uma das maneiras de chegarmos à altura e ao tamanho da Marielle gigante sobre quem tanto ouvíamos falar nos jornais mundo afora, mas também daquela menina mulher que conhecíamos de perto e que tínhamos em casa no nosso contato diário.



Fotografia 19 – Legado e luta. Lançamento do Instituto Marielle Franco em 27 de julho de 2019 com uma roda de conversa do Papo Franco, no galpão Bela Maré
Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Era preciso nos organizar. O ressignificar não poderia ser movido apenas pela raiva, emoção e resistência. Não que isso não fosse suficientemente enorme para que fizéssemos grandes feitos, porém precisávamos de organização para que o respeito e a memória de Marielle não fosse ainda mais usado vulneravelmente como estava ocorrendo.

Dessa forma, foi necessário criar meios para que pudéssemos passar a uma população inteira o que queríamos. Foi preciso nos comunicarmos de maneira eficiente

e de uma forma que passássemos tudo que queríamos dizer, de maneira firme, forte, direta e preta. “Em outras palavras, a comunicação é em nosso contemporâneo um dos mais ativos processos nos quais as sociedades estão inseridas.” (SEBASTIÃO, 2007, p. 24).

Desde então, à frente do Instituto Marielle Franco, eu me sinto na obrigação de não errar. Quando o povo preto erra, não há perdão. Errar com o nome de minha irmã, então, para mim, seria como me igualar àquelas pessoas que usam e usaram seu nome de forma desrespeitosa, o que não era e não é uma opção. Afinal,

> Nossa primeira constatação é a de que as mulheres negras organizadas, influenciadas pela pedagogia feminista (que, entre outros temas, aplicava a narração e valorização de histórias pessoais), tiveram que olhar para si mesmas a fim de construir o temário em torno da mulher negra contemporânea. Os relatos das trajetórias pessoais e da memória de mulheres, que protagonizaram histórias de resistência, são elementos constitutivos deste processo identitário e de luta por hegemonia. A partir da condição compartilhada de exclusão racial e de gênero, o movimento de mulheres negras constrói uma definição do temário específico sobre as mulheres negras. (SEBASTIÃO, 2007, p. 33).

Eu sei que não estou sozinha nessa construção de uma memória que se fez presente em tantas outras pessoas do mundo inteiro. Isso, no entanto, não é suficiente sem uma prática que traga todo o significado e o reconhecimento em forma de trabalho. Como bem afirma Ana Angélica Sebastião (2007) acima, somos influenciadas sim por uma pedagogia feminista, que quase sempre começa em nossa própria casa e criação.

Comigo não foi diferente. Foi forte demais crescer ao lado de mulheres que produziram memória e até hoje seguem fazendo. É impossível eu não me influenciar por minha irmã e pelas mulheres da família de forma positiva. A esse respeito, o Instituto Marielle Franco entende que, no futuro, será imprescindível termos um centro de memória e ancestralidade dentro do nosso escopo de atividades presencias. Um sonho que espero em breve realizar.

Dessa forma,

> A produção discursiva da memória coletiva sobre a mulher negra tem sido operacionalizada pelas organizações de mulheres negras por intermédio de práticas comunicativas, que, entre outros objetivos, tem o propósito de produzir um novo sentido no imaginário coletivo do grupo. [...] As organizações de mulheres negras, utilizando-se das práticas comunicativas, realizam a lembrança desse passado rememorado que também opera na consolidação de um novo sujeito histórico, constitutivo de uma nova identidade e atuante no imaginário coletivo. Fazem das práticas comunicativas (e respectivos conteúdos) uma das ferramentas estratégias para

> a reversão do lugar de subalternidade ocupado pela mulher negra no imaginário social. (SEBASTIÃO, 2007, p. 112-113).

Assim sendo, quando pensamos em uma produção comunicativa que traga o nome de uma mulher negra que tanto representa, como é o caso de Marielle, nós nos tornamos sujeitos construtores de uma memória que deixa de ser somente dessa mulher e passa a pertencer a um grupo inteiro de pessoas, que trazem ações, visando a transformar em políticas públicas, ações, construções coletivas, memórias, legado e suas próprias escrevivências, em prol de um grupo, que, nesse caso, é de mulheres negras de todo o mundo.

Pensar em fazer memória com nossas próprias mãos não é uma tarefa fácil. Afinal, nada que nos é imposto nessa condição de pós-trauma é uma tarefa fácil. Mas, como disse no início do trabalho, eu tinha duas opções, calar-me ou agir. Em nosso estado natural de luta por nos mantermos vivas diante de um processo de tanta dor e transformação, é necessário seguir de forma espiral e acumulativa, e não em uma linha reta.

Assim, "a memória, inscrita como grafia pela letra escrita, articula-se assim ao campo e processo da visão mapeada pelo olhar, apreendido como janela do conhecimento" (MARTINS, 2003, p. 64). Nosso corpo é nosso conhecimento. Nosso conhecimento nos leva a lugares onde fincamos memórias e fortalecemos escritas. Não somente a escrita da grafia, conforme bem ressalta Leda Martins, mas a escrita de saberes ancestrais que passamos de geração para geração. É uma escrita que traz as encruzilhadas da vida e que podem ser facilmente pensadas e definidas como nossas maiores escrevivências.

A partir desse cruzamento, reitero o questionamento: será que nossas memórias são apenas individuais ou também podem ser coletivas? Acerca dessa questão, em seu texto sobre memória e identidade, Michael Pollak, afirma:

> [...] a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. (POLLAK, 1992, p. 201)

Sendo assim, não há modo de não nos identificar como fatos marcantes de nossas memórias, diversos acontecimentos vividos há séculos, décadas, pelo o povo negro, por nossas mulheres negras e por todo esse povo que vive de luta e resiliência constantemente. É impossível não nos deixarmos influenciar por nossa constante memória que pulsa dentro de nós como nosso sangue que corre e como nossos marcos que fortalecem. Ao contrário, não só nos influenciam, como também nos moldam e determinam como e por onde seguiremos.

Pensar em memória coletiva é sentir o gosto da dor do outro, mesmo que tal dor não tenha sido nossa diretamente. Mais uma vez, volto ao dia que se seguiu ao assassinato de Marielle, quando fomos surpreendidos por uma multidão em que cada pessoa que dela participava trazia uma força devastadora para lutar contra essa atrocidade; eram indivíduos que, coletivamente, fizeram história no Rio de Janeiro em frente à Câmara. Não havia, ali, presentes, gritando "Marielle presente", 60 mil familiares, mas havia todo um emaranhado de mulheres, homens, favelados, pessoas trans, macumbeiras, e tantas outras definições, construindo e cultivando os primeiros passos de uma memória coletiva daquela mulher que tanto significava e significa para cada uma ou um.



Fotografia 20 – Marielle potência. Manifestação de sete dias de morte de Marielle e Anderson
Fonte: Mídia Ninja (2018).

Ainda nesse capítulo sobre memória coletiva, Michael Pollak fala sobre como fazemos memórias em diferentes lugares, com pessoas, personagens (1992) e tudo que

nos afeta enquanto indivíduo, para, a partir daí, sim, formarmos o nosso coletivo. Dessa forma, a pessoa Marielle Franco, após seu assassinato, torna-se memória coletiva do mundo inteiro, apoiada por sua família e pela criação do Instituto Marielle Franco, que hoje aponta caminhos coletivos dentro de uma sociedade que insiste em nos apagar, conseguindo então manter vivo e fortalecido o legado, assim como sua memória coletiva e individual.

Nossa memória não é sobre nós, é sobre o que iremos deixar para os nossos e para as nossas. Nossa memória não é só sangrenta, ela é emancipadora, intelectual, afrodiaspórica, impulsionadora e histórica, porque, mesmo quando tentam nos calar e apagar, nossos líderes e nossas líderes nos dão vozes para seguir e resistir.

3 – Rosa da Resistência: sementes

> Não podemos transcender os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance
>
> Gloria Anzaldúa,
> Falando em línguas [...]

3.1 – Ela: a filha de Iansã, Nossa Senhora Aparecida e Marinete

No dia 14 de março de 2018, minha irmã, Marielle Franco, nome adotado por ela no lugar de Marielle Francisco da Silva, por ter sofrido *bullying* durante toda sua infância e adolescência, eleita vereadora em 2016, com 46.502 votos, foi brutalmente assassinada com cinco tiros na cabeça, dentro do carro em que estava, com seu motorista, Anderson Gomes.



Fotografia 21 – Seguiremos. Manifestação a caminho do velório de Marielle e Anderson
Fonte: Mídia Ninja (2018)

Com o assassinato de minha irmã, tornam-se ainda mais "[...] visíveis as vulnerabilidades presentes na vida das mulheres no Brasil e na América Latina, principalmente as que atuam na agenda dos direitos humanos e da justiça étnico-racial e de gênero." (LIMA; GAMBETTA 2020, p. 86). Marielle desafiou o sistema cis-heteronormativo patriarcal, entrando para as estatísticas do que Lima e Gambetta (2020, p. 97) definem como "[...] bionecropolítica genderizada, e que tem como foco as mulheres negras, indígenas e racializadas [...]", trazendo para uma discussão que não

começou em 2018 com Marielle, mas que acontece há séculos mundo afora. Vejamos um trecho em que as autoras, dialogando com o pensamento de Grada Kilomba, afirmam:

> [...] acoplada a essa máquina que aqui estamos chamando de bionecropolítica, trazemos as relações de gênero para pensar essa maquinaria cujo motor é o racismo e, consequentemente, as noções de raça que se forjam, são reatualizadas e disputadas diariamente. Pensar uma bionecropolítica de gênero é entender que "raça e gênero são inseparáveis onde 'raça' não pode ser separada de gênero nem o gênero pode ser separado da 'raça'. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de 'raça' e na experiência do racismo" (LIMA; GAMBETTA, p. 99-100).

Essa ideia não é recente no campo de reflexões das pensadoras negras. Na longa história da produção de mulheres negras, feministas ou não, a relação entre raça, gênero e também sexualidade sempre esteve presente. Destacamos as reflexões das pensadoras, intelectuais e feministas brasileiras e negras, como Lélia Gonzalez (2018) e Sueli Carneiro (2011), além de feministas negras estadunidenses, como bell hooks, com vários textos que tomam raça, gênero e sexualidade como categorias centrais; Patrícia Hill Collins (2019), com importantes discussões sobre a política sexual e as mulheres negras; Angela Davis (2016, 2017), com reflexões que incorporaram a classe como um eixo de opressão imprescindível nas reflexões sobre raça e gênero; além de Audre Lorde (2020), entre muitas outras. Lembramos aqui o texto seminal "Manifesto do Rio Combahee", escrito por militantes negras e lésbicas negras em 1977, quando já nos apontavam "o compromisso ativo contra a opressão racial, sexual, heterossexual e de classe" (COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, [201-?], tradução nossa).

Quando Lélia Gonzalez (2020, p. 269) afirma que "[...] a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc. [...], mas tornar-se negra é uma conquista", ela remete à ideia de que sobreviver a cada etapa de interseccionalidade que nos é imposta como mulheres negras, seja pela sociedade, pelo sistema, ou pela opressão, é prova de resistência e um problema constante. De acordo com Lima e Gambetta (2020), como contraponto à bionecropolítica, encontram-se as resistências viscerais e a persistência ao tempo dos assassinos. Resistir no Brasil, hoje, é um ato de coragem. Marielle, ao gritar em um de seus últimos pronunciamentos "não serei interrompida", deu voz há milhares de mulheres negras que ainda hoje seguem sendo silenciadas. Seu corpo não resistiu, mas suas ideias permanecem. Mesmo representando um exemplo perfeito e importante

da definição de bionecropolítica tal qual vimos acima, Marielle segue sendo lembrada e ouvida. Ouso dizer que ela se torna um patrimônio político nacional, acadêmico e mundial, após seu assassinato, pois traz diversas vozes coletivas juntas, através de tudo que representava em seu único corpo.

Antes de descrever esse trágico momento que arranca de mim minha parceira, abro aqui algumas linhas para narrar a campanha que rendeu a minha irmã 46 mil votos. Essa campanha foi feita com muito corpo a corpo e luta, que tinha investimentos de nossa família, conquistados com nosso suor e trabalho. Fizemos uma campanha linda, com pouca verba vinda de seu partido, pouco dinheiro em caixa, mas com muita vontade de vencer. Foi a primeira e última campanha de Marielle, e também a última campanha na qual eu realmente tive prazer e nenhuma desconfiança em colocar em prática tudo em que acreditava e com que sonhava. Foi algo bonito e fácil de fazer, porque eu me reconhecia naquele corpo que se colocava naquele lugar de disputa com coragem e afinco. Eu sabia, conhecia e tinha vivido aquela história durante 35 anos de minha vida, junto com ela. Era quase como se eu mesma estivesse me candidatando.

Não era eu, mas era ela. Era ela: a filha de Iansã, Nossa Senhora Aparecida e de Dona Marinete. A mulher que chegava e iluminava com sua luz todo lugar. Era a mulher que arrancava sorrisos e abraços de pessoas que votaram nela e de pessoas que a conheceram naquele dia da vitória, na comemoração mais linda que eu já vivenciei, cheia de pretas, guerreiras, sapatões, trans, faveladas, mães solos, estudantes, e pessoas no geral que acreditavam e se reconheciam nela. Era uma festa tomada de representatividade que eu jamais apagarei de minha mente.

Feita essa retomada da campanha vitoriosa, voltemos a um dos dias mais tristes de minha vida: lembro exatamente o arrepio do meu corpo quando atendi o telefone naquele dia 14 de março, recebi a notícia do crime, e entendi que, naquele momento, minha parceira de vida tinha se tornado minha estrela maior. Uma ventania tomou conta da cidade do Rio de Janeiro na mesma noite que me tiraram minha irmã, era a força do vento, da natureza, já nos avisando que nada daquilo seria em vão. Foi uma mistura de frio, com ventos fortes, e muita chuva.

Minha filha mais velha, Mariah, que além de sobrinha, é afilhada da Mari, gritava seu nome dormindo, sem imaginar o que havia acabado de acontecer com a dinda. Nesse momento de dor e desespero, ao olhar para meus pais e sobrinha, por um

momento, achei que perderia os três também, naquele mesmo dia e momento. Era pânico, choro, desmaio e gritos que ecoavam dentro da minha alma, que na verdade só queria encontrar a Mari e entender tudo que estava acontecendo.

Dentro de mim, eu só clamava que fosse tudo mentira, um mal-entendido, mas tudo aquilo era verdade. Infelizmente era a pura verdade. Cheguei ao local do crime 15 minutos após receber a tão fatídica ligação. Ali, vi, com meus próprios olhos, a mão de minha irmã pendurada, com seu sangue pingando, seus óculos preferidos completamente ensanguentados no chão, seu anel colorido ao lado, e toda sua bolsa azul suja de sangue e jogada.

Era o sangue dela. Era o meu sangue ali derramado. Achei que cairia ali mesmo naquele local, de tanta dor que meu peito sentiu. Mas não. Uma força ancestral me segurou e me manteve firme; em minutos, passou na minha cabeça um filme lindo de tudo que vivemos juntas e de tudo que ela fez por mim em vida. Cada lembrança era um respiro, em cada respiro crescia uma urgência de me manter viva e forte, para poder cuidar dos meus. Eu me perguntava diversas vezes: o que ela faria no meu lugar se tivesse sido o contrário?

Voltei para casa e abracei forte meus pais e minha sobrinha, contando que era verdade. Era ela. Ela mesma. Nossa líder, nossa menina, nossa mulher, nossa vereadora, nossa irmã, nossa filha, nossa mãe, nossa tão potente Marielle. Ela já não estava mais conosco em carne, mas seguia, desde o primeiro momento, já segurando nossas mãos.

Não dormimos. Passamos a noite acordados assistindo ao espetáculo da natureza que recebia a Mari com ventos e chuva. Olhamos fotos, mensagens, escutamos áudios recentes trocados com ela e choramos. Choramos tanto que nossos olhos ardiam de dor. Choramos como choro agora, ao lembrar daquele momento, daquele dia, daquela cena e de todo o meu amor por ela. Não é qualquer amor, não é um amor que passa ou que pode ser trocado, é o amor de irmandade, que me fez passar 12 anos nos Estados Unidos, me dando força para seguir, que me impulsiona a traçar saltos ainda mais altos, porque sei que ela não me deixará cair.

Na manhã seguinte, tive mais um encontro com minha irmã. Dessa vez, pude olhar para ela, conversar com ela, sentir uma paz que seu olhar me passava e arrumá-la para o seu velório. Ir ao Instituto Médico Legal (IML) reconhecer aquele corpo, que,

mesmo sem vida, me passava a certeza de que era preciso seguir me fez entender que tudo que ela havia feito por mim não havia sido em vão.



Fotografia 22 – Marielle nossa ancestral. Manifestação após 7 dias de assassinato de Marielle e Anderson
Fonte: Mídia Ninja (2018).

Chegamos ao velório da Mari. Ela foi linda. Usava um turbante coral para combinar com um de seus vestidos preferidos, que era bem alegre e marcante. Maquiamos seu rosto para esconder as marcas dos cinco tiros. E, assim, linda como era, meus pais se despediram de sua primogênita por incansáveis dez minutos, admirando aquela beleza negra da Mari, mesmo com seus olhos fechados e estando dentro de um caixão.

Se pudesse desejar algo, eu desejaria que jamais qualquer mãe ou pai enterrasse seus filhos. Nenhuma. Nenhum. Foram os dez minutos mais marcantes de minha vida. Eu segurei meus pais, mas não sei como me segurei. Segurei Luyara e lhe prometi que cuidaria dela com unhas e dentes. E, mais uma vez, eu me segurei em minha força ancestral, a mesma que me trouxe até aqui. A força que me leva adiante e me faz ter certeza de que não ando só.

Poucos minutos antes de tudo acontecer, trocamos mensagens nas quais Marielle me dizia para nunca me esquecer da força que habitava em mim e que eu ainda tinha muita coisa a viver. Naquela noite, minha irmã voltava de uma atividade em que ela debatia inclusive o futuro de nossas jovens negras, assunto que era primordial na sua construção política. Foi uma noite linda para ela, pois a animação com que nos contou

sobre o evento quando saiu era digna de uma lembrança memorável. Na ligação, ela chegou a dizer que seria lindo se Luyara tivesse ido com ela.

Nada disso aconteceu em vão, pois Mari carregava em seu corpo o histórico da menina jovem de favela que cresceu sonhando mudar o mundo. Então, estar ali, naquele evento, na Casa das Pretas, era se reconhecer naquelas meninas que estavam naquela roda com ela, era pensar e desejar que sua filha, ainda adolescente, se inspirasse também em muitas daquelas e seguisse seu próprio caminho de sucesso e superação.

Afinal, Marielle era fruto de uma criação potente que lhe ensinou a ser sonhadora, batalhadora e a nunca abaixar a cabeça, mesmo ainda jovem. Assim, todas as vezes em que ela estava rodeada de mulheres que tinham o futuro pela frente, fazia questão de contar tudo que passou até se tornar a Marielle, inspiração de tantas outras.

Minha irmã passou por muitas adversidades enquanto mulher negra, favelada, mãe solo, militante, com uma personalidade invejável e uma presença marcante, tudo que, somado a criação de minha mãe, fez com que ela se tornasse luz quando abraçou as oportunidades que lhe surgiram. Costumo dizer que a Mari já era luz e virou ainda mais luz, aqui na Terra para pessoas que seguem se inspirando nela e luz ancestral, segurando nossas mãos e nossos medos, mesmo em outras dimensões, para nos ajudar a seguir. Luz que acendeu e colocou o Brasil em alerta para o que estava por vir. Apenas luz, que guia e faz florescer mais mulheres negras, como ela.

3.2 – Eu: movida por raiva e vestida com armadura

Tiraram-me minha irmã da forma física num cenário do qual jamais me esquecerei, não é possível esquecer o que fizeram conosco e a forma como tudo foi feito. Cada uma de nós sempre teve sua singularidade, mas vivemos de uma forma conjunta, de modo que tiro nenhum será capaz de esvaziar, e eu passei a ser a filha única. Filha única. Esse é um termo que jamais imaginei usar. Muitas vezes pensei: e se fosse o contrário, como ela estaria agindo? Isso me remete à frase de bell hooks (2018, p. 27): “feministas são formadas, não nascem feministas”. Mesmo com toda minha formação de vida com elas, agora havia uma necessidade maior, mais do que nunca, era preciso colocar aquela feminista para fora.



Fotografia 23 – Marcha das Mulheres Negras de 2017/2018
Fonte: Dandara Santos (2017/2018).

Aquela foi uma noite na qual a dor tomou conta de toda minha família, de minha alma e invadiu meu corpo, como se eu também tivesse sido atingida por aqueles tiros. Sei que, humanamente falando, não era possível, pois não estávamos no mesmo lugar, mas, ancestralmente, também fui atingida em meu corpo e em toda a minha alma. Na verdade, sempre digo que fui atingida, assassinada, transformada, por dentro e por fora, e obrigada a seguir em frente não só pelos sentimentos que me tomaram naquela noite ou pela minha família, mas por todas as coisas nas quais sempre acreditei e que desejei para nós.

Foi preciso renascer de minhas próprias experiências, foi necessário nascer e renascer em mim uma sujeita política, uma sujeita testemunha da própria dor. Márcio Seligmann-Silva (2008, p. 69) afirma que, "na situação testemunhal, o tempo passado é o tempo presente [...]. Mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa".

Assim, lidar com esse passado, estando no presente, é algo que só quem vive, sendo capaz de externar, entende. Escrever nossas dores nem sempre é algo fácil, ainda

mais quando essas dores nos cortam, atravessam-nos e nos fazem entender o quanto é preciso resistir. Mas foi preciso transformar nossa dor e nosso silêncio em ação, pegar toda minha raiva e usá-la como combustível para futuros passos, conforme magnificamente me inspira Audre Lorde (2020):

> As mulheres reagem ao racismo. Minha reação ao racismo é a raiva. Tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la antes que ela relegue ao lixo as minhas visões, durante boa parte da minha vida. Houve um tempo em que eu fazia isso em silêncio, com medo do fardo que teria de carregar. Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai ensinar nada a você. Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição, e da cooptação. Minha raiva é uma reação às atitudes racistas, assim como aos atos e pressupostos que surgem delas. (LORDE, 2020, p. 155).

Assim eu fiz. Após o assassinato, eu tinha duas escolhas: aceitar tudo que estava acontecendo em minha família de braços cruzados, ou agir para que o legado e a memória de minha irmã fossem mantidos vivos, mas com a nossa narrativa, na qual eu, mulher negra, não seria silenciada, interrompida e poderia contar minha própria história, e ainda seria a protagonista de tudo que fosse feito.



Fotografia 24 – Seguindo passos
Fonte: Mídia Ninja (2019).



Fotografia 25 – Lutando por nossos direitos
Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Espero que as pessoas que me leem não entendam minha preocupação como uma atitude soberba, mas sim como uma atitude que expressa o cansaço de lutar contra um sistema opressor, perturbador e que há séculos nos tira dos espaços de decisão e nos silencia, que assassina minha irmã mais velha e me deixa sem chão. Trata-se de um sistema que acredita que mulher nenhuma, muito menos uma mulher negra, deve ocupar algum lugar de decisão e poder.

Mas foi assim, pensando em minha infância, minha ancestralidade, minha criação ao lado de mulheres incríveis, que minhas dores, meus desejos mais firmes por justiça, tomada por uma raiva que me levava a sonhar sem parar, e em tudo que aprendi com minha irmã, misturado com uma grande inquietação, que eu decidi que o Instituto Marielle Franco ganharia vida um ano após a execução de Marielle. Em um dos seus últimos pronunciamentos, Marielle disse: “o legado de disciplina, firmeza, assertividade e ousadia é a nossa nova condição de mulher” e essa condição parte de nós para nós.

Nosso instituto não seria qualquer organização do terceiro setor, seria criado para inspirar, dar protagonismo, protagonizar e caminhar junto com as mais diversas mulheres negras, periféricas e LGBTQIAP+ diante de uma luta e uma busca incansável por justiça para os nossos, pelos nossos e, principalmente, por Marielle. Então, o Instituto Marielle Franco nasce do encontro de dores e lutos singulares com uma dimensão coletiva que traz para o centro das reflexões e debates as experiências negras,

principalmente de mulheres negras, numa maioria considerável, habitantes das favelas, comunidades e periferias do Brasil.

Nesse movimento, Marielle Franco, sua vida e trajetórias assumem a dimensão de uma "multitude negra", de acordo com a definição de William Mazzarella (2010, p. 707, tradução nossa), "multitudes potencializam a coletividade. Ao contrário das multidões, elas o fazem enquanto preservam, e até mesmo desenvolvem a singularidade de cada um de seus elementos constituintes". Já eu costumo dizer que Marielle era a própria pluralidade em pessoa, representando tantas de nós em um único corpo. Ela trazia em si diferentes lutas, projetos, pensares, de forma múltipla, mas coesa. Ao ser arrancada de nós, torna-se ainda maior que uma nação, ainda maior que uma dor, ainda maior que uma lembrança. Ela se torna uma potência de multiplicidade capaz de unir o mundo inteiro em prol de sua pluralidade, sempre respeitando a singularidade de cada uma.

Marielle era fruto de um movimento de mulheres que há anos tenta fazer com que nossa sociedade entenda a necessidade do crescimento de mulheres negras em diversos espaços. Em se cortpo, ela trazia uma representatividade completa de várias formas que nos faziam sentir orgulho de tê-la como nossa vereadora. Angela Davis (2017, p. 17) também afirma que "[...] devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs, independentemente da classe social, assim como todos os nossos irmãos, subam conosco.". Marielle também pensava que, se ela subisse, todas nós e todos os nossos subiríamos junto com ela.



Fotografia 26 – Marielle eterna. Paris 2018
Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

4 – Rosa da resistência: desabrochando

> Se mulheres querem uma revolução feminista – nosso mundo está gritando por uma revolução feminista –, devemos, então, assumir a responsabilidade de unir as mulheres em solidariedade política
>
> bell hooks,
> E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo

4.1 – O nascimento do Instituto como forma de resistência

Nascia em mim, ao mesmo tempo que emergia o Instituto, com minhas escrevivências de dor, a diretora executiva do Instituto Marielle Franco. Na minha cabeça, a instituição vinha com o intuito de tentar amenizar alguns dos problemas mais visíveis que sempre soubemos existirem, mas que agora estavam ainda mais fortes em nossas vidas. Era questão de honra fazer dar certo. O fazer dar certo significava entrar em portas, mesmo as trancadas com cadeados que vinham sendo fechadas para a família negra "barraqueira e raivosa", como eu ouvi dizerem sobre mim numa primeira fala pública que fiz, um mês após a morte da Mari.

Não foi fácil pensar o Instituto, muito menos tem sido fácil expor tudo que nos esfolou até chegar aqui. Entendo perfeitamente que minha pesquisa me transpassa, ela me corta, fere minha alma e me leva a lugares que jamais imaginei revisitar aos meus 37 anos. Mas se eu não tivesse essa coragem e não levantasse a minha voz pelos meus e por ela, quem levantaria? A esquerda branca midiática? Não.

Seria eu. Sou eu. Serei eu. Afinal, "a experiência como critério de significado com imagens práticas como veículo simbólico é um princípio epistemológico fundamental para os sistemas de pensamento afro-americano" (COLLINS, 2019, p. 412).

Nesse sentido, experiências vividas e trocadas entre nós, muitas vezes, conseguem nos abrir horizontes e arrancar suspiros de esperança. Lembro-me de que conversei com minha família e com minha mais velha que amo e respeito, Lúcia Xavier, quando pensei em criar o Instituto. Ouvi muitas de suas experiências à frente de sua instituição Criola, que hoje é referência mundial e, na hora, ela me fez sonhar com tudo que eu queria ter. Entendi com ela que "viver como uma mulher negra exige sabedoria,

pois o conhecimento sobre as dinâmicas das opressões interseccionais foi essencial para a sobrevivência das mulheres negras [...]" (COLLINS, 2019, p. 410).

Eu queria um impacto positivo na sociedade e em todas as pessoas que duvidaram de nossa capacidade de crescer, criar e nos reinventar. Construir coisas coletivamente dentro da sociedade civil era questão de honra. Como Marielle pensava sempre no coletivo, assim eu queria o instituto. Era ela ali, era nossa família ali. Hoje, temos uma pequena equipe de sete pessoas à frente da entidade e cada detalhe ou decisão, cada passo é dado e pensado em conjunto.

Pensar desde nossa identidade visual, que hoje contém girassóis e sementes, que simbolizam o tão falado: "Marielle Presente", até a equipe que iria compor esse time foi desafiador e desgastante. Mas nada acontece de modo fácil para pessoas que, como eu, sonham em atingir o alvo da liberdade por dias melhores e mais brandos. Assim, lançamos, no dia 27 de julho de 2019, dentro do Complexo da Maré, com a presença de aproximadamente 200 pessoas, inclusive algumas deputadas negras que foram eleitas em 2018, o Instituto Marielle Franco. Também nessa data, que desde 2018 virou uma data de resistência, se celebra o aniversário de vida de Marielle.

Nessa mesma data, legalizamos e conseguimos nosso estatuto, com nossa sede inicial sendo na casa de minha mãe, um lugar que remete a uma boa parte de nossa memória afetiva e ancestralidade. Mas, como muitas famílias negras, sonho que depende do elemento financeiro quase sempre demora a se concretizar. Então, fizemos o que era possível naquele momento, mesmo não sendo o mais seguro. Hoje, com o crescimento do Instituto, temos um endereço comercial para correspondências e reuniões, mas ainda não possuímos uma sede para encontros fixos.

O que temos ainda não corresponde à forma e ao local com que sonhamos, mas estamos constantemente em movimento para termos um centro de memória e ancestralidade do Instituto Marielle Franco no futuro. No dia do lançamento e da legalização do estatuto, fizemos uma assembleia geral para decidirmos diretoria e cargos e, a partir dali, começamos a desenhar o quadro de funcionalidade que teríamos à frente.

Não bastava colocar o Instituto Marielle Franco na rua sem estarmos resguardadas de toda legalidade que o momento e a causa pediam e pedem, era necessário transformar nossa dor, nossa causa, nossos sonhos em algo que

documentasse tudo que nos movia até ali. Eu não estava sozinha. Nunca estive. Mas nesse sonho coletivo, eu não podia errar. Sentia como se arrastasse toda aquela multidão que vi no velório para esse sonho comigo.

Após toda parte burocrática feita com sucesso, era hora de nos sentarmos para definir o que iria nortear e guiar nossos próximos passos. Com o estatuto na mão, era hora de moldar o que iríamos apresentar à sociedade e a todas aquelas pessoas que estavam nos apoiando. Quando eu e Lúcia Xavier (Criola) sentamos no avião para pensar os próximos passos e desenho da instituição, imaginei tudo que eu queria, tudo de que não abriria mão, aquilo em que fizesse sentido colocar o nome de minha irmã e, principalmente, tudo que eu pudesse transformar em concretude diante da perda daquele corpo que tanto me fazia e faz falta.

Quando eu, Marcelle Decothé e Rafael Rezende (equipe presente na criação do Instituto Marielle Franco) sentamos por horas e horas em minha casa, comendo pizza, ou em um escritório emprestado de nossos parceiros, virando noites, fazendo planos e contatos com pessoas de todo o mundo, ouvindo especialistas, lendo e relendo sobre o assunto, vi uma instituição grandiosa ganhar forma, peso e história.

Nossa construção coletiva foi imprescindível, segue sendo nosso grande marco. Nossa amizade também. Não tenho palavras para agradecer a esses dois por toda dedicação e força com as quais me fizeram acreditar ainda mais em mim mesma, no Instituto e nessa história. Desde um singelo almoço no shopping Nova América, até uma reunião na ONG Criola, onde chorei procurando um caminho possível para minha dor, esses dois me fizeram galgar espaços aonde jamais imaginei chegar e me levaram a acreditar em coisas que nem imaginava existirem. As pessoas viam o Instituto ganhar forma, logomarca, cor e tamanho, imaginando que éramos uma equipe de 15 pessoas. Mas não, erámos somente nós três com uma sede gigante de que desse certo, buscando pessoas e métodos que nos igualassem a tudo que defendemos.

Nossa missão dentro do Instituto, hoje, é “[...] inspirar, conectar e potencializar mulheres negras, LGBTQIAP+ e periféricas a seguirem movendo as estruturas da sociedade, por um mundo mais justo e igualitário.” (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020, n. p.). Tal missão sempre está conectada com tudo aquilo em que decidimos pôr a mão no Instituto. Temos sempre como prioridade, desde a contratação

de pessoal até a implementação de um projeto, sempre que possível, manter um número significativo maior de mulheres negras.

Nossa visão é “incidir para um mundo onde mulheres negras, LGBTQIAP+ e periféricas possam acessar e permanecer em diferentes espaços de decisão da sociedade, tornando-se referência para ativistas do mundo inteiro assim como Marielle se tornou símbolo global de resistência”. Incidir constantemente, para que possamos estimular o maior número de mulheres a se sentirem encorajadas a fazerem e serem quem desejam e o que podem ser.

Nossos valores hoje são “abertura, autonomia, antirracismo, antiLGBTfobia, antimachismo, ancestralidade, afeto, papo franco, humildade e disciplina”. Valores que estão conectados totalmente com nossos projetos e pilares. Nossos pilares são “Lutar por justiça, regar as sementes, multiplicar o legado e defender a memória”. Valores, pilares, missão e visão são indissociáveis uns dos outros.

Tudo que fizemos até aqui segue uma linha que traz o que acreditamos, em conjunto com o que precisa ser feito. Em 2018 e 2019, estruturamos uma instituição que surge a partir de uma violência política brutal. Era preciso agir e assim fizemos. Em 2020, surpreendidos pela pandemia, viramos uma chave entre organizar, estruturar e apresentar o Instituto. Paralelamente a isso, era importante ajudar os nossos e as nossas que estavam e ainda estão sendo os mais afetados por essa pandemia. Já em 2021, foi preciso agir com cautela e força para resistir e seguir.

Cada grito, reunião, conversa, pesquisa, cansaço, trabalho de campo, processo seletivo, estudo e aprendizado, fez com que percebêssemos a sede de revolução que veio ainda mais aflorar após o assassinato de Marielle. Essa sede era constantemente saciada com os projetos e planos do Instituto, cuja primeira ação coletiva do Instituto, logo assim que lançamos o site, reuniu pessoas do mundo inteiro que nos parabenizavam por termos dado esse passo tão importante. Era mais uma vez nossa dor sendo ressignificada da maneira que, naquele momento, achamos mais pertinentes.

Figura 4 – Logo do Instituto Marielle Franco
Fonte: Desenvolvida e criada por Bruna Souza (2020).



Fotografia 27 – Família e legado. Primeira edição do Papo Franco em homenagem ao aniversário de Marielle. Da esquerda para direita: Anielle, Marinete, Luyara e Antônio.
Fonte: Arquivo da autora (2018).

Com dores e desafios cercando nossa família, veio também uma vontade gigante de estudar cada vez mais, de me fortalecer, criar muitos conteúdos e espalhar nossos valores mundo afora. Afinal, o Instituto estava nascendo para nos impulsionar a sermos tudo com que sempre sonhamos e nunca pudemos ser nesse sistema opressor. Costumo dizer que é do Instituto que crio forças para seguir, e inclusive trilho novos caminhos acadêmicos e pessoais para minha vida.

É exatamente por isso que tudo que envolve o Instituto me traz a certeza de que todos esses esforços, estão valendo a pena. Nossas dinâmicas, conquistas e realizações,

ganharam o mundo com apenas um ano de vida. Esse lugar que, hoje, com muito orgulho, luta, e vontade de inspirar outras pessoas, em especial meninas e mulheres negras, faveladas, periféricas e LGBTQIA+, tem a missão de manter/carregar esse legado gigante e agir em diferentes esferas, é esse meu objeto, que prefiro chamar de meu *lugar de estudo*.



Fotografia 28 – Mulheres negras movem estruturas. Evento do Instituto Marielle Franco na Anistia em 2019
Fonte: Marcela Lisboa (2019).

Dentro do Instituto Marielle Franco, a partir do meu lugar de mulher negra, irmã de Marielle e diretora, construo coletivamente passos para que possamos nos tornar referência mundial por nossa luta. Afinal, ele tem vivido e servido como fonte de inspiração, ação e concretude para o nosso povo. Formar parceria com outras mulheres incríveis que me inspiram constantemente, tem sido uma de minhas maiores realizações. Poder traçar novas escrevivências com outras potências, tem sido aprendizado e troca, para uma instituição na qual eu acredito estar evoluindo e crescendo como a voz de Marielle fez mundo a fora após seu assassinato.

Sabemos que, através de organizações como o Instituto Marielle Franco, podemos aumentar o número de mulheres negras em espaços de decisão, e fazer com que essas mesmas mulheres inspirem outras, e assim sucessivamente, utilizando suas próprias experiências, o legado de Marielle Franco e as dinâmicas produzidas pelo Instituto.

Diante de tantas injustiças como as que foram citadas aqui, foi preciso agir. Chegamos ao final de 2019 com o intuito de criar ações para nos estruturarmos e nos apresentarmos diante da sociedade em 2020. O cenário da pandemia, já mencionei,

surpreendeu-nos. Além disso, acentuou o debate das desigualdades em diversas esferas. Assim, viramos nossa chave de estruturação, para a chave do agir urgentemente e ajudar milhares de pessoas a garantirem o mínimo em suas casas. Afinal, nós, o Instituto Marielle Franco, trouxemos Angela Davis ao Brasil em 2019, e ela nos lembra que, em nossa sociedade, "não podemos apenas não sermos racistas. Temos que ser antirracistas"[16]. Ser antirracistas significa agir em prol do que acreditamos que seja digno e justo para o nosso povo.



Fotografia 29 – Forças negras. Instituto Marielle Franco – outubro de 2019
Fonte: Arquivo Instituto Marielle Franco (2019).

Desenvolvemos inúmeros projetos para nos apresentar à sociedade como uma instituição que não só falava de Marielle, mas que agia como ela. A exemplo de todo trabalho feito até aqui, deixo abaixo fotografias e imagens, com breves descrições, que ilustram o trabalho que vem sendo criado. Afinal, registros como esses fazem parte das escrevivências já existentes no Instituto Marielle Franco, que vem sendo construído de forma esplendida e inspiradora.

[16] Em discurso proferido por Angela Davis em visita ao Rio de Janeiro, em outubro de 2019, em evento no Cine Odeon, no Centro do Rio de Janeiro.



Fotografia 30 – Ação do Instituto Marielle Franco em 14 de março de 2020, 2 anos sem respostas. "Lenção por Marielle". Rio de Janeiro, 2020.
Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).



Fotografia 31 – Ação *Live* da Elza por Marielle. Instituto Marielle Franco, 2020.
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Fotografia 32 – Casa Marielle Franco, 2020.
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

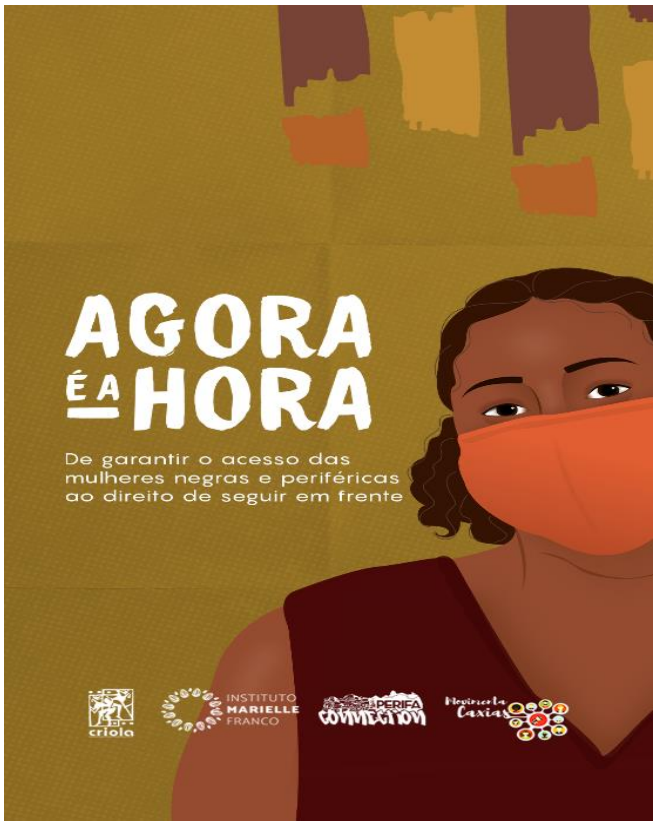


Figura 5 – Projeto Agora é a Hora. Instituto Marielle Franco, ONG Criola, Perifa Connection e Movimenta Caxias
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Fotografia 33 – Estátua Marielle Franco (meramente ilustrativa) em construção como um dos projetos futuros do Instituto Marielle Franco
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Figura 6 – Arte do Instituto Marielle Franco para as atividades do mês de março de 2020
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Figura 7 – Arte do Instituto Marielle Franco para o lançamento do dossiê no dia 14 de março de 2020
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Figura 8 – Arte da série Pra onde vamos
Fonte: Instituto Marielle Franco (2021).

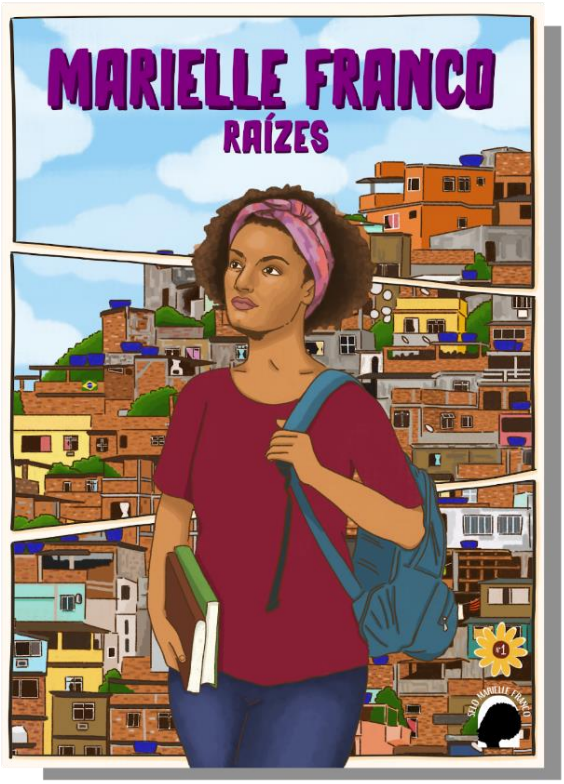


Figura 9 – Capa HQ Marielle Franco Raízes
Fonte: Instituto Marielle Franco (2021).



Figura 10 – Capa do Livro A radical imaginação política das Mulheres negras brasileiras
Fonte: Fundação Rosa Luxemburgo (2021).



Figura 11 – Arte feita para a campanha sobre as possíveis interferências no caso Marielle e Anderson
Fonte: Instituto Marielle Franco (2021).



Fotografia 34 – Família na luta
Fonte: Instituto Marielle Franco (2021).

Observadas essas imagens, apresento a seguir, brevemente, três ações que foram analisadas e desenvolvidas pelo Instituto Marielle Franco, a fim de demonstrar a

importância e a vitalidade da instituição em manter o legado, a memória e as escrevivências de Marielle Franco perante a sociedade.

Descrevo abaixo cada uma delas – “Mulheres negras decidem: para onde vamos”; “Agenda Marielle Franco” e “Violência política contra mulheres negras: eleições 2020”; descrevo ainda como essas ações se conectam com o eixo desta pesquisa: a memória e o legado de Marielle Franco e o quanto cada um fortaleceu e fortalece nossa caminhada até aqui.

4.2 – Mulheres negras decidem para onde vamos

Diante de tantas incertezas geradas pela crise global da pandemia de COVID-19, e de levantes pelas vidas negras e faveladas, vimos surgir novas formas de atuação de um grupo que cada vez mais cresce no Brasil: as mulheres negras ativistas. Essa era uma das agendas principais de Marielle Franco que o Instituto tomou como forma de manter seu legado e a memória viva dessa ação e prática política que projeta o passado e o presente no futuro.

O aprendizado da trajetória e da atuação das ativistas negras pode estilhaçar com as ilusões que insistem em colocar as mulheres negras apenas como potenciais beneficiárias dos programas emergenciais, e não como suas possíveis idealizadoras e implementadoras.

> A sensação de impotência deu o tom ao passo que a realidade, já difícil, transformou-se em catástrofe. O imenso abismo que separa as mulheres negras brasileiras do poder, ao qual a intelectual Sueli Carneiro (2009) diz ser ‘‘o mesmo que falar do ausente’’, definiu o teto das possibilidades que o grupo pode assumir na pandemia. Homens brancos são a esmagadora maioria dos líderes e tomadores de decisão nos processos de implementação das políticas de enfrentamento à COVID-19. Enquanto, os corpos negros protagonizam os indicadores de letalidade, de avanço do desemprego e empobrecimento. Mas nós vemos algo além disso. (MULHERES..., p. 5, 2020).



Figura 12 – Pesquisa Mulheres negras decidem: para onde vamos.
Fonte: Instituto Marielle Franco e Movimento Mulheres Negras Decidem (2020).

O fragmento acima não apresenta somente simples respostas dadas a quaisquer perguntas, são respostas que poderiam mudar a realidade de inúmeras mulheres negras, que diariamente estavam sofrendo com as incertezas. Perguntas essas que trouxeram para um campo visível, possibilidades de futuro, possibilidades do pensar e possibilidades do apontar para onde iremos após essa pandemia. Porém, com o foco mais importante de todos, um direcionamento negro.

A pesquisa foi construída em conjunto pelo Movimento Mulheres Negras decidem[17] e o Instituto Marielle Franco e "contou com uma equipe formada por mulheres negras de diferentes campos das Ciências Sociais, que utilizaram de um amplo conjunto de fontes e métodos mistos de pesquisa para explorar a atuação e a percepção das ativistas negras frente ao atual contexto". (MULHERES..., p. 5-6, 2020). Assim,

> o relatório demonstra que, em uma sociedade hierarquizada por opressões, acompanhar a atuação das ativistas negras diante de uma crise social, política e econômica representa uma chave analítica privilegiada. Afinal, se o poder se organiza e opera por meio de opressões interseccionais, então, a resistência

[17] Movimento fundado em 2018 com o intuito de contribuir com a narrativa potente de mulheres negras.

> das ativistas negras deve demonstrar uma complexidade comparável. Acessamos um diverso grupo de ativistas negras de idades variadas e de todas as regiões e estados brasileiros. Um grupo de mulheres com grande capilaridade territorial, 29% das entrevistadas moram fora das capitais dos seus estados. São mulheres negras que lideram o retrato do salto educacional da população negra realizado nos últimos anos, 93% das nossas entrevistadas acessaram a universidade. Apesar de representarem um grupo altamente escolarizado, persistem os desafios da autonomia econômica entre elas, afinal 57% das entrevistadas possuem renda familiar de até três salários mínimos. As nossas entrevistadas implementaram, monitoraram e avaliaram políticas públicas. Elas têm interesses e formas de atuação diversas, mas apontam para importância das disputas da institucionalidade. (MULHERES..., 2020, p. 6).

Toda informação que recebemos poderia nos despertar sentimentos que nos levassem a uma paralisia ou ao desejo de seguirmos adiante com toda força de que precisamos. Com esse relatório e os resultados, a tomada de posição do Instituto foi de imediatamente nos direcionarmos a encarar todo e qualquer desafio e fazer com que nossa imaginação e potencialidades nos levassem a direções de mudanças.

Metodologicamente, foi utilizado um questionário composto por um total de 41 perguntas, sendo 33 fechadas e 8 perguntas abertas, e dividido pelos blocos: De onde partimos, como atuamos e para onde vamos. As entrevistas foram

> "[...] realizadas em formato de formulário online que deram origem a essa pesquisa [e] foram aplicadas entre os dias 15 e 25 maio de 2020. Responderam a pesquisa, 252 mulheres negras, e, destas, 245 formulários foram validados.
> Em relação ao território, há respostas de todas as unidades da federação. Os Estados com mais respostas foram Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco. A proporção das respostas regionalmente, apresentou a seguinte ordem: 56% Sudeste, 24% Nordeste, 8% Centro-Oeste, 6% Norte, 6% Sul. [...] Contudo, lembramos que a pesquisa foi realizada em um cenário de quarentena no Brasil, no qual foi necessária internet e aparelho móvel de conexão com a internet para ter acesso à informação da pesquisa e o formulário. Em alguns casos, com 6 mulheres, o contato e o preenchimento foi feito por telefone. Ainda sim [sic], vemos que o percentual de mulheres negras com acesso à internet por região é sudeste (85%), nordeste (69%), centro-oeste (83%), sul (81%), norte (72%). (MULHERES..., 2020, p. 7-8).

Outro fato importante a se ressaltar sobre a pesquisa é que os dados mostraram o impacto de cada

> [...] escolha na vida das mulheres negras ativistas. Dentre as 245 mulheres, 93% delas acessaram o Ensino Superior, sendo 19% com superior incompleto, 24% com superior completo e 50% com pós-graduação concluída ou em andamento. Com pós-graduação, 11% já acessou o doutorado. Apenas 7% das mulheres não acessaram a universidade, 5% com Ensino Médio completo e 1% com Ensino Médio incompleto.
> Apesar do alto nível educacional, o movimento não se repete quando olhamos para a Renda Mensal Familiar das mulheres que responderam à pesquisa. A maioria, 57% delas, possuem renda familiar de até três salários mínimos. Dessas, 3% declararam estar sem renda, 12,7% têm renda de até

> um salário mínimo (até R$ 1.045,00), acima de um até dois salários mínimos (de R$1.045,00 até R$ 2.090,00) 23,7% e 17,6% acima de dois até três salários mínimos (+ de R$2.090,00 até R$ 3.135,00). Não existe uma variação significativa quando comparamos o grupo de mulheres negras ativistas que moram em comunidades e favelas e os grupos que não moram em relação ao acesso ao Ensino Superior, 92% das mulheres que moram em comunidade ou favela acessaram o superior e das que não moram 93%. (MULHERES..., 2020, p. 15-16).

Diferente do que muitas de nós ouvimos por aí, a pesquisa trouxe dados que reforçam o quanto temos tomado a aposta na formação educacional como um fator possível para enfrentar e minimizar as assimetrias. Lembro-me perfeitamente que, em uma palestra sobre Marielle, em Minas Gerais, uma senhora branca me perguntou como eu poderia estar em meu terceiro mestrado, tendo nascido na Maré e sendo negra. É importante pontuar, aqui, que uma das maiores dificuldades para as ativistas era — e é — a falta de recursos para realizar suas ações, e não as condições intelectuais delas.

O relatório pretendeu colaborar para a implementação de formas de mudanças sociais tangíveis, "[...] capacitando as mulheres negras a saberem qual é a sua situação neste país, mas também informando a sociedade [...]" (MULHERES..., 2020, p. 41) a respeito do que está acontecendo neste importante movimento e colaborar para a pergunta de como fazemos a imaginação social e política das ativistas negras a base da nossa saída da crise brasileira.

Porque a pesquisa nos fez perceber ainda mais a importância do crescimento em diversas atividades dentro do Instituto, ressalto aqui, que eu, enquanto diretora do Instituto Marielle Franco, reforço a grandeza que tem sido fortalecer lideranças e organizações diversas de ativistas, que diariamente se encontram na linha de frente lutando por mais dignidade e vida.

Não poderíamos agir diferentemente do que determinam nossos valores, pilares e tudo que estamos construindo. Assim sendo, acredito que, a cada projeto, estaremos fortalecendo o legado e o transformando em memória viva e pujante para futuras gerações.

Reconhecer lideranças e construir narrativas possíveis para um futuro em que estejamos vivas é primordial para o Instituto como um todo, mas também para que possamos fielmente nos manter vivas e protagonizar nossa própria história. Analisando o resultado obtido após o relatório "Pra Onde Vamos", confirmamos que a criação do

Instituto Marielle Franco foi vital para consolidar ainda mais o legado e a memória de Marielle Franco.

Isso ocorre não somente no âmbito político institucional, como veremos abaixo na “Agenda Marielle Franco”, mas também dentro das pautas tocadas por organizações da sociedade civil como um todo. Dessa nossa pesquisa, nasce a série do “Pra onde vamos”, além do livro *A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras*, que aponta caminhos possíveis por onde queremos e devemos ir, enquanto estivermos vivas. Imaginar uma política repleta de mulheres negras é possível e trabalhamos para que assim ocorra. Essa ação consolida a memória e o legado de Marielle Franco.

4.3 – Agenda Marielle Franco

A “Agenda Marielle Franco” foi um dos eixos da nossa plataforma antirracista nas eleições (PANE), criada em 2020, com uma proposta inicial de ser o nosso guarda-chuva de ideias e ações para essa tão difícil campanha eleitoral. Essa plataforma foi um conjunto de ferramentas desenvolvidas pelo Instituto Marielle Franco e parceiras, com o objetivo de reconfigurar o sistema político atual, que foi programado para impedir que corpos de mulheres e homens negros acessem espaços de decisão.

Sendo assim, dentro da PANE, criamos a Agenda, como uma de nossas ações principais. Sua principal proposta era reforçar que fazer política deve ir além da proposição de projetos de lei. Durante toda a disputa eleitoral das eleições municipais de 2020, resgatamos aprendizados que Marielle nos deixou, bem como as políticas públicas prioritárias que ela defendia.

Nossa ideia era colaborar para o desenvolvimento de cidades, favelas e periferias mais justas, inclusivas, sustentáveis, com respeito à diversidade, principalmente a partir daquelas pessoas que se inspiravam em Marielle.

Na "Agenda”, obtivemos uma sistematização do trabalho potente feito em um ano e três meses por Marielle, concretizando isso em um documento que trazia o compromisso com práticas e pautas antirracistas, feministas e populares, a partir do legado e da memória de Marielle para as eleições de 2020.

Tal documento trazia a prática do falar e do fazer com o nome de Marielle, que se tornava marco político e eleitoral durante as diversas campanhas de 2020, ano que marca a primeira eleição municipal após o brutal assassinato. Todas aquelas

candidaturas que queriam verdadeiramente honrar essa memória e multiplicar esse legado, puderam se comprometer com todas as práticas e pautas, tornando-se defensoras da "Agenda".

Esse esforço foi uma maneira não apenas de fazer valer o que Marielle acreditava, mas também potencializar as inúmeras sementes que estão vindo disputar o espaço hostil e violento que é a política institucional, em especial para mulheres negras. Acredito que as práticas e as políticas defendidas e construídas por Marielle, sistematizadas na "Agenda Marielle Franco", ajudaram a enxergar um futuro possível para o momento tão sombrio que a política brasileira enfrenta, que nos afeta desde o assassinato de Marielle, em 2018.

Com a crise sanitária, política e social, que se agravou a partir de 2020 devido à Covid-19 no Brasil, que já custou milhares de vidas e hoje representa mais um desafio para as políticas sociais em nosso país, nós nos vimos chamados a fortalecer ainda mais todas, todes e todos que, com respeito, usavam seu nome, transformando então, a "Agenda" em mais um adendo para fortalecer os nossos e as nossas.

A metodologia criada para a execução da "Agenda Marielle Franco" foi formulada a partir de uma análise feita criteriosamente pela equipe do Instituto Marielle Franco, em toda a produção legislativa da *mandata* de Marielle em um processo que se deu em quatro etapas. A primeira consistiu em assistirmos a todas as falas de Marielle do plenário da Câmara de Vereadores e outros discursos seus. Na segunda etapa, entrevistamos algumas de suas assessoras de diferentes áreas do gabinete. Para execução da terceira etapa, estudamos as justificativas de projetos de lei e outros documentos produzidos pela *mandata*. A última e quarta etapa foi a sistematização de todas as observações colhidas e transformadas em sete práticas e sete pautas.

Essas pautas foram definidas como o modo de fazer política de Marielle Franco e nomeadas em: 1) diversificar, não uniformizar; 2) ampliar, não limitar; 3) honrar, não apagar; 4) coletivizar, não individualizar; 5) puxar, não soltar; 6) escancarar, não se encastelar; 7) cuidar, não abandonar. Já as práticas, nomeamos em: 1) justiça racial e defesa da vida; 2) gênero e sexualidade; 3) direito à favela; 4) justiça econômica; 5) saúde pública, gratuita e de qualidade; 6) educação pública, gratuita e transformadora; 7) cultura, lazer e esporte.

Com o documento em mãos, disponibilizamos no site agendamariellefranco.org toda a documentação recolhida e produzida por nós, para leitura daqueles que quisessem se comprometer com as práticas e pautas. A ordem metodológica para o comprometimento da "Agenda" era a leitura do documento no primeiro momento, o preenchimento do questionário, a análise das respostas por parte de nossa equipe e a divulgação da lista com as pessoas comprometidas e aprovadas após questionário respondido, lembrando que qualquer pessoa poderia se comprometer com a "Agenda". Porém, após o preenchimento do questionário e nossa análise, a pessoa só era implementada à "Agenda" se concordasse com cem por cento das ideias ali presentes.

Nas eleições de 2020, mais de 700 candidaturas de 300 municípios de todo o país assinaram e se comprometeram com a "Agenda Marielle Franco", sendo eleitas 82 parlamentares, espalhadas por 54 cidades em todas as regiões do país, sendo sua maioria mulheres negras que já em 2021 iniciaram seus mandatos atuando nas lutas defendidas por Marielle.

O resultado da "Agenda" foi incrivelmente positivo para o Instituto e para todas as candidaturas comprometidas. Primeiro, porque tivemos inúmeros parceiros do Instituto que até o último momento nos perguntavam sobre candidatos/as comprometidos/as para que pudessem votar; segundo, porque conseguimos desenvolver projetos com essas candidaturas e acompanhar todo e qualquer trabalho desses diversos mandatos.

Por fim, entendo a "Agenda Marielle Franco", como mais uma prova concreta, que obteve resultados significativos do porquê de a criação do Instituto Marielle Franco foi mais um passo essencial para consolidação desse legado e dessa memória coletiva, não apenas por termos ajudado a eleger essas candidaturas, mas por entendermos que estamos do lado certo da história, construindo e consolidando nossa resistência de maneira organizada e concreta. Manter o legado, a memória e tudo que condiz com o que Marielle Franco representa exige competência, coragem e força. Nisso, o Instituto Marielle Franco tem sido pioneiro.



Figura 13 – Arte desenvolvida pelo Instituto Marielle Franco para a divulgação da PANE
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



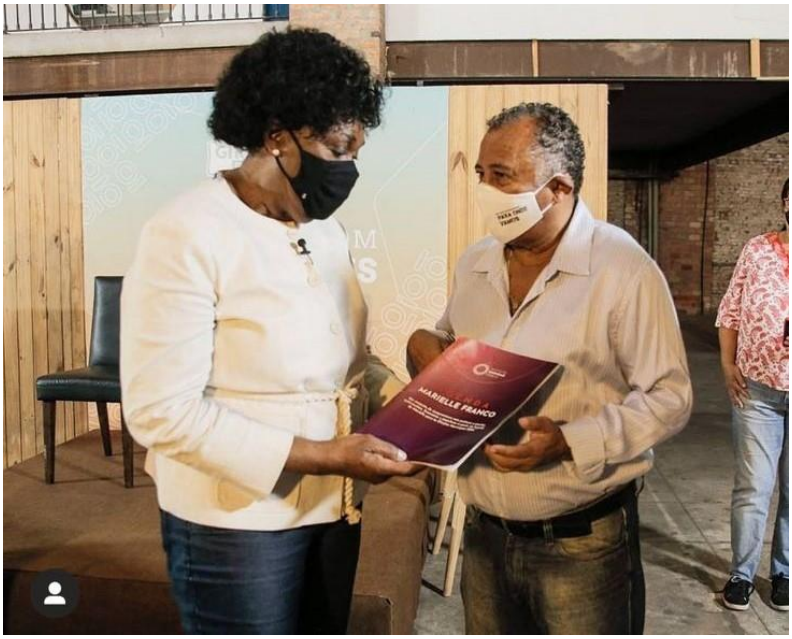
Figura 14 – Plataforma Antirracista nas Eleições
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Figura 15 – Agenda Marielle Franco: do discurso à prática Marielle.
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Figura 16 – Arte feita para a divulgação da Agenda Marielle Franco
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Fotografia 35 – Entrega da agenda para Benedita da Silva por Sr. Antônio, pai de Marielle Franco
Fonte: Mayara Donaria (2020).



Fotografia 36 – Acompanhamento das candidaturas da Agenda
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Fotografia 37 – Acompanhamento das candidaturas da Agenda
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).



Figura 17 – Arte: Acompanhamento das candidaturas da Agenda
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

4.4 – Violência política contra mulheres negras: eleições 2020

> O problema da violência política no Brasil é histórico e tem raízes estruturais refletidas em nossa sociedade. Os direitos políticos são direitos fundamentais e promover seu exercício é dever do Estado e de todos os demais atores participantes do sistema político brasileiro. (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020, p. 5).



Figura 18 – Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

Na pesquisa "Violência política contra mulheres negras", realizada pelo Instituto Marielle Franco, em parceria com as instituições Terra de direitos e Justiça Global, nosso objetivo era retratar o impacto que a violência política teve e segue tendo sob os corpos de mulheres negras candidatas durante as eleições de 2020. É importante ressaltar que, historicamente, as mulheres negras que colocam seus corpos à disposição

da política institucional, têm recebido diversos tipos de violência e opressões estruturais de raça, gênero e classe.

Assim, é importante pontuar que:

> o Instituto Marielle Franco nasce de uma violência política brutal. O assassinato de Marielle e Anderson expôs ao mundo as rachaduras estruturais presentes na frágil democracia brasileira. Nossa missão, além de fortalecer e apoiar mulheres negras, LGBTQI+s e periféricas, é atuar para diminuir os índices de violência política contra mulheres negras não só no Brasil, mas em toda América Latina. (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020, p. 5).

Entre os objetivos apresentados, estava o árduo papel de mapear quais tipos de violência política vinham se manifestando contra o corpo de candidatas negras, analisar o cenário da violência política eleitoral contra mulheres negras nas eleições de 2020, visibilizar e pautar o impacto que esse tipo de violência tem sobre a vida política das mulheres negras do Brasil e contribuir para a produção de medidas efetivas para superar e mudar esse cenário no país.

Diante do cenário em que estávamos em 2020, entendemos que era urgente e necessária a promoção de mecanismos que garantissem

> [...] o direito ao livre exercício político das populações negras e indígenas, em especial das mulheres. Não é possível protelar mais a necessidade de uma incidência efetiva por parte das autoridades públicas no que diz respeito à segurança e à proteção daquelas que colocam seu corpo à disposição para a política. (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020, p. 5).

Por conta da participação assídua dessas mulheres, ressalto aqui o meu mais profundo agradecimento a cada uma, pois,

> o trabalho aqui descrito só pôde ser desenvolvido com a presença, dedicação e participação de candidatas negras da Agenda Marielle Franco de todas as regiões do Brasil. Mulheres negras em campanha eleitoral, enfrentando as mais diversas violências e dificuldades, alinhadas com a defesa de um projeto de sociedade - além das urnas – comprometido com as pautas e princípios de Marielle Franco e a vida das mulheres negras do país. Dirigimos a vocês, nosso mais sincero respeito e agradecimento. Como vocês, reafirmamos e reforçamos o nosso comprometimento com a luta. (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020, p. 5).

Como já citado acima, para a execução da parte metodológica da pesquisa, acessamos mulheres negras eleitas que se comprometeram com a "Agenda Marielle Franco", em que tivemos mais de 700 candidaturas comprometidas, espalhadas em 300 municípios do país.

Sendo assim, desenvolvemos um questionário *online*, que tinha como objetivo caracterizar os diferentes tipos de violência eleitoral, vividas por essas mulheres negras

durante a campanha de 2020. Totalizamos 142 mulheres negras que participaram, respondendo e enviando o questionário.

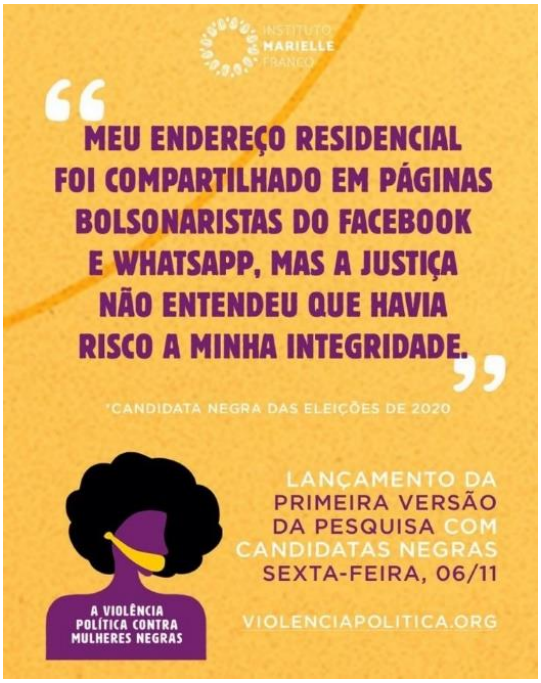


Figura 19 – Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

Para avaliar os dados apresentados, dividimos nosso trabalho em quatro etapas. Na primeira, elaboramos o questionário *online* com 41 perguntas, sendo 33 fechadas e 8 abertas. Dividimos, em blocos, as perguntas sobre perfil sócio demográfico, mapeamento das ocorrências, denúncias e relatos.

Na segunda etapa, as candidatas responderam o questionário. Com isso, observamos que todas as regiões do país foram abrangidas. Tivemos um total de 142 mulheres negras candidatas, de 21 estados do país, pertencentes a 93 municípios e de 16 partidos diferentes.

Na terceira, respeitando o protocolo de confidencialidade, armazenamos e sistematizamos todos os dados que pautaram nossas reflexões e conclusões. Já na quarta etapa, construímos a escrita desse relatório, em que decidimos inclusive por citar apenas cargos e não referenciar os municípios ou estados, mantendo nosso acordo sobre manter sigilo absoluto sobre suas as identidades das candidatas.

Dos resultados e perfis encontrados na pesquisa, ressalto que 89% das participantes são vereadoras, 8% prefeitas e 2% vice-prefeitas. Além disso, 69% são originárias de favelas e periferias, 38% são do candomblé, umbanda e outras religiões

de matriz africana, 27% das candidatas são LGBTQIAP+, 5% são de origem quilombola, 3% de origem indígena e 2% de origem da zona rural.

É fundamental pontuar também que 98,5% das candidatas relataram ter sofrido ao menos dois tipos de violência política, dentre as quais identificamos violência virtual, moral e psicológica, institucional, racial, física, sexual e de gênero.

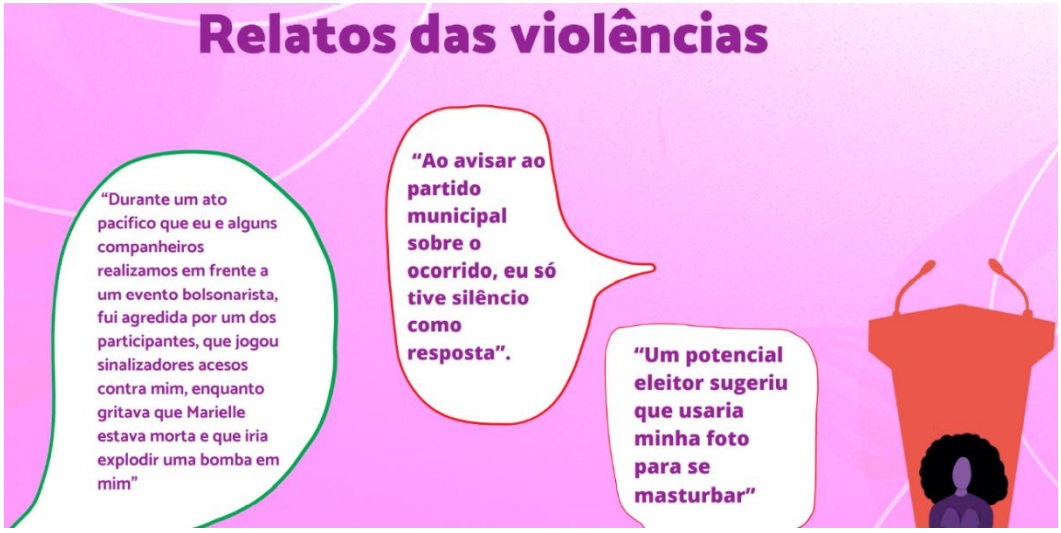


Figura 20 – Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

Outro fato que merece destaque pontuar é que 8 a cada 10 mulheres candidatas negras comprometidas com a "Agenda Marielle Franco" sofreram algum tipo de violência virtual. Lembremos que, em 2020, com o cenário pandêmico, tivemos campanhas realizadas majoritariamente em âmbito virtual. Vimos também que 6 a cada 10 mulheres sofreram violência moral e psicológica e 5 a cada 10, violência institucional.

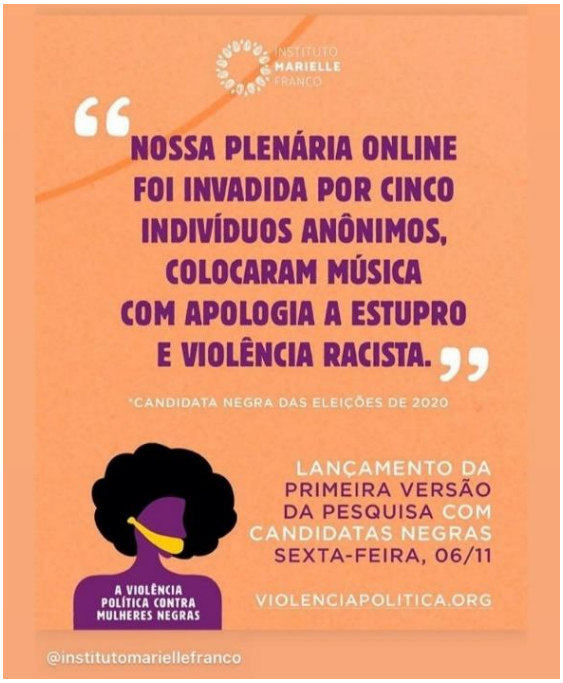


Figura 21 – Arte: Pesquisa "Violência Política Contra Mulheres Negras Nas Eleições 2020"
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

Por outro lado, do total de mulheres que sofreram violência política nessas eleições, apenas 32% efetuou denúncia, o que nos dá o tamanho do desafio que ainda temos a enfrentar. Ressalto:

> entre o total das participantes que responderam a pergunta sobre denúncia, 29% afirmou não ter denunciado por não querer, enquanto 17% sinalizaram não se sentirem seguras ou sentir medo de denunciar a violência que sofreu, 6,8% das participantes indicaram não ter denunciado por não saberem onde denunciar. O restante respondeu com relatos de denúncias. Também entre as participantes, 7,2% sinalizou não se sentir à vontade para responder essa pergunta. (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020, p. 27).

Com os dados nas mãos e a realidade dessas inúmeras violências caindo sobre nós diariamente, percebemos que precisávamos agir para além da pesquisa. Foi necessário um trabalho árduo de nossa equipe de comunicação para divulgarmos a pesquisa e demonstrar às pessoas de todo o país que qualquer tipo de violência contra mulheres que se candidatam é inadmissível. Não bastava falar para uma bolha que já nos acompanhava, foi preciso ir além, e assim fizemos.



Fotografia 38 – Audiência com o Ministro
Fonte: Instituto Marielle Franco (2020).

De uma forma geral, os projetos, ações, pesquisas e eventos construídos pelo Instituto Marielle Franco, como a Casa Marielle, a *live* da "Elza Soares por Marielle", a vinda de Angela Davis ao Brasil, o projeto "Agora é a hora", a Plataforma Antirracista Nas Eleições, a "Agenda Marielle Franco", o "Mapa corona nas periferias", o projeto "Mulheres negras decidem – para onde vamos", o "Brasis Pandêmicos", a pesquisa "Violência política contra mulheres Negras nas eleições 2020", entre outros, trazem uma importante vertente de forma potente a respeito de tudo em que acreditamos e por que lutamos, principalmente mostra que somos contra qualquer tipo de violência.

Como diretora e fundadora do Instituto, eu trouxe para dentro dele e incluí essa visão de mundo pautado por mulheres negras em nossos valores, em nossa missão e em nossos pilares. Tudo foi pensado e colocado em prática para galgar nosso espaço e dizer que nós resistiremos e nos manteremos aqui, na luta, por ela, por nós e por tantas outras que virão. Esse ano, inclusive, lançaremos a segunda versão da pesquisa sobre violência política.

Organizações e movimentos como o Instituto Marielle Franco, a ONG Criola, o Fundo Baobá, a Odara, o Instituto Geledés, o Movimento Mulheres Negras Decidem, o projeto Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras da Bahia, a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, o Fórum Marielles, e a Casa das Pretas, existem com a missão de aumentar nosso protagonismo e fazer com que essas outras mulheres tenham acesso a Conceição Evaristo, Vilma Piedade, Angela Davis, Lélia Gonzales, e tantas outras. Se,

ao produzirmos atividades, cursos, palestras, campanhas, *lives*, pesquisas, e darmos acesso a todo esse conteúdo para tantas outras mulheres negras que somam conosco nesta importante luta estamos indo contra todo esse sistema que nos divide e nos oprime, romperemos barreiras para que essas mulheres possam ocupar lugares de decisão e também continuar espalhando e fortificando todo o legado de Marielle a partir delas e através do Instituto Marielle Franco.

Vemos, hoje, um país no qual o ódio se propaga rapidamente, mas, quando falamos "Marielle", o ódio se alastra como fogo no álcool. Somos fruto dessa tragédia que não podia nos paralisar, não podia nos derrubar. Mas agimos com cautela, para que também nós não sejamos vítimas desse estado que matou minha irmã. Reivindicar nosso lugar nessa sociedade tem sido foco de nossas intenções aqui dentro. Mesmo sendo reprimidos, negados, excluídos, não descansaremos de seguir abrindo espaços para nós e por nós. Grada Kilomba afirma:

> a reivindicação de feministas negras não é classificar as estruturas de opressão de tal forma que mulheres negras tenham que escolher entre a solidariedade com homens negros ou com mulheres brancas, entre "raça" ou gênero, mas ao contrário, é tornar nossa realidade e experiência visíveis tanto na teoria quando na história" (KILOMBA, 2019, p. 108).

O reconhecimento da sociedade civil e de diversos parlamentares do país à frente de ações fundamentais contra violência política resultou em participações importantes de nossa organização, como o discurso proferido na ONU e na Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Dessa forma, entendi que o resultado de tudo vem sendo galgado após o crescimento do Instituto, visando a incidir, potencializar, inspirar e manter vivos legado e memórias de Marielle, essas são decisões vitais e assertivas para que tudo isso aconteça.

O Instituto Marielle Franco, com suas ações, equipe e trajetória, até aqui, demonstra que o legado é imenso, vasto, mundial, mas que é, acima de tudo, legitimado por essa escrevivência de dor que invadiu a família, mas que potencializou um catalisador de força e fazeres.

Saímos do choro para a luta, da queda para gritarmos avante. Saímos com nossos orís [18]erguidos e fortalecidos, da Maré para o mundo. Saímos do ventre preto para alcançarmos nada menos do que merecemos.

[18] Orí: termo usado na filosofia africana iorubá para referirmos ao nosso destino.

Marielle está e estará presente no Instituto Marielle Franco e em mim, para sempre, pois ela é luz, ancestral e vida, é potência que corre dentro de cada um que entende sua trajetória. Ela me fez e me faz erguer minhas garras para tudo aquilo em que acredito sem temer o embate.

Ela é vitalidade em forma de mulher que sangrou em vida e morreu sem que conseguissem calar sua voz. Não adiantou atirar pelas costas, acertar sua cabeça e matar seu corpo, porque, mesmo assim, mesmo na ausência material, ela se faz presente, fortalece, enobrece e segue abrindo caminhos para mim, para você e para todas que virão. Assim, encerro esse capítulo com uma pergunta feita no Twitter, veiculada também no jornal O globo, para que possamos seguir lembrando que queremos nossas mulheres eleitas e vivas.



Fotografia 39 – Arquivo pessoal do twitter
Fonte: Twitter (2020).

Considerações finais

Falar de algo que me rasga a alma não foi uma tarefa fácil. Falar de algo que me leva constantemente direto para o meu eu mais profundo e mais sofrido é forte como parir uma filha, algo sobre o qual entendo, afinal, eu pari duas. Falar daquilo que toca o nosso íntimo é buscar constantemente força de onde achamos que não temos, mas encontramos.

Falar de Marielle e de tudo que em vida eu passei com ela, e de como ela me influenciou e influencia, é como me prender em meu sonho mais difícil e ter medo de acordar. Tenho memórias de amor, de dor, de choro, de garra, de alegria, de nascimento, de morte, de términos, de risadas, de tudo, tudo que sinto. Sentir é tão forte que nenhuma palavra seria capaz de definir o que sinto nesse momento em que me debulho em lágrimas desejando ter Marielle aqui comigo, ao meu lado, me elogiando e se orgulhando por eu ter chegado até aqui e principalmente por tudo que temos construído em seu nome.

Minha irmã me deixou coisas que tenho de mais preciosas nessa vida: meu caráter, meu sorriso, minha gana de vencer, minha garra para lutar, minha força, minha família e meus sonhos. Quando pequenas, sonhamos em nos formar, fazer mestrado e doutorado. O mestrado, nós conseguimos; o doutorado, farei por mim e por ela. Assim como dedico este trabalho e ela, dedicarei todos os próximos também.

Na roda da vida, Marielle me ensinou que, mesmo que nos neguem espaço, arrombamos. Ensinou que, mesmo quando nos abandonam, sacudimos o cabelo, colocamos um belo de um funk e balançamos a raba na direção da felicidade. A mulher que me pariu e as mulheres que me criaram me ensinaram que ninguém manda na minha felicidade, nos meus objetivos, que ninguém limita o meu voo e que ninguém no mundo pode me deter e deter a força que vem das netas de Filomena e filhas de Marinete.

Por isso, sigo, sigo com minhas memórias, minhas escrevivências, tomando conta desse legado e sonhando com dias melhores para mim e para o mundo. Memórias. Para as populações negras, essa palavra pode ser a chave que conecta os aprendizados basilares residentes em nossa eterna busca por libertação. Negada historicamente, acessar nossa memória não é uma tarefa fácil, seja pela ausência de ferramentas que nos apontem o caminho ou, principalmente, pela violenta retirada de nossas referências

durante a vida, nossas memórias costumam ser marcadas pela “dororidade”, o nosso reconhecimento mútuo através da dor.

Mas, seja por dororidade ou não, para nós, mulheres negras, o debate sobre memória está diretamente ligado à construção de nossa identidade. É na filosofia africana que encontramos a simbologia que indica a volta ao passado é ressignificar o presente, e também mostra que “eu sou, porque todas nós somos”.

Engana-se quem acha que resgatar a memória é somente abrir as portas do passado; pelo contrário, a memória das mulheres negras é a chave do futuro. Os movimentos de mulheres negras questionam a história ao longo do século — a mesma contada no ambiente escolar e na universidade —, numa tentativa incansável de promover a voz daquelas que por muito tempo foram coadjuvantes na formação da sociedade brasileira.

O protagonismo das mulheres negras ao contar suas histórias tem o objetivo central de retirar da invisibilidade os feitos, as lutas e as conquistas daquelas que resistiram e resistem bravamente contra as violências de caráter interseccional, como raça, gênero e classe. Ao contar nossas histórias, a tentativa é de fomentar o que entendemos por “memória coletiva”, e essa coletividade é ancestral, brota de raízes secas, de climas não propícios a ela, mas sempre brota a partir das trajetórias de muitas de nós.

Espero que você, leitora, leitor, tenha encontrado nessas páginas múltiplas escrevivências baseadas na trajetória e na luta de uma mulher negra em especial: Marielle Franco, minha irmã, minha confidente, minha melhor amiga. Foi Conceição Evaristo que disse que nossa escrita nasce a partir de nosso cotidiano, de nossas lembranças, da experiência de viver e sentir a vida real. Jogadas à margem deste projeto de sociedade falho e racialmente dividido, somos aquelas que produzem frutos da memória coletiva de minha irmã. É certo que o fato de compartilharmos nossas perspectivas subjetivas e materiais potencializa o legado da Marielle.

Marielle trazia, em seu corpo, signos diversos: era mulher, negra, favelada, bissexual, lésbica, vereadora, defensora de direitos humanos, mãe, irmã e filha. Assim como outras mulheres negras, era atravessada por múltiplos desafios estruturais cotidianos. Esse sentido de organização e liderança presente nela, retrato de nossa

família de mulheres negras fortes, reflete a importância da representação a partir de nossos próprios termos, e inspira o imaginário da luta de outros milhares de nós.

Em seu legado, Marielle tem projetos de transformação, e eu busquei trazer até você pistas e retratos de sua força pela ótica e pela escrita de uma de suas mais fiéis sementes.

A ação de resistência das mulheres negras é longeva e ininterrupta, atravessa o espaço social de subalternidade e invisibilidade a que nós fomos submetidas pelo racismo e pelo sexismo estruturantes das dinâmicas sociais brasileiras. Lélia González, uma de nossas referências, dizia que nós, mulheres negras, atuamos dentro dos movimentos organizados precisando sempre conquistar nosso espaço: na condição de negras e de mulheres. Essa tomada de consciência e luta postulada por nós não é mera tomada de poder pessoal, mas sim uma ação coletiva capaz de nos colocar enquanto sujeitas ativas da mudança e da transformação, assim como Marielle fazia.

É por essa chave interpretativa que sigo adiante, caminhando pelos próximos anos, cheia de escrevivências que compõem a memória coletiva de minha irmã. Entendendo que nossa maior estratégia de sobrevivência habita em nossa ancestralidade, conectadas às pegadas de Marielle Franco, essas mulheres que dissertam por aqui são as sementes que nos ajudam a continuar defendendo a memória, multiplicando o legado e lutando por justiça.

Que Marielle siga, então, inspirando a luta e a construção política de muitas mulheres negras que estão pelo mundo, e que sua trajetória seja a maré que inunda o oceano de transformações que ainda veremos transbordar. Seguiremos com nossas escrevivências, ainda que doloridas ou assertivas.

Eu sou, porque nós somos!

Referências

43% DOS UNIVERSITÁRIOS negros não falam inglês, diz pesquisa. **Folha Dirigida**. Rio de Janeiro, 11 jun. 2020. Disponível em: https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/mercado/43-dos-universitarios-negros-nao-falam-ingles-diz-pesquisa-interna. Acesso em: 10 jan. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todas feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AMARELO: é tudo pra ontem. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Laboratório Fantasma; [*s. l.*]: Netflix, 2020. Documentário exibido pela Netflix (89 min), color.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106. Acesso em: 20 ago. 2020.

CARDOSO, Edson Lopes. **Memória de movimento negro**: um testemunho sobre a formação do homem e do ativista contra o racismo. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16032015-151945/publico/EDSON_LOPES_CARDOSO_rev.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132. dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 out. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CICLO DE CONFERÊNCIAS: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS, 1., 2021, [*s. l.*]. **Curso de Extensão** [...]. [São Paulo]: Casa Sueli Carneiro: Instituto Singularidades, 2021. The

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo 2019.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. **The Combahee River Collective statement**. [S. l.]: Combahhe River Collective, [201-?]. Disponível em: https://americanstudies.yale.edu/sites/default/files/files/Keyword%20Coalition_Readings.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. *In*: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 43-54.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 9-17.

ESSED, Philomena. **Everyday racism:** reports from women of two cultures. Claremont: Hunter House, c1990.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra' [Entrevista cedida a]. Juliana Domingos de Lima. **Nexo.** São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99. Acesso em: 20 jan. 2021.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo **Literafro**. Belo Horizonte, 14 maio 2018. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo. Acesso em: 15 jul. 2018.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: "Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio". [Entrevista cedida a] Carta Capital. **Carta Capital**. São Paulo, 13 maio 2017b. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/. Acesso em: 26 out. 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54. Disponível em: https://bit.ly/3wTEj9H. Acesso em: 10 jan. 2021.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: https://bit.ly/3wTEj9H. Acesso em: 10 jan. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural**: (programa completo). [*S. l.*: *s. n.*], 2017c. [Entrevista cedida a]: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. Publicado pelo canal TVBrasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo. Acesso em: 15 jul. 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 35, p. 17-31, 2. sem. 2009. Disponível em: http://

periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510. Acesso em: 26 out. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017b.

FRANCO, Anielle. Nossas escrevivências importam. **UOL Ecoa: por um mundo melhor**. São Paulo, 20 jul. 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/anielle-franco/2020/07/20/nossas-escrevivencias-importam.htm. Acessado em: 10 dez. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. **Mulherio**, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 8-9, set./out. 1981. Disponível em: http://cedoc.crpsp.org.br/bitstream/handle/1/2763/I_3_1981menor.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 out. 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras:** Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na sociedade brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, 1984, p. 223-244

GUETO. Compositores: Iza, Pablo Bispo, Ruxell, Sergio Santos. Intérprete: Iza. Rio de Janeiro: Warner Music, 2021. 1 Single (2 min).

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **E Eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019b.

hooks, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019c.

hooks, bell. Vivendo de amor. **Portal Geledés**. São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/. Acesso em: 10 dez. 2020.

IGLESIAS, Fabio; ALFINITO, Solange. A abordagem multi-metodológica em comportamento do consumidor: dois programas de pesquisa na oferta de serviços. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 139-165, jan./jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v6n1/v6n1a06.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. **Quem somos nós?** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.institutomariellefranco.org/#4. Acesso em: 20 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAZ, Alessandra; PASSOS, Pâmella; LOUZADA, Williana. Pesquisadora ou militante?: análises do pesquisar (sobre)implicação. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 212-223, 2013. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41550/28819. Acesso em: 26 out. 2020.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. **Feminismo negro em construção**: organização do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

LIMA, Fátima; GAMBETTA, Julia B. "Parem de nos matar": a bionecropólitica genderizada e a persistência de mulheres indígenas e negras na Améfrica Ladina. **Gênero**, Niterói, v. 20, n. 2, p. 85-109, 1. sem. 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/44570/25624. Acesso em: 26 out. 2020

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, jan./jun. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308. Acesso em: 20 out. 2020.

MAZZARELLA, William. The myth of the multitude, or, who's afraid of the crowd? **Critical Inquiry**, Chicago, v. 36, n. 4, p. 697–727, 2010.

MECHERIL, Paul. **Liberty for migration and social behavior**. [*S. l: s. n.]*, 1997.

MEU LUGAR. Intérprete: Arlindo Cruz. Compositores: Arlindo Cruz e Mauro Diniz. *In*: SAMBISTA perfeito. Intérprete: Arlindo Cruz. [Rio de Janeiro]: Deckdisc, 2007. 1 CD, faixa 1.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2018.

MULHERES negras decidem: para onde vamos. [Rio de Janeiro]: Mulheres Negras Decidem: Instituto Marielle Franco, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O sangue e a esperança. **Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**. Belo Horizonte, 16 abr. 2018. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/11-textos-dos-autores/459-abdias-nascimento-o-sangue-e-a-esperanca. Acesso em: 10 jan. 2021.

OLIVEIRA, Fabiana Luci. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2015. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.2.03/4787. Acesso em: 26 out. 2020.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Ed. Nós 2017.

PIZZANI, Luciana *et al*. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28. Acesso em: 24 out. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jul./dez. 1992. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080. Acesso em: 20 out. 2020.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzales**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 446-457, 2. sem. 1995. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16459/15033. Acesso em: 26 out. 2020.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 987-1004, set./dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/8DwmqbJg8ZbFqPCDqbfsWqd/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 out. 2020.

SANKOFA: significado desse símbolo africano. *In*: DICIONÁRIO de símbolos: significado dos símbolos e simbologia. Disponível em: https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/. Acesso em: 26 out. 2020.

SANTANA, Bianca. Apresentação. *In*: SANTANA, Bianca (org.). **Inovação ancestral de mulheres negras**: táticas e políticas do cotidiano. São Paulo: Imantra Comunicação, 2019a. p. 17-20. Disponível em: http://oralituras.com.br/wp-content/uploads/2019/05/inovacao-de-mulheres-negras_2019_web_site.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

SANTANA, Bianca. Posfácio. *In*: SANTANA, Bianca (org.). **Vozes insurgentes de mulheres negras**: do século XVIII à primeira década do século XXI. Belo Horizonte: Mazza, 2019b. p. 299-303.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP Ed., 2015.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. **Memória, imaginário e poder**: práticas comunicativas e de ressignificação das organizações de mulheres negras. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://dlc.library.columbia.edu/catalog/ldpd:504674/bytestreams/content/content?filename=Ana_Angelica_Sebastiao_2007.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p .65–82, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 out. 2020.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da *et al*. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUC-PR, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em: 24 out. 2020.

SOUZA, Christiane Malungo de Albuquerque. **Entre o Atlântico e a Atlântica**: (re)existências em movimento. 2021. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2021. Em fase de elaboração.